



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Jornalismo esportivo e nacionalismo de ocasião.
Análise da cobertura da Copa das Confederações 2013 pelo
Linha de Passe da ESPN Brasil.

Autor: Renan Apuk da Silva Costa
Orientador: Fernando Oliveira Paulino

Brasília, 2013

RENAN APUK DA SILVA COSTA

Jornalismo esportivo e nacionalismo de ocasião.
Análise da cobertura da Copa das Confederações 2013 pelo
Linha de Passe da ESPN Brasil.

Monografia apresentada ao
Departamento de Jornalismo da
Faculdade de Comunicação da
Universidade de Brasília, sob a
orientação do professor Fernando
Oliveira Paulino, para obtenção do grau
de bacharel em jornalismo.

**BRASÍLIA
2013**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

MONOGRAFIA

Jornalismo esportivo e nacionalismo de ocasião.
Análise da cobertura da Copa das Confederações 2013 pelo
***Linha de Passe* da ESPN Brasil.**

Renan Apuk da Silva Costa

Orientador: Fernando Oliveira Paulino

Banca Examinadora:

Prof. Fernando Oliveira Paulino – (Orientador – FAC/UnB)

Prof. Sérgio Araújo de Sá – (Membro interno – FAC/UnB)

Nádia Xavier Medeiros – (Membro externo – Jornalista CPB)

Prof. Luciano Mendes – (Suplente – FAC/UnB)

Brasília, 10 de dezembro de 2013.

Agradecimentos

a Deus, amigo de todas as horas, que nunca me deixou desistir. Sem o qual eu não entraria nem sairia deste curso. Meu escudo contra todas as adversidades;

a meus pais, Ferdinand e Carmen, pelo apoio, paciência e custeio. A Universidade é pública, mas não é de graça;

ao Alexandre Bastos, à Danyele Soares, ao Davi Carvalho, à Juliana Freitas e ao Rafael Qinan, companheiros marcantes nestes anos de faculdade;

à Bianca Pöttker, tiete, que mesmo relutante entendeu minha necessidade em abrir mão de algum tempo com ela para desenvolver este trabalho;

à Márcia Marques, ao Sérgio de Sá e ao Paulino por terem sido meus melhores professores ao longo do curso;

ao Paulino outra vez, em particular por seu papel como orientador, entrando nesta luta já perto do assalto final e me ajudando a vencê-la;

e ao Flamengo. Não o clube, não o time, não o aterro, mas a força transcendente que me fez um apaixonado por futebol e por tudo que lhe diga respeito.

“O brasileiro é o impotente da admiração.
Não sabemos admirar, não gostamos de
admirar. Ou por outra: – só admiramos num
terreno baldio e na presença apenas de uma
cabra vadia. Ai de nós, ai de nós! Somos o
povo que berra o insulto e sussurra o elogio.”

Nelson Rodrigues
(*O escrete precisa de amor*, 1966)

Sumário

1 – Resumo	7
2 – Apresentação	8
3 – Justificativa	13
4 – Objeto e objetivos	17
5 – Referencial teórico	19
5.1 – Objetividade jornalística	19
5.2 – Agenda Setting.....	24
5.3 – Futebol como negócio no Brasil.....	27
5.4 – Jornalismo esportivo	38
5.5 – Valores deontológicos no jornalismo esportivo	46
6 – Metodologia	60
7 – A Copa no Brasil	67
7.1 – Copa das Confederações	73
7.2 – Imprensa e seleção brasileira	79
8 – Análise da cobertura do canal ESPN Brasil	82
8.1 – A ESPN	82
8.2 – <i>Linha de Passe</i>	86
8.3 – O discurso	89
8.3.1 – Brasil x Japão	96
8.3.2 – Brasil x México	102
8.3.3 – Brasil x Itália	108
8.3.4 – Brasil x Uruguai	116
8.3.5 – Brasil x Espanha	122
9 – Jornalismo-torcedor	128
9.1 – A crítica de Felipão	132
9.2 – A resposta dos jornalistas	135
10 – Conclusões	139
11 – Referências	141

1 – Resumo

O presente trabalho analisa os desdobramentos da relação entre sentimento nacionalista e jornalismo esportivo na cobertura da Copa das Confederações Fifa 2013 no Brasil. Para viabilidade deste projeto o recorte específico do tema refere-se a opiniões veiculadas através do canal de televisão por assinatura ESPN Brasil, por meio do programa *Linha de Passe*, durante o período da competição. A escolha foi baseada no efeito causado pela abordagem dos assuntos relativos à seleção brasileira por parte da emissora junto ao treinador da seleção brasileira Luiz Felipe Scolari. O técnico fez críticas públicas à maneira como o canal praticou seu jornalismo, utilizando estatísticas das partidas que indicavam a seleção brasileira como o time que mais cometia faltas na competição. Scolari considerou tal enfoque prejudicial ao desempenho da equipe. Para proporcionar a compreensão do processo que culminou neste fato optou-se pela metodologia da análise do discurso apresentado em *Linha de Passe*, examinando-se as opiniões manifestadas pelos jornalistas a cada transmissão pós-jogo da seleção brasileira e contextualizando por pesquisas bibliográficas a importância do futebol no país e sua relação histórica com a identidade nacional. Após a realização da pesquisa percebeu-se a incompatibilidade de coexistência entre apoio a seleções nacionais e boa prática dos valores e missão social da profissão. Conclui-se que existe necessidade de compreensão acerca do jornalismo esportivo e dos efeitos de suas manifestações na influência exercida junto ao pensamento do espectador comum por parte dos profissionais e dos personagens públicos que lidam com a imprensa esportiva.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo. Futebol. Seleção Brasileira. Copa das Confederações 2013. ESPN Brasil. Nacionalismo de ocasião.

2 – Apresentação

Jornalismo esportivo e nacionalismo de ocasião. É provável que outros termos pudessem ser articulados a fim de ilustrar os pontos centrais a que esta monografia busca se referir por meio da análise da cobertura da Copa das Confederações 2013 pelo programa *Linha de Passe* da ESPN Brasil. Nem todos, porém, seriam tão sucintos e objetivos como esse título em específico se pretende.

Sobre jornalismo esportivo não é difícil construir uma ideia. A atividade está presente em diversas situações do cotidiano. Notícias por ele apuradas e veiculadas são ponto de partida para inúmeros diálogos. Para a maioria dos brasileiros especialmente se o assunto em pauta for a respeito de futebol. Na cerimônia de apresentação do Brasil como país candidato a sede da Copa do Mundo de 2014, o escritor Paulo Coelho afirmou em tom descontraído: “Já vi pessoas ficarem cinco horas discutindo sobre um jogo e nunca vi ninguém passar cinco horas discutindo sobre uma relação sexual. Não estou dizendo o que é melhor ou pior, estou dizendo que a emoção do futebol dura mais¹.” Além das realizações e transmissões de partidas, o jornalismo esportivo tem sido preponderante para a construção desta cultura nacional e internacional em torno do esporte, pois é ele quem repercute, debate, avalia e questiona os acontecimentos, prolongando no tempo lances que são efêmeros em campo.

Por outro lado, a compreensão do termo nacionalismo de ocasião, exige um exercício mental apurado. Para tal, é conveniente lembrar traços da formação cultural do Brasil desde os séculos passados sob a perspectiva de alguns autores que se dedicaram a este tema. Pela ótica do psicanalista Contardo Calligaris (1996), é possível entender que, ao contrário de outros países – como podem ser citados França, Alemanha e Itália – o Brasil não desenvolveu uma notável característica nacionalista enquanto povo. Sobretudo porque as experiências populares daquelas nações europeias, especialmente no século XIX, que culminaram na desvinculação de domínios autoritários, não foram vivenciadas com intensidade em território brasileiro. Para Calligaris (1996, p. 29), neste aspecto histórico “o Brasil não teve sorte, não encontrou ‘contingências de defesa’. Não houve um ‘nós’ para botar Dom

¹ Disponível em:
http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/10/071030_paulocoelho_copa_dg.shtml.
Acesso em: 2 nov. 2013.

Pedro para fora, para pedir ou conquistar o fim da escravatura, a independência ou a república”. Esta observância do autor acerca da ausência de embates que fizessem aflorar o sentimento nacionalista do brasileiro enquanto povo uno, teria contribuído para que o país não tivesse um desenvolvimento ligado a estes valores ao longo dos séculos, exceto em demonstrações ocasionais.

Por outro lado, o antropólogo Roberto DaMatta (1986), entende que a formação da identidade social do povo brasileiro não pode ser comparada a processos semelhantes verificados em países de cultura e condições sociais, políticas, econômicas e até geográficas tão distintas do Brasil. O autor ressalta que as experiências corriqueiras em um contexto específico e as peculiaridades que envolveram o desenvolvimento do Brasil enquanto nação são capazes de gerar sentimentos de identificação nacional.

Como se constrói uma identidade social? Como um povo se transforma em Brasil? A pergunta, na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobrevivência, como comer, dormir, morrer, reproduzir-se etc., outras acidentais ou superficiais: históricas, para ser mais preciso – o Brasil foi descoberto por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil tem certas características como as montanhas na costa do Centro-Sul, sofremos pressão de certas potências europeias e não de outras, falamos português e não francês, a família real transferiu-se para o Brasil no início do século XIX etc. Cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de “coisas” (e de experiências) para construir-se como algo único, maravilhoso, divino e “legal”. (DAMATTA, 1986, p.11)

Apresentadas estas visões distintas e representativas, pode-se compreender que existem debates acerca do modo particular pelo qual se constroem elementos de identificação nacional no Brasil. Estudiosos do fenômeno futebolístico na sociedade brasileira, como o psicólogo Claudio Bastidas (2002, p.16), acreditam que o esporte é parte visceral da cultura nacional, sendo uma das mais relevantes ilustrações de expressão nacionalista, tanto pela intensidade quanto pela periodicidade definida com que ocorre. A antropóloga Simoni Guedes também compartilha desta visão.

Certamente, no Brasil, os períodos da Copa do Mundo são verdadeiros rituais quadrienais de nacionalidade, especialmente a partir de 1950. [...] é bastante interessante que, no caso brasileiro, tenhamos selecionado as Copas do Mundo de futebol como momentos paroxísticos da vivência da brasilidade. (GUEDES, 2010, p.23)

Os Mundiais, sob esta ótica, são espaços para a expressão de um nacionalismo ocasional, que aflora em momentos específicos de apoio à representação nacional proporcionada pela seleção. Para Bastidas (2002), o jogo entre palavras que dizem respeito à seleção brasileira e substitutivos diretos que remetem ao próprio país, como por exemplo, a utilização de “camisa do Brasil”, ao invés de “camisa da seleção brasileira”, ou “o Brasil entrou em campo” em lugar de “a seleção brasileira entrou em campo”, indicam a relevância do papel exercido pelo futebol como elemento identificador na sociedade brasileira (2002, p. 16). Estes autores afirmam com embasamento científico aquilo que o cronista Nelson Rodrigues já havia identificado em 1976²: “O escrete é a pátria em calções e chuteiras. Ele representa os nossos defeitos e as nossas virtudes” (1994, p. 179).

Este “escrete” que em várias oportunidades proporcionou grandes exhibições, a gênese no país de alguns dos melhores jogadores de todos os tempos e, posteriormente, os cinco títulos mundiais e a frequente exportação de atletas talentosos aos principais centros do futebol europeu deixaram o torcedor brasileiro exigente. A expectativa sobre o desempenho da seleção nacional em uma competição é sempre de vitória. Mesmo quando há motivos para desconfiança. O que conota ao fã de futebol brasileiro um certo ar de arrogância diante de seleções adversárias. Nelson Rodrigues discorreu sobre o paradoxo em 1958, pouco antes do início da saga que conduziria o time brasileiro a conquistar o primeiro título mundial de sua história.

Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: – “O Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto: – não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado? [...] eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: – sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. (RODRIGUES, 1958, p. 60)

Este trecho da crônica de Rodrigues conduz este capítulo de apresentação a uma distinção necessária à compreensão da linguagem empregada nesta monografia. O título deste trabalho faz referência a um certo “nacionalismo”. Rodrigues define-se como um baluarte do “patriotismo”. Após dar conhecimento sobre o sentido da expressão nacionalismo de ocasião, cabe informar que nacionalismo e patriotismo

² Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=333>. Acesso em: 15 nov. 2013.

não são sinônimos e que a adoção de um ou outro verbete para a construção deste trabalho foi estudada e propositalmente escolhida.

O termo pátria e a compreensão de seu sentido antecedem o surgimento da palavra nação. O ensaio *Pátria e Nação* (2007), produzido pelo historiador português Fernando Catroga, relaciona a genealogia do vocábulo “pátria” à obra do poeta grego Homero, “onde *patra*, *patris* [...] remetem para a ‘terra dos pais’ e possuem uma semântica que engloba tanto o enraizamento natalício como a fidelidade a uma terra e a um grupo humano identificado por uma herança comum, real ou fictícia” (2007, p. 1). Ou seja, o sentido de pátria está ligado a uma significação lírica e afetiva, utilizada para metaforizar uma condição moral posterior de sociedade (a relação pátria/compatriotas). Assim, as atitudes de patriotismo estão relacionadas ao amor à terra, lugar ou grupo a que se pertença.

O termo nação surgiu a partir do século XVIII, quando os lugares, territórios, pátrias, passaram a ser organizados e submetidos a regramentos, originando o que hoje se conhece por países. Alberto Vara Branco, professor moçambicano autor do artigo *O Nacionalismo nos séculos XVIII, XIX e XX* (2009), introduz a ideia de nacionalismo a partir da definição do filósofo alemão Friedrich Schlegel (1829), de que “o conceito de nação exige que todos os seus membros devem formar como se fossem apenas um único indivíduo” (2009, p. 1). Como nacionalismo parte de nação, é importante notar que sua conceituação está diretamente ligada às noções de *unidade* e *exigência*. De acordo com Branco (2009, p. 2), “a palavra nacionalismo designa a atitude mental que confere à entidade nação um altíssimo posto na hierarquia de valores. Esta tendência para dar excessiva importância ao valor da nação, à custa de outros valores, leva a uma sobrestimação de cada nacionalidade e ao consequente asfixiamento das restantes”.

Diante do exposto, é possível compreender que o sentido de patriotismo é abrangente, no sentido de que para que ele exista, basta haver o sentimento de pertencimento. Já o nacionalismo é restrito, pois para se pertencer a uma nação não basta vontade, mas há que se cumprir questões legais pertinentes a cada Estado. O nacionalismo esteve frequentemente ligado na historiografia moderna a manifestações radicais como xenofobia, nazismo e fascismo – exemplos mundiais –

e ao ufanismo brasileiro presente no regime militar, expresso pelo famoso slogan “Brasil, ame ou deitei-o” – exemplo nacional.

O futebol é um esporte altamente competitivo. Nos países em que se popularizou está relacionado a demonstrações de rivalidade e até mesmo violência. Além disso, as seleções que representam seus países são conhecidas como seleções nacionais e não “patrióticas”. Isto porque levam o nome de uma nação, utilizam somente jogadores que preencham requisitos de nacionalidade e ostentam o símbolo de uma organização esportiva (no caso brasileiro a CBF) que existe graças à estrutura institucional do Estado.

Pelos motivos anteriormente relacionados a expressão mais adequada para referir-se ao sentimento de apoio, por vezes incondicional, aos interesses de uma seleção nacional, objeto deste trabalho, é o “nacionalismo” e não o patriotismo. Apesar desta diferenciação explícita, em alguns momentos no transcurso do trabalho termos relacionados a patriotismo surgem como referência ao mesmo sentido de nacionalismo. Estes trechos, entretanto, são reproduções de discursos e citações literais de terceiros e por esta razão não foram adaptados à condição apresentada neste capítulo.

3 – Justificativa

A televisão é o meio de comunicação de maior alcance entre os brasileiros. Segundo dados do Instituto Marplan, divulgados em relatório do Grupo de Mídia São Paulo (2012, p. 326)³, na última década (2002-2011), 97% do público entre 10 e 65 anos assistiu TV pelo menos uma vez por semana. A evolução do número de domicílios que possuem o aparelho chegou a 95,2% em 2012. A despeito do surgimento de novas mídias executivos das redes de televisão projetam crescimentos ainda mais expressivos para os próximos anos.

Ricardo Esturaro, diretor de marketing da Rede Globo, organização com maior cobertura geográfica de TV no país (98,60% dos municípios), declarou à pesquisa do Grupo de Mídia São Paulo (2012, p. 294) que o presente momento significa o início de uma “era de ouro” para a televisão. Neste cenário positivo o segmento da TV por assinatura também está em franca expansão. Ainda de acordo com o Grupo de Mídia São Paulo (2012, p. 384) há consenso entre os empresários de canais de TV paga que o momento nunca foi tão favorável e nenhum outro meio de circulação não gratuito tem crescido tanto no Brasil. Neste nicho, diferentemente da TV aberta, os espectadores são em sua maioria do sexo masculino, pertencentes às classes A e B (embora o alcance à classe C tenha crescido 13% nos últimos cinco anos) e têm entre 15 e 29 anos. Os dados são do Instituto Marplan divulgados em relatório do Grupo de Mídia São Paulo (2012, p.388).

A invasão do esporte na telinha, reportagem da *Revista Veja* (2012)⁴, revela que grande parte do conteúdo destes canais por assinatura é ocupada por programações esportivas. Entre transmissões ao vivo, produções de entretenimento e programas jornalísticos especializados, as exibições voltadas ao esporte passam de 410 horas por semana – isso sem levar em conta as transmissões eventuais, fora da grade. Na TV aberta este número alcança 76 horas por semana. Isto significa que se toda a programação esportiva disponível na TV paga no país no decorrer de uma semana fosse gravada, seriam necessários 17 dias ininterruptos para assistir a

³ Disponível em: <http://midiadadosrdp.digitalpages.com.br/html/reader/119/18266> Acesso em: 2 nov. 2013.

⁴ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/a-invasao-do-esporte-na-telinha>. Acesso em: 2 nov. 2013.

partidas, noticiários e programas de debates. A reportagem de *Veja* aborda também o quanto este panorama se modificou ao longo das décadas.

Nos anos 1970, quando a paixão do brasileiro pelas grandes competições aflorou de vez, havia poucas transmissões ao vivo de futebol e uma ou duas mesas-redondas nas noites de domingo. Naquele tempo, ao longo de uma semana, a TV exibia pouco mais de quatro horas de esporte. Quatro décadas depois, além da overdose de partidas ao vivo e atrações especializadas nas mais diversas modalidades, programas de variedades, telejornais e até novelas abrem espaço para o esporte. Neymar, Kaká, Ronaldinho, Lucas, Anderson Silva, Bruno Senna e Cesar Cielo são convidados frequentes de atrações como Domingão do Faustão, Mais Você, Altas Horas e CQC, todos à caça de alguns pontos a mais no Ibope na carona do carisma e popularidade dos atletas.⁵ (VEJA, 2012)

O jornalismo esportivo está presente neste universo que elevou o esporte a um nível de interesse grande e crescente. Porém, diferentemente do que se verifica nas transmissões esportivas, nos programas de variedades e nas produções de entretenimento, citados na matéria de *Veja*, o jornalismo possui um padrão de identidade profissional a ser respeitado. Nas outras atrações o objetivo principal é a audiência. Nos noticiários e programas de debates há a necessidade do cumprimento e preservação de princípios que regem a prática do jornalismo, como independência, credibilidade, lealdade ao interesse público e à veracidade⁶.

A tensão existente entre esses valores e o modo operante do tratamento genérico dado ao esporte enquanto entretenimento é assunto destacado neste trabalho. Um dos conflitos que surgem desta relação, em específico, constitui o tema principal: jornalismo-torcedor.

Os esportes estão relacionados a sentimentos de identidade em todo o planeta. São diversos os exemplos de sociedades, raças e etnias que se sobressaíram positiva ou negativamente por conta de suas relações com o esporte. Os jogos olímpicos de 1936, em Berlim, guardam uma história com ares de ficção, poetizada através dos tempos, que demarca bem essa relação. No evento, realizado durante o período

⁵ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/a-invasao-do-esporte-na-telinha>. Acesso em: 2 nov. 2013.

⁶ Estes princípios fazem parte da Declaração de Intenções Partilhadas, assinada e publicada em 2001 pelo comitê de jornalistas do PEJ, *Project for Excellence in Journalism*. No documento os profissionais estabeleceram nove princípios fundamentais para atender àquilo que entendem ser o propósito central do jornalismo, fornecer informações precisas e confiáveis aos cidadãos para que todos possam operar em uma sociedade livre. Os princípios estão detalhados no livro *The Elements of Journalism*, de Tom Rosenstiel e Bill Kovach. (Disponível em: <http://futurojornalismo.org/np4/45.html#.UnT3Fvmfjmc>. Acesso em: 2 nov. 2013).

nazista de Hitler, o ditador almejava demonstrar ao mundo a efetividade de suas ideias a respeito da superioridade da raça ariana (BASTIDAS, 2002, p. 18). A expectativa de que os atletas alemães fossem superiores, sobretudo nos esportes coletivos, foi em parte frustrada quando competidores negros dos Estados Unidos, em especial o velocista Jesse Owens, venceram a maior parte das provas de atletismo – modalidade relevante em olimpíadas.

Os alemães lideraram o quadro de medalhas ao fim da competição. Entretanto, o episódio se tornou um dos mais emblemáticos da história do esporte mundial. A este respeito o escritor australiano Markus Zusak (2007) relatou:

Era 1936. A Olimpíada. Os jogos de Hitler. Jesse Owens acabara de completar o revezamento 4 X 100 e conquistou sua quarta medalha de ouro. A história de que ele era subumano, por ser negro, e da recusa de Hitler a lhe apertar a mão foi alardeada pelo mundo afora. Até os alemães mais racistas ficaram admirados com os esforços de Owens, e a notícia de sua proeza vazou pelas brechas. (ZUSAK, 2007, p. 53)

O jornalista Franklin Foer (2005) aborda em seu livro sobre futebol e globalização outras situações representativas: O exemplo da animosidade entre torcedores católicos do Celtic e protestantes do Rangers, na Escócia; e os casos mundialmente conhecidos do *hooliganismo* nos Bálcãs e na Inglaterra, que já renderam inúmeros debates, reportagens e documentários. Há ainda as referências de João Nuno Coelho (2006) à relação dos jornalistas portugueses com o sentimento de representação nacional provocado pela seleção e pelos times lusos em confrontos com adversários estrangeiros. O modelo lusitano, a propósito, é explorado com alguma intensidade nesta monografia, pois traz à baila a precisa discussão a que este trabalho se propõe: a polêmica ocorrência do chamado jornalismo-torcedor.

De acordo com a antropóloga Simoni Guedes (2010, pp. 23, 24) a difusão do futebol é um dos mais extraordinários fenômenos do século XX, sendo a presença da modalidade em inúmeros países admirável. Segundo seu entendimento, todas as nações necessitam escolher símbolos e signos nos quais possam concentrar seus significados nacionais para se realizarem, e no caso brasileiro, o futebol figura como um dos mais vigorosos veículos de nacionalidade.

Para o antropólogo Édison Gastaldo (2010) o futebol é um elemento de identidade nacional no Brasil. Ele destaca a ocasião da Copa do Mundo como “o fato social

total” para os brasileiros. “Concentram-se multidões de pessoas no mesmo lugar, em torno de um único valor: nós contra os outros. Por isso a Copa é tão importante. É o momento de ver quem somos frente aos outros, expresso na metonímia de que 11 pessoas são o Brasil” (2010, p. 9).

A situação problemática à Comunicação estabelece-se quando esta figura de linguagem se sobrepõe aos valores que regem a prática do jornalismo. A partir de então o profissional está propenso a quebrar seu compromisso junto ao público de transmitir os fatos tais como são e se esmerar para produzir sempre a melhor apuração. Não é tão preponderante o quesito da imparcialidade, discutida no capítulo 5.1 – *Objetividade jornalística*. O jornalista esportivo pode ser declaradamente parcial sem com isso ofender, discriminar, direcionar ou prejudicar o espectador. Tais resultados, presentes nas descrições que permeiam este trabalho, é que são vistos como afrontas à ética e à boa conduta jornalística e encarados como elementos passíveis de serem combatidos.

As emoções podem não ser propriamente algo a evitar. Essa riqueza expressiva não deve ser rejeitada, apenas não pode ser uma arma usada para criar acontecimentos que criem susceptibilidades e levanten questões morais e éticas graves. (FERNANDES, 2006, p. 56)

Neste momento em que a Copa do Mundo de Futebol está prestes a ser realizada em solo nacional, e que a ocorrência da própria Copa das Confederações 2013 já deixou indícios de que as questões acerca do apoio do jornalismo esportivo à seleção brasileira estarão em pauta, mostra-se válida a escolha pelo tema desta monografia.

4 – Objeto e objetivos

O objetivo principal deste trabalho é analisar a cobertura dos jogos da seleção brasileira de futebol na Copa das Confederações 2013, realizada pelo canal de TV por assinatura ESPN Brasil, em específico por meio do programa *Linha de Passe – Mesa Redonda*. Nesta análise será estudada a construção do discurso dos comentaristas esportivos (todos jornalistas) com relação ao desempenho da seleção em seus jogos, levando-se em consideração o processo de evolução do time, que se prepara para a Copa do Mundo de 2014. O relacionamento entre público e imprensa e o clima de inquietação social presente no país durante o evento esportivo⁷ são fatos relevantes à abordagem.

A intenção desta análise é, por um lado, debater alguns padrões presentes no exercício do jornalismo que se tornaram perceptíveis durante a cobertura feita pelo canal. Por outro, considerar o teor das críticas que tal abordagem recebeu por parte do técnico da seleção brasileira Luiz Felipe Scolari, Felipão, em entrevista coletiva concedida após o jogo entre sua equipe e a seleção do Uruguai, no dia 26 de junho de 2013. A partida válida pela fase semifinal da Copa das Confederações foi vencida pelo placar de 2 a 1. O resultado foi definido aos 40 minutos do segundo tempo em cabeçada do volante Paulinho, e o desempenho do time foi o mais irregular durante toda a competição.

Ao falar aos jornalistas, Felipão, com as estatísticas do jogo (favoráveis à seleção brasileira) em mãos, acusou o canal de “jogar contra o Brasil”. Isto por discordar da interpretação dada pela emissora aos números da equipe, até então apontada como a mais faltosa da competição⁸. O treinador afirmou ainda que o momento era de “canalizar esforços para o Brasil e não contra o Brasil”. A discussão que daí se

⁷ Durante o mesmo mês de junho de 2013, a população de diversas cidades no país saiu às ruas para protestar contra diversos temas controversos da política, economia e sociedade brasileira. Em 21/6, a Confederação Nacional dos Municípios, CNM, apurou que 437 municípios, em 26 estados, e o Distrito Federal, aderiram às passeatas, levando quase dois milhões de pessoas às ruas. As manifestações geraram repercussão em todo o mundo, até mesmo pelo fato de a atenção internacional já estar voltada ao país por ocasião da cobertura esportiva da Copa das Confederações. Houve protestos em dias de jogos e à porta de estádios, o que tornou inevitável a relação de tal movimento com o esporte e trouxe a pauta à programação esportiva.

⁸ De acordo com o site especializado Footstats (www.footstats.net), que produz estatísticas de jogos e competições. Ao fim da competição, a seleção do Uruguai foi a mais faltosa, com 111 faltas cometidas, contra 105 da seleção brasileira. Respectivamente, Cavani, da equipe azul celeste e Neymar, do time nacional, foram os atletas mais faltosos (19 e 18 faltas, cada, na soma de todos os jogos).

descortina questiona se o papel do jornalismo esportivo também é jogar a favor, torcer em prol, vestir a camisa – ou se esta seria uma característica exclusiva das torcidas.

É válido ao jornalismo abrir mão de expor ao público estatísticas de desempenho (neste caso, de jogos de futebol, em outros, de índices econômicos, políticos e sociais) em prol de um sentimento nacionalista? A fronteira entre torcida declarada e busca pela objetividade nas análises ainda deve ser resguardada? O quanto pode influenciar, para a imprensa, o fato desta edição do evento ser realizada no país? Este trabalho buscou dar suporte ao debate destas e outras questões.

Para o cumprimento deste objetivo foram analisadas edições especiais do programa *Linha de Passe* exibidos em 15, 19, 22, 26 e 30 de junho de 2013, dias de jogos da seleção brasileira; a gravação da entrevista coletiva concedida pelo técnico Luiz Felipe Scolari no dia 26 de junho de 2013, após a classificação contra o Uruguai; e gravações pontuais⁹ da programação dos canais ESPN Brasil que se relacionam de alguma forma ao tema em recorte.

⁹ Foram analisados adicionalmente, trechos do programa *Linha de Passe* correspondentes aos dias 16, 17, 18, 21, 23, 24 e 27 de junho de 2013. Embora nestes dias não tenha havido jogos da seleção brasileira de futebol, determinados comentários feitos pelos jornalistas se mostraram relevantes à construção do discurso analisado no trabalho.

5 – Referencial teórico

5.1 – Objetividade jornalística

O conceito de objetividade para o jornalismo ocidental é tão fundamental quanto polêmico. É ensinado na academia, mas por vezes relativizado na prática diária. Está relacionado a outros preceitos tidos como básicos para o “bom jornalismo” como neutralidade, isenção e imparcialidade. É visto por uns como um freio contra a total perda de senso, por outros como um ideal a ser atingido. Para Alberto Dines,

Isenção, neutralidade, objetividade ou imparcialidade não existem em estado puro. Assim como não existe a verdade pura. Existe a busca da verdade, a atitude cândida e despojada de assumir a falibilidade e a precariedade de um processo tão veloz como o jornalístico.¹⁰ (DINES, 2002)

Real ou utópica, a ideia persistiu nos principais ciclos históricos¹¹ de mudanças ocorridas no jornalismo como valor e como procedimento metodológico. Estes ciclos compreendem alterações significativas no modo de pensar e fazer o jornalismo, demandadas pelo desenvolvimento comercial e profissional de jornais e jornalistas em suas épocas.

O primeiro clamor por objetividade pode ser identificado no período de distinção entre as publicações que precederam os jornais na Europa desde o período medieval até o século XVIII, e os periódicos primitivos. Nas primeiras impressões havia relatos fantásticos, sensacionalistas e de cunho pessoal. Esta vertente inicial do jornalismo não estava ligada à essência do que hoje se conhece.

A respeito destas primeiras publicações, Traquina descreve a chamada “folha volante”, forma medieval pré-industrial do jornal moderno destinada aos czares russos. Seu conteúdo era composto por curiosidades que mesclavam o “estranho” e o “bizarro” (2005, p. 55). Na Inglaterra do século XVIII o quadro se repetia. Ali,

¹⁰ Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/mid250920021.htm>. Acesso em: 23 set. 2013.

¹¹ Grande parte dos estudos de Comunicação demonstram a evolução do jornalismo de forma linear, mas há pontos cruciais de transformação que podem ser destacados. Para facilitar a ilustração, o autor deste trabalho nomina como ciclos estes momentos de mudanças. A descrição destas fases, entretanto, pertence a Nelson Traquina. 1º Ciclo: Distinção entre relato sensacional e jornalismo (início séc. XIX); 2º Ciclo: Separação entre opinião e informação factual (fim séc. XIX); 3º Ciclo: Estabelecimento de critérios para a objetividade (séc. XX) (TRAQUINA, 2005, pp. 54, 55, 147, 148)

“assuntos carnavais e pecados secretos eram o tema dos jornais populares de domingo” (2005, p. 54).

Com a crescente consolidação da imprensa, os jornais passaram a ter uma identidade além dos panfletos de estórias que lhe precederam. Quando alguns periódicos sentiram a necessidade de diferenciarem seu conteúdo do uso de *fait divers* e do sensacionalismo então praticado, ganhou força o conceito da objetividade para transmitir a ideia de um “jornalismo fundado na verdade, em contraposição a um jornalismo subjetivo e tendencioso” (SOUZA; SANTOS, 2009, p. 4). Este mesmo pensamento continua tendo sua validade nos dias atuais. O modo de fazer jornalismo que não se adapta a esta condição é visto como um jornalismo menor – a imprensa marrom¹².

Passado algum tempo, observou-se a necessidade de outras alterações na prática do jornalismo. O segundo ciclo de mudanças é mais marcante e compreende o período de separação entre um jornalismo político-partidário e aquele baseado primordialmente na informação. Aconteceu ainda no século XIX, com ápice por volta dos anos 1870.

Com o Positivismo¹³ em alta, a distinção entre fato e opinião nos assuntos dos noticiários passou a ser alvo de discussão. Neste mesmo momento, os jornais buscavam maior popularização, crescimento comercial, e por almejar atingir novos leitores – sobretudo sair das elites e alcançar um público generalizado – o jornalismo de opinião teve de desprender-se do jornalismo de informação.

¹² A expressão imprensa marrom deriva da norte-americana *Yellow Press*. Esta última surgiu no fim do século XIX, quando os jornais *New York World* e *The New York Journal*, travaram uma acirrada disputa para publicarem em suas páginas a primeira tira em quadrinhos colorida da História, chamada *Yellow Kid*. A batalha entre os jornais teria sido desonesta, assim o termo *Yellow Press* virou sinônimo para uma imprensa também inescrupulosa em favor de seus próprios interesses. No Brasil, o jornalista Alberto Dines buscava fazer referência a este jargão quando escrevera uma matéria para o Diário da Noite, em 1959. Intitulada “Imprensa amarela leva cineasta ao suicídio”, a notícia relacionava tal morte a chantagem feita pela revista Escândalo, acusada de extorquir personalidades sob ameaça de publicar-lhes fotos comprometedoras. O chefe de reportagem do Diário, Calazans Fernandes, julgou, entretanto, que a cor amarela não se adequava ao tom trágico do acontecimento, mudando o nome para marrom. Surgiu assim a expressão imprensa marrom, ainda utilizada para qualificar o jornalismo de características sensacionalistas e/ou antiéticas. (Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-surgiu-a-expressao-imprensa-marrom>. Acesso em: 3 out. 2013).

¹³ Segundo Henry Myers (1966), o “Positivismo é a visão de que o inquérito científico sério não deveria procurar causas últimas que derivem de alguma fonte externa, mas, sim, confinar-se ao estudo de relações existentes entre fatos que são diretamente acessíveis pela observação”. Esta definição vai ao encontro da importância dada aos fatos por si só, segundo a ideia da objetividade.

O movimento em prol do jornalismo de informação foi liderado por agências noticiosas como a norte-americana *Associated Press*, a francesa *Havas* e a inglesa *Reuters*, que defendiam a imparcialidade na notícia para poderem assim comercializar seu produto a quaisquer veículos, independentemente de sua orientação política. Sobre este momento, o jornalista francês Édouard Lockroy escreveu, em 1889:

A informação, a notícia exata ou inexata, toma um lugar cada vez mais considerável nas colunas dos jornais, e o estilo telegráfico tende cada vez mais a substituir o dos mestres. 'Americanizamo-nos' todos os dias... A imprensa sofre uma transformação completa. O leitor exige a brevidade acima de tudo... E sobretudo, nada de doutrina! Nada de exposição de princípios. (TRAQUINA, 2005, p. 51)

Tal tratamento dado ao jornalismo o pressupunha agora como um espelho da realidade, que nada deveria mudar em seu relato, mas sim transliterar os fatos tal como se davam. Esta é a Teoria do Espelho, para a qual o jornalista é um comunicador desinteressado, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam da sua missão de informar, procurar a verdade, contar o que aconteceu, doa a quem doer (TRAQUINA, 2005, p.147).

Mesmo após este rompimento, até meados dos anos 1920, o jornalismo ainda possuía uma linguagem diversa da praticada hoje em dia. Até então, procurou-se distinguir informação e opinião, sem haver contudo uma clara descrição do que era necessário fazer para evidenciar esta dicotomia na construção dos textos.

Foi nos Estados Unidos que surgiu a noção de que “os jornalistas precisavam procurar no método científico e nos procedimentos profissionais o antídoto para a subjetividade”, como expôs em 1922 o jornalista Walter Lippman (apud TRAQUINA, 2005, p. 148). Entre outros fatores, este novo embate frente à subjetividade visava não deixar margem à propaganda ideológica crescente no período após a Primeira Grande Guerra. Foi uma contingência gerada pelo caráter metamórfico da sociedade pós-conflito. “Em um mundo no qual até os fatos eram postos em dúvida, os jornalistas substituíram uma fé simples nos fatos por uma fidelidade às regras e procedimentos criados com base na ideologia da objetividade” (SCHUDSON, 1978, p.122 apud TRAQUINA, 2005, p. 148)

Grande parte destas regras e procedimentos está presente atualmente na prática jornalística, inseridas no ritual de produção de notícias. É exatamente assim que a socióloga Gaye Tuchman (1972) aborda a objetividade no jornalismo. A construção do lide, a atribuição da informação à fonte, o uso de aspas, a apuração de fatos auxiliares que comprovem a veracidade do fato principal. Tudo isto está incrustado na mente do jornalista contemporâneo como uma liturgia para a produção do texto noticioso. Estes são desdobramentos da onipresente ideologia da objetividade.

Apesar dos questionamentos, tal modo de pensar o jornalismo manteve-se absoluto até os dias atuais, quando a objetividade – ou imparcialidade – volta a ser debatida. Se não para seu fim, com vistas a uma nova adaptação que reconheça definitivamente a presença da subjetividade na apuração jornalística, da influência política nas chefias das redações e de outros pontos que não tornem tão discrepante a diferenciação entre prática e teoria no jornalismo.

Segundo Amaral (1996, p.26), em prol da prática da objetividade pura e simples, o jornalista precisaria deixar em casa seus princípios, suas preferências políticas e ideologias, excluindo-se do pensamento para se concentrar na narração dos fatos. A própria *teoria do gatekeeper*, neste sentido, poderia comprometer outra teoria, a do espelho. Se existe um indivíduo – cheio de subjetividades – responsável por selecionar o que será notícia ou não, o jornal não será o espelho do mundo, mas do mundo como é visto pelo selecionador (TRAQUINA, 2001, p. 69).

Para Luiz Guerra,

[...] é quase consensual a crítica à objetividade que, apesar disso, ainda hoje é um dos pilares sobre os quais a instituição jornalística se sustenta. Essa situação é marcada, portanto, por um descompasso entre a prática profissional e as pesquisas teóricas que se fazem sobre o jornalismo. (GUERRA, 1998, p. 7).

Também por questões de inovação tecnológica e interação humana com os novos meios, aplicativos e ferramentas trazidos por estas tecnologias, o momento presente constitui um período de reflexões e mudanças quanto à forma de se interpretar e executar a Comunicação. É salutar que este movimento tenha reflexos em ampla parcela dos conceitos e teorias utilizadas no estudo do jornalismo, para que parte importante do processo (teoria) não se prenda à obsolescência enquanto outra (prática) avança.

Por ora, permanece-se na corda bamba entre o estudo da objetividade como fundamento e a prática da objetividade como meta inatingível.

Para concluir este tópico, o trabalho sugere que a ideologia da objetividade e os aspectos que ela envolve possam ter melhor aproveitamento ao profissional do que sua utilização como mero escudo anticríticas. É possível observar na prática jornalística que números apresentados, declarações dadas pela fonte e documentos acessados tornaram-se, mais que instrumentos de apuração, defensores incontestáveis do emissor da informação. A bem da profissão, deve-se complementar esta discussão com a figura do próprio jornalista que, como ser inventivo e subjetivo que é, tem a capacidade de organizar estes elementos de forma a corroborar um pensamento seu e não necessariamente um fato em si¹⁴. A fim de ser melhor compreendida, a ideologia não deve prescindir de valores éticos. Este pode ser um caminho para fortalecer a criticada objetividade.

¹⁴ Um dos episódios mais emblemáticos desta situação no país foi o Caso Escola Base, em 1994. Havia elementos de objetividade nas notícias, mesmo assim estes não foram capazes de anular o prejuízo causado pela subjetividade dos jornalistas, que falharam na apuração.

5.2 – Agenda setting

A influência do jornalismo na formação de opiniões é tema amplamente discutido nos debates a respeito dos veículos de comunicação. De fato, a imprensa tem atuação relevante na promoção de pontos de vista ao dar vazão à voz de personagens e pessoas públicas que os defendam e possam, de alguma forma, influenciar o pensamento de alguns espectadores.

Neste âmbito, destaca-se a importância da Hipótese do Agenda Setting. Hipótese e não Teoria, porque, segundo Mauro Wolf (2002, p. 145), trata-se mais de um núcleo de temas e de conhecimentos parciais, suscetível de ser, posteriormente, organizado e integrado numa teoria geral sobre a mediação simbólica e sobre os efeitos de realidade exercidos pelos *mass media*, do que um modelo de pesquisa definido e estável.

A afirmação mais concisa e representativa que se tem difundido a respeito desta hipótese formula a ideia de que os veículos de comunicação podem “não conseguir dizer às pessoas como pensar”, mas apresentam uma “capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores [espectadores] sobre que temas devem pensar”. A definição é atribuída a Bernard Cohen (1963 apud SAPERAS, 1987, p. 55), historiador estadunidense considerado um dos expoentes dos estudos sobre Agenda Setting na modernidade.

Tal premissa é aplicável para este trabalho em dois sentidos:

- 1) O futebol tem presença constante nos noticiários de televisão. Comumente, seu lugar na montagem do telejornal está localizado mais próximo do final, entre outras razões, por ser uma forma de manter a audiência. Tanto a TV aberta como a fechada possuem programas específicos voltados para o tema (mesmo quando o programa é intitulado como esportivo, a fim de sugerir um enfoque genérico, é o futebol que domina a maior parte dos assuntos. Isto porque, segundo Gastaldo (2010, p.8), quando fala-se de esporte no Brasil, fala-se essencialmente de futebol).
- 2) A abordagem realizada pela imprensa sobre a seleção brasileira influencia em grande parte a perspectiva sobre a qual o tema será tratado entre o

telespectador comum em bate-papos informais e conversas corriqueiras. Se a crítica à seleção é elogiosa os aficionados – porém não necessariamente entendidos de futebol – tenderão a também ressaltar os aspectos positivos da equipe. Em caso de críticas contrárias ao desempenho da seleção nacional, o comportamento público geral tende a acompanhar esta interpretação.

Este último tópico, entretanto, colide com a essência da ideia de Cohen. Para ele, a imprensa não diz como pensar, apenas sobre o que pensar. Mas, baseado no processo de construção da identidade nacional por meio do futebol a partir da Copa do Mundo de 1938 e do aproveitamento político tomado pelo governo Getúlio Vargas, ecoado pelos veículos de comunicação, pode-se afirmar que a cobertura esportiva pode contribuir na maneira que o espectador pensa sobre o assunto “seleção”.

É certo que os tempos atuais são outros. Em uma época em que a imagem não chegava diante dos olhos do público, o discurso do rádio – favorecedor da hipérbole – trazia na emoção de narradores como Gagliano Neto¹⁵ o relato da seleção que dava espetáculo e orgulhava o Brasil. Entretanto, o processo de ligação entre futebol e identidade nacional do brasileiro intensificou-se¹⁶ com o passar dos anos e estendeu-se intenso, apesar de todas as alterações nos meios de acesso às transmissões e coberturas esportivas. Neste sentido, Christiane Paschoalino (2012), em estudo publicado sobre a relação entre seleção brasileira e identidade nacional, frisa que:

A mídia também teve – e tem – uma forte influência sobre a popularização do futebol e formação da identidade nacional. O rádio foi o primeiro veículo de comunicação de massa a mexer com o imaginário dos torcedores que não podiam comparecer aos estádios para assistir aos jogos da Seleção Brasileira. Além do rádio, a televisão, as crônicas esportivas e, mais recentemente, o sistema pay-per-view e a internet, deram uma nova dimensão ao discurso midiático. A comunicação exerce uma forte influência sobre o processo de informação social”. (PASCHOALINO, 2012, p. 4)

¹⁵ A serviço da Rádio Cruzeiro do Sul (Rio de Janeiro), foi o primeiro locutor brasileiro a transmitir uma Copa do Mundo, a realizada na França, em 1938. Naquela edição, também foi o único. No Mundial seguinte, em 1950 (em 1942 e 1946 a competição foi suspensa devido à 2ª Grande Guerra), a cobertura foi mais ampla, uma vez que o torneio aconteceu em solo nacional.

¹⁶ O Mundial de 1938 foi o marco do futebol da seleção brasileira aproveitado política e economicamente. No entanto, a relação intensa do povo brasileiro com o futebol da seleção que o representava data de 1919. Neste ano, o Brasil sediou a primeira competição internacional de sua história, o Campeonato Sul-americano de seleções. A equipe nacional conquistou o título de forma emocionante, empolgou a torcida com uma campanha arrasadora e contribuiu sensivelmente para a popularização do esporte no país. (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006, pp. 29, 30, 42, 43)

O discurso midiático não traz apenas acompanhamento de treinos e repercussão de pós-jogos do time nacional. Programas de debate no formato mesa-redonda são comuns quando o tema é cobertura esportiva. Em torno de cada pauta estabelecem-se discussões e jornalistas expõem, mais que informações obtidas via apuração, suas opiniões sobre a melhor estratégia de jogo, as convicções do treinador e outros assuntos. A opinião não descaracteriza o jornalismo, desde que explícita. Tanto é verdade que o jornalismo opinativo é considerado um gênero, ao qual se dedicaram importantes autores brasileiros como José Marques de Melo e Luiz Beltrão. Para este último,

[...] o jornal tem o dever de exercitar a opinião: ela é que valoriza e engrandece a atividade profissional, pois, quando expressa com honestidade e dignidade, com a reta intenção de orientar o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências, se torna fator importante na opção da comunidade pelo mais seguro caminho à obtenção do bem-estar e da harmonia social. (BELTRÃO, 1980, p. 14)

É exatamente por não descaracterizar o jornalismo que este discurso merece tal atenção. Assim como uma narração carregada de emoções trazia ao ouvinte do rádio um relato entusiasmado das partidas da equipe nacional, indicando a este receptor não apenas no que pensar, mas como pensar, a opinião expressa pelo jornalista esportivo, ainda hoje – e por isso em outros meios além do rádio – pode tanto aguçar a curiosidade do espectador crítico como contribuir para que os espectadores comuns adiram a seu próprio ponto de vista.

Diante desta interpretação, a hipótese do Agenda Setting para este trabalho deve ser considerada como instrumento de reflexão diante das situações expostas. Entende-se que, pelo menos no âmbito das abordagens sobre seleção brasileira de futebol na mídia através dos tempos, a imprensa não apenas possui a espantosa capacidade de influenciar pessoas sobre que temas devem pensar, como também *pode* dizer a estas pessoas como pensar – parafraseando Cohen.

5.3 – Futebol como negócio no Brasil

“O Brasil não é o país do futebol”. A declaração que rema contra a maré do imaginário popular poderia ser de qualquer pessoa atenta à realidade atual do esporte no país. Neste caso específico é do jornalista Juca Kfoury. Em entrevista à BBC Brasil sobre a decadente relação entre o brasileiro e o futebol¹⁷, em junho de 2013, Kfoury e outros profissionais ligados ao esporte expuseram seus motivos para acreditar na progressiva desconstrução daquela ideia temática sobre a nação.

Além de ser berço de um dos maiores atletas de todos os tempos – Pelé – e possuir mais títulos mundiais do que qualquer outra seleção – cinco – a fama de país do futebol coube ao Brasil porque em terras nacionais, desde as origens, o esporte bretão tem sido um arrebatador de multidões. Mesmo quando figurava no amadorismo, no início do século XX, atraía atenções:

A competência brasileira nos campos é inegável, uma espécie de herança que começou nos anos 1910, quando o esporte ainda estava nas mãos da elite, mas atraía multidões graças a craques como Arthur Friedenreich. O fanatismo pelo esporte e a massificação dele na mídia e no cotidiano de alguns torcedores alimentaram tanto a sua prática como a antipatia dos intelectuais pela bola. (BITTENCOURT, 2006)

Talvez o mais mencionado destes intelectuais tenha sido o escritor Graciliano Ramos. O autor de *Vidas Secas* (1938) duvidava tanto do sucesso da modalidade que publicou em 1921 um famoso artigo intitulado como “Futebol é fogo de palha”¹⁸.

O esporte passou pela fase da desconfiança e, salto a salto, tornou-se paixão nacional. Mas tem decaído. Hoje, segundo Kfoury, o maior contingente da população é o dos que não se interessam. Somente depois vêm as torcidas de Flamengo e Corinthians¹⁹. Na Argentina, ao contrário, primeiro vem a torcida do Boca Juniors, depois a do River Plate e só depois aparecem os sem-time. Os estádios vazios e as

¹⁷ “O Brasil é o país do futebol?”. Por Rogerio Wassermann, da BBC Brasil em Londres.

(Disponível em:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130611_brasil_pais_do_futebol_rw.shtml. Acesso em: 8 jun. 2013).

¹⁸ Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd10/palha1.htm>. Acesso em: 27 set. 2013.

¹⁹ De acordo com levantamento da Pluri Consultoria, realizado com 21.049 entrevistados, acima de 16 anos, em 146 municípios, nos 26 Estados e o Distrito Federal, entre novembro de 2012 e fevereiro de 2013, 20,8% do público não torce por nenhum time nacional, 16,8% torcem pelo Flamengo e 14,6% pelo Corinthians.

(Disponível em: <http://www.pluriconsultoria.com.br/relatorio.php?segmento=sport&id=249>. Acesso em 9 out. 2013).

baixas de audiência pela TV²⁰ evidenciam o desinteresse frente a outras opções de entretenimento. Apesar disso, um paradoxo traduz o momento desfavorável para a relação público/futebol no país. Enquanto a torcida aparentemente se reduz, as receitas de cotas de TV e patrocínio são as maiores desde o início da mercantilização do futebol no Brasil.

O pesquisador Francisco Rodrigues (2007), em trabalho analítico sobre a modernização do futebol brasileiro, compreende a trajetória histórica e sociológica do esporte em cinco principais fases, desde 1894 até 2006. A primeira delas compreende a introdução do futebol no país, entre o fim do século XIX e o início do XX. A partir da influência trazida por Charles Miller da Europa²¹ o futebol foi se alastrando com a formação de clubes urbanos e times de fábricas, como disciplina curricular em escolas de elite e pelo incentivo da igreja (apud SANTOS, 2011, p.29).

No segundo período, de 1905 até 1933, o autor destaca o início das menções da imprensa ao esporte – ainda amador – e mais elementos sociais ligados ao futebol, como elitismo e racismo. Sobre este último tópico Rodrigues destaca a importância da chamada “revolução vascaína”, que teria sido preponderante para a aceitação dos negros no futebol. Segundo esta perspectiva, o processo de democratização funcional do futebol brasileiro teve como marco a conquista do Campeonato do Rio de Janeiro de 1923 pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, cujo time era constituído por jogadores negros, mestiços e de classe média baixa.

O Vasco não foi a primeira equipe a aceitar negros em seu elenco – este mérito é disputado até hoje por Bangu (RJ) e Ponte Preta (SP), com versões distintas

²⁰ O grande número de jogos e o baixo nível técnico dos campeonatos têm afastado os torcedores comuns até mesmo da frente da televisão. Os inveterados, por sua vez, têm aderido aos canais pagos. Levantamento feito pela empresa de pesquisas esportivas Informídia indica que o espaço ocupado pelo futebol na TV brasileira vem aumentando nos últimos anos. Passou de 19.739 horas de transmissão e noticiário em 2007 para 28.901 em 2012. No entanto, apenas 1.588 horas de partidas de futebol foram transmitidas na TV aberta. O restante – 12.746 horas – foi transmitido apenas na TV por assinatura.

(Disponível em:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130611_brasil_pais_do_futebol_rw.shtml. Acesso em: 8 jun. 2013).

²¹ Esta é a versão mais aceita para explicar a chegada do futebol no Brasil. Charles Miller, nascido em São Paulo e filho de pai escocês, morou na Inglaterra desde os dez anos. Aos vinte, voltou ao Brasil e trouxe da Inglaterra bolas, chuteiras, uniformes, as regras e o gosto pelo futebol. Disputou em 1895 aquela que teria sido a primeira partida de futebol organizada no país. Há autores que contestam a explicação, como o historiador José Moraes dos Santos Neto e o jornalista João dos Santos Junior. Ambos defendem em suas obras que a prática e até mesmo o ensino em escolas do futebol no país é anterior à volta de Miller, em 1984.

(Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/24027>. Acesso em: 9 out. 2013).

defendidas por especialistas. A inovação do clube cruzmaltino esteve na luta pela aceitação definitiva do negro no futebol. Durante a década de 1920 o clube sofreu reiteradas perseguições, motivadas entre outros aspectos pela raça de seus jogadores. Apesar das pressões vindas dos adversários e da AMEA, Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, que coordenava o futebol carioca à época, os dirigentes do time não cederam, até que a miscigenação fosse pouco a pouco incorporada ao esporte, assim como hoje é no Brasil.

A terceira fase cobre o início da profissionalização do esporte, a partir de 1933. A redução na discriminação racial e a incorporação do futebol-arte ao estilo brasileiro são marcas deste período, que compreende também a intensificação da cultura do ídolo no futebol, com Leônidas da Silva, em 1938, e o aproveitamento dos líderes políticos sobre a admiração do povo pelo futebol, a partir do presidente Getúlio Vargas. Leônidas e Vargas, aliás, são personagens fulcrais à mudança de patamar do futebol no país.

Considerado o inventor do plástico movimento da bicicleta nos campos, atleta do Flamengo, do São Paulo e artilheiro da seleção brasileira na Copa de 1938, realizada na França, o negro Leônidas voltou ao país como sensação, apesar de a seleção sair com o terceiro lugar geral da competição. Foi o primeiro jogador reverenciado pela imprensa e pelo público internacional, como narra Alchorne de Souza:

Poucas personalidades até aquele momento poderiam dizer que tiveram a popularidade de Leônidas, fosse um político, um ator de cinema ou um cantor de rádio. Milhões de pessoas o admiravam e se identificavam com o craque. Viam nele as características do que era “ser brasileiro”. Era um verdadeiro herói nacional, um jogador-símbolo de nossa nacionalidade. (SOUZA, 2008, p. 144)

Hoje, contratos de publicidade entre empresas e atletas são bastante comuns. O atacante Neymar, destaque da seleção brasileira atual, é garoto-propaganda de treze marcas diferentes – número maior do que a soma de acordos comerciais de todos os outros jogadores da seleção²². O precursor deste mercado ativo, entretanto, foi Leônidas da Silva. O chocolate Diamante Negro, da Lacta, leva o nome de um dos apelidos dados ao jogador, atribuído devido a seu refinamento

²² Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/29/neymar-faz-mais-propagandas-que-todos-outros-jogadores-da-selecao-juntos.htm>. Acesso em: 8 out. 2013.

técnico nos gramados. Leônidas cedeu os direitos definitivos sobre o epíteto à empresa por vinte contos de réis – um valor considerável para a época, segundo os autores Napoleão e Assaf (2006) – mas bem menor do que os montantes movimentados pelo mercado hoje em dia. Além do chocolate, Leônidas teve relacionados a seu nome e imagem relógios, cigarros e cremes dentais e ainda participou de filmes.

A propaganda cresceu no Brasil através do futebol, uma vez que os donos das grandes redes de lojas pagavam fortunas para que Leônidas da Silva permanecesse no interior de seus estabelecimentos por curtos períodos. Sabiam que centenas de torcedores lá estariam para também ver o famoso ‘Diamante Negro’. As promoções tinham retorno garantido, pois todos os jornais e emissoras de rádio da época noticiavam o fato e a propaganda era eficiente. (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006, p. 43)

Getúlio Vargas foi presidente do Brasil entre 1930 e 1945. Voltou a presidência entre 1951 e 1954. Apesar de ficar tanto tempo no poder, Vargas não presenciou nenhum grande momento de glória da seleção nacional. Em 1950 aconteceu o épico episódio do *Maracanazo*, quando a equipe brasileira foi derrotada pela uruguaia na final da Copa do Mundo, disputada no Rio de Janeiro. O primeiro dos cinco títulos mundiais veio justo no torneio seguinte à sua morte, em 1958.

Mesmo assim, nestes anos de popularização do esporte, Getúlio soube fazer do futebol um aliado político. Vargas teve papel preponderante na construção da identidade da seleção brasileira ao aproveitar-se da paixão que a mesma despertava no público para incitar nos brasileiros um espírito de patriotismo, propagando, assim, sua ideologia nacionalista (PASCHOALINO, 2012, p. 3).

Com o intuito de estender direitos e deveres a parcelas cada vez maiores de cidadãos por meio do Estado Novo, o governo Vargas se propôs a reestruturar diversos segmentos da sociedade. Uma política de esportes mais organizada, centralizada e estruturada fez parte das mudanças.

Inúmeras foram às legislações desportivas que trataram do desporto brasileiro. Merece destaque o ordenamento de 1941, o Decreto-Lei 3.199, obra do respeitável jurista João Lyra Filho. É de se lembrar que o país vivia sob a égide do Estado-Novo de Getúlio Vargas. Contudo, esta obra obteve o mérito de estruturar o desporto brasileiro criando normas gerais. (OLIVEIRA, 2002, p. 15 apud CALÇADO; BERTUOL, 2010, p. 3)

Souza ressalta a importância que os líderes políticos do Estado Novo davam a seleção ao detalhar o apoio prestado à delegação que viajaria à Copa de 1938.

O presidente Getúlio Vargas concedeu duzentos contos. Já o interventor federal no Rio Grande do Sul ofereceu mais dez contos. Alzira Vargas [filha do presidente], por sua vez, foi escolhida para ser a madrinha da seleção. [...] Antes da viagem para a França, Getúlio fez questão de receber os atletas. Recomendou que voltassem como campeões mundiais, pois o título seria de suma importância para o futuro do país. O presidente chegou a dar uma declaração prometendo “casa própria para os craques, o prêmio oferecido pelo chefe da nação se o Brasil levantar o campeonato mundial”. (SOUZA, 2006, p. 63)

Mesmo sem a taça, na chegada da seleção ao país após o torneio, autoridades e políticos faziam questão de posar para fotografias ao lado de jogadores como Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Romeu Pellicciari, símbolos do Brasil forte e internacional (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006, p. 43). No governo de Getúlio, o futebol e a seleção brasileira deram um salto em termos de projeção nacional.

Seguindo com o modelo proposto por Rodrigues (2007), a quarta fase vai de 1950 a 1970. Durante estas décadas destacaram-se o reconhecimento internacional e a comercialização do futebol brasileiro. Neste período a seleção conquistou a maior parte de seus principais títulos (três mundiais: 1958, 1962, 1970) e formou grandes jogadores reverenciados mundo afora, tais como: Garrincha, Tostão, Rivelino, Jairzinho e Pelé, o Rei do Futebol. Em termos de mercado este foi um período morno. Se na terceira etapa houve a profissionalização como requisito para manter os melhores jogadores no país, com incrementos nos salários e consequente demanda de poderio financeiro nos clubes e também sinais pontuais de aproveitamento do potencial de marketing dos atletas, durante os anos da quarta fase os times conseguiam manter seus grandes astros sem penar com assédios de clubes estrangeiros.

No quinto período, que compreende os anos de 1970 a 2006, segundo Rodrigues, o futebol como negócio no Brasil passou por significativas mudanças. O mercado nacional despertou para a capacidade lucrativa do futebol. Nas décadas de 1960 e 1970 eram comuns jogos dos campeonatos regionais que reuniam mais de cem mil

pessoas no estádio. Entre os dez maiores públicos da história do futebol brasileiro, seis foram registrados em clássicos do campeonato carioca²³.

Como o futebol atrai multidões, os profissionais de marketing logo descobriram nesse esporte uma gigantesca e inesgotável fonte de recursos. [...] O papel do esporte na sociedade e na economia tornou-se tão impactante que gerou a necessidade de se estabelecer um marketing não apenas para satisfação das necessidades do consumidor, mas também para a gestão comercial do esporte. (PASCHOALINO, 2012, p. 5).

Como efeito imediato a publicidade e a televisão passaram a pagar muito por espaço para anúncios e transmissões de jogos. Em prol das vitórias e dos títulos a todo custo, que gerariam ainda mais receitas aos clubes, o conceito de futebol-arte passou a concorrer com a ideia de futebol-força. Em defesa dos interesses políticos, jurídicos e comerciais de agremiações e jogadores foram criadas entidades como o Clube dos Treze, sindicatos profissionais formados por atletas de importantes centros como Rio de Janeiro (APAF/1977) e Rio Grande do Sul (AAP/1973) e instrumentos jurídicos como a Lei do Passe (1976), a Lei Zico (1993) e a Lei Pelé (1998)²⁴.

Para a pesquisadora Mariângela Ribeiro Santos (2011) existe ainda uma sexta fase, que engloba o período a partir de 2006 até a atualidade. Segundo a autora, a chegada dos megaeventos²⁵ esportivos ao Brasil – Jogos Mundiais Militares 2011, Copa das Confederações 2013, Copa do Mundo 2014 e Olimpíadas 2016 – abrem

²³ O maior público de um jogo entre clubes do Rio de Janeiro foi registrado no Maracanã, em 15 de dezembro de 1963, para Fluminense 0 x 0 Flamengo. Os 194.603 torcedores no estádio credenciaram este como o terceiro maior público de todos os tempos no Brasil. Os dois primeiros recordes pertencem a jogos da seleção brasileira, no mesmo estádio. (Disponível em <http://lista10.org/diversos/os-10-maiores-publicos-do-futebol-brasileiro-de-todos-os-tempos/>. Acesso em: 9 out. 2013).

²⁴ A Lei do Passe (6.364/76) dispunha principalmente sobre as relações de trabalho entre jogadores profissionais de futebol e clubes. A Lei Zico (8.672/93), propôs a revogação da Lei do Passe, buscando a redefinição dos mecanismos fiscalizadores e regulamentação das novas formas comerciais no futebol. Esta lei no entanto era apenas sugestiva e encontrou resistência por parte dos dirigentes de clubes. A Lei Pelé (9.615/1998), de caráter obrigatório, substituiu de fato a Lei do Passe e a Lei Zico e trouxe um novo regime, com mecanismos de controle das agremiações, composição dos tribunais desportivos e incentivo à profissionalização. Recentes modificações, introduzidas pela Lei 12.395/2011, aprofundaram ainda mais os princípios ali contidos. Entre as mudanças, a lei prevê a responsabilização dos dirigentes por gestão temerária, a proteção dos interesses das agremiações que investem em jovens atletas, proteção da saúde dos esportistas, cláusulas penais indenizatória e compensatória, controle da atividade dos empresários, regulamentação formal de direitos de imagem e de arena, entre outros aspectos. (Disponível em: <http://www.rodriguesgoncalves.adv.br/tag/lei-zico-lei-8-67293/>. Acesso em: 9 out. 2013).

²⁵ Pela definição de Getz (1997), descrita no Atlas do Esporte Brasileiro, “Megaeventos, por sua grandiosidade ou significado, são aqueles que produzem níveis extraordinariamente altos de turismo, cobertura da mídia, prestígio ou impacto econômico para a comunidade local ou de destino”. (Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/161.pdf>. Acesso em: 18 set. 2013).

um novo leque de acontecimentos e possibilidades sob as perspectivas do esporte como atividade e do esporte como negócio no país (SANTOS, 2011, p. 30).

Por esta ótica, é mister que o país consiga aproveitar o momento para dar outro impulso de crescimento ao futebol no país – e ao esporte de maneira geral – que não se baseie apenas na exploração da paixão popular. O tratamento do esporte como produto de consumo foi um achado para a movimentação da economia de alguns países pelo mundo. No Brasil, entretanto, a equação ainda não foi balanceada.

Segundo relatório recente da Pluri Consultoria, com base em dados de 2011, a média de público do campeonato brasileiro foi apenas a 13ª do mundo, atrás de torneios nacionais de países como Estados Unidos, Japão e China, com tradição sequer comparável à do Brasil no esporte. O principal produto do futebol brasileiro perdeu ainda para os públicos de campeonatos de segunda divisão da Inglaterra e da Alemanha.

A abordagem equivocada em curso, de iniciar a equiparação com o futebol europeu pelo preço cobrado nos ingressos e não pela qualidade do jogo, é apenas um dos sintomas da má administração do futebol como negócio no Brasil. A situação não fica restrita à esfera dos clubes nacionais. A seleção brasileira e sua representatividade também são levadas pelo movimento.

[...] no imaginário do torcedor, a Seleção Brasileira sempre foi vista como patrimônio, como representação do jeito de ser do brasileiro, por ser a “pátria de chuteiras”, onde o sentimento de pertencimento sempre foi sentido e expresso. Com o desenvolvimento do marketing, principalmente o esportivo, com a globalização e a transformação do jogo em negócio, essa relação se modificou, inclusive no discurso e cobertura da mídia. Como consequência, o que parece ter ocorrido é uma (des)construção dessa identidade e da relação de pertencimento do torcedor no que se refere à Seleção. (PASCHOALINO, 2012, p. 2)

Neste mesmo sentido, em entrevista à reportagem da BBC Brasil²⁶, o consultor de gestão esportiva Amir Somoggi alerta que apesar de os jogos da seleção ainda assegurarem bons níveis de audiência, a equipe tem perdido sua histórica ligação com o público. A grande questão é que a transição do esporte de mero

²⁶ “O Brasil é o país do futebol?”. Por Rogerio Wassermann, da BBC Brasil em Londres. (Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130611_brasil_pais_do_futebol_rw.shtml. Acesso em: 8 jun. 2013).

entretenimento para negócio não foi bem estruturada no Brasil. A evolução encontra-se a meio do caminho. Não se aproveita o potencial do futebol como produto nem se faz dele uma boa alternativa de lazer.

De acordo com o último relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI), publicado em 2012, o Brasil ocupa o sétimo lugar no ranking das maiores economias mundiais. Está atrás de nações como Alemanha (4ª economia), França (5ª) e Reino Unido (6ª)²⁷. As seleções de futebol destes mesmos países figuram à frente do Brasil também na lista de maiores contratos de fornecimento de material esportivo. Esta relação pode ser um indício de como futebol e economia caminham paralelamente na atualidade. Nenhum destes representantes europeus possui uma seleção pentacampeã do mundo, mesmo assim a posse deste título parece preponderante, uma vez que a última campeã, Espanha, é o país com a 15ª maior economia mundial, mas a quinta seleção com melhor contrato de fornecimento de materiais²⁸.

O declínio técnico do time brasileiro também é notável, tendo por referência a colocação do país no ranking da Fifa. Em maio de 2013, a seleção ocupou sua pior posição na história, 22º lugar²⁹. Ou seja, nem os lucros nem o esporte têm sido privilegiados.

No atual mundo dos negócios uma boa gestão de imagem está entre os pontos mais valorizados. Entende-se que a impressão passada pela marca é a porta de entrada para o público consumidor. No caso da seleção este cuidado é desprezado, segundo Somoggi³⁰:

²⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/04/brasil-deve-recuperar-posto-de-6-maior-economia-em-2013-mostra-fmi.html> Acesso em: 22 out. 2013.

²⁸ França, Nike, 42,6 milhões de euros/ano; Inglaterra, Nike, 30 milhões de euros/ano; Alemanha, Adidas, 26 milhões de euros/ano; Brasil, Nike, 25 milhões de euros/ano; Espanha, Adidas, 24 milhões de euros/ano. Dados: PR Marketing – Alemanha. (Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/22/mercado-e-escassez-de-competicoes-derrubam-brasil-tambem-no-ranking-das-camisas.htm>. Acesso em: 8 out. 2013).

²⁹ Após a conquista da Copa das Confederações, a seleção subiu para a posição número 8 do ranking. A marca negativa se deu também pelo fato de o time ter passado vários meses sem atuar oficialmente, uma vez que não disputa as Eliminatórias para a Copa do Mundo, por já estar classificado pela condição de anfitrião. Vale ressaltar que a seleção brasileira também não disputou as Eliminatórias para a Copa de 1998, por ter sido campeã mundial em 1994. Mesmo assim, naquela oportunidade não caiu tanto no ranking oficial. (Disponível em: <http://pt.fifa.com/worldranking/rankingtable/index.html>. Acesso em: 8 jun. 2013).

³⁰ “O Brasil é o país do futebol?”. Por Rogerio Wassermann, da BBC Brasil em Londres. (Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130611_brasil_pais_do_futebol_rw.shtml. Acesso em: 8 jun. 2013).

A CBF tem uma péssima imagem, com envolvimento em vários escândalos. A seleção tem um técnico bronco, que maltrata jornalistas. São erros claros de gestão de imagem. Vemos com frequência propagandas que tocam no tema da paixão do brasileiro pelo futebol, mas são todas de empresas privadas, de patrocinadores do futebol. Nada da CBF. (SOMOGGI, 2013).

A aproximação do produto ao consumidor é outro item que, bem aproveitado, pode gerar receita e, mais do que isso, identificação do público com a marca. Mas, de acordo com o consultor de gestão esportiva da BDO Brazil Pedro Daniel³¹, este é outro ponto negligenciado pela CBF, mesmo às portas de uma Copa do Mundo sediada no país. “Até o ano passado, a seleção jogava pouco no Brasil e enfrentava adversários pouco importantes. Isso afasta o público”, avalia. Ainda na reportagem da BBC Brasil, Juca Kfourir, defensor da mesma ideia, critica: “Nos últimos anos, o estádio do Arsenal, em Londres, se tornou a ‘casa’ da seleção brasileira. Há uma perda de vínculo óbvia, com jogadores que não jogam no Brasil”.

Existe uma necessidade premente de atualização de conceitos na gestão esportiva da seleção e dos times nacionais. A fase atual é a de elevar os custos ao torcedor para arrecadar mais, mesmo que isso signifique perda de identidade. No caso dos clubes o processo de elitização tem levado para fora do estádio o torcedor engajado e trazido um de perfil diferenciado, que não se adequa às tradições populares da maioria dos times brasileiros. No caso da seleção, como o poderio econômico médio do brasileiro não é alto, leva-se os jogos para o exterior buscando maiores rendas, ignorando, entretanto, o desapego que isto causa ao torcedor nacional.

Entretanto, a lição deixada por países mais desenvolvidos no assunto é outra: tornar o produto atrativo para que o preço cobrado não pareça exorbitante, mas justo, e apostar na paixão dos torcedores locais. Um grande exemplo deste movimento foi a evolução do futebol nacional da Alemanha após a Copa do Mundo ali sediada, em 2006. Segundo dados coletados pelo consultor esportivo Amir Somoggi, em estudo publicado no site especializado Futebol Business³², o mercado alemão soube colher bons frutos após o megaevento. Seus parâmetros podem ser observados pelo Brasil, mesmo com as claras diferenças econômicas e sociais entre os dois países.

³¹ “O Brasil é o país do futebol?”. Por Rogerio Wassermann, da BBC Brasil em Londres. (Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130611_brasil_pais_do_futebol_rw.shtml. Acesso em: 8 jun. 2013).

³² Disponível em: <http://futebolbusiness.com.br/2012/10/amir-somoggi-futebol-alemao-e-os-ensinamentos-para-o-brasil/>. Acesso em 1 nov. 2013.

De acordo com informações da Bundesliga, entidade que administra a primeira e a segunda divisão do Campeonato Alemão, as receitas do futebol profissional da Alemanha apresentaram grande melhora. Dois anos antes da Copa, na temporada 2003-2004, os 36 principais clubes alemães (no Brasil são quarenta) apresentaram receitas conjuntas de 1,28 bilhão de euros. Um ano após a competição, ao fim da temporada 2006-2007, os clubes obtiveram receitas conjuntas de 1,57 bilhão de euros. Uma evolução de 37% e crescimento absoluto de mais de 472 milhões de euros em novos recursos.

Logo após o Mundial a Bundesliga tornou-se a segunda colocada em geração de receitas entre as ligas de primeira divisão da Europa, atrás apenas da Premier League inglesa. Antes do evento a liga alemã era a quarta força econômica do continente. A exposição mais positiva do futebol alemão no mercado internacional por meio das atenções ali voltadas por ocasião da Copa do Mundo impactou os times, que ganharam importância global no mercado do futebol. Esse movimento proporcionou contratos televisivos rentáveis, valorização das cotas de patrocínio, crescimento do número de empresas interessadas em investir nos clubes e aumento das vendas de produtos oficiais nos mercados nacional e internacional, fortalecendo a relação entre equipes e torcedores.

Além disso, a Alemanha investiu na promoção de *matchday experiences*, ou “experiências do dia de jogo”, destinadas aos fãs de futebol nos espaços das novas arenas multiuso. O Brasil também acaba de construir suas arenas em modelo semelhante. Em várias delas, como no Maracanã, a ideia de proporcionar ao torcedor mais que um bom espetáculo de futebol, mas também outros serviços para consumo no dia das partidas, também consta no planejamento.

Para que essas mudanças de fato se verifiquem no Brasil, entretanto, será necessária também uma readequação do calendário de jogos. O país não segue o calendário de futebol da Fifa, contrariando o exemplo da maioria das nações. Nos dias de jogos de seleções nacionais, por exemplo, o campeonato brasileiro não para, como o inglês, o alemão ou o argentino. Desta forma, os jogadores têm de conviver com uma rotina física e psicologicamente estafante e têm seu potencial de performance prejudicado.

No aspecto financeiro, mais do que arrecadar, é preciso aprender a gerir o que se arrecada. Como exposto anteriormente neste capítulo, mesmo antes do advento da Copa do Mundo, as receitas destinadas aos clubes já tem sido recordes. A experiência alemã também é referência de boa administração. Segundo análise de Somoggi, o mercado do futebol cresceu ali de forma equilibrada, diferentemente do observado em países como Inglaterra, Itália, Espanha e Brasil, nos quais os clubes tem apresentado evolução nas receitas, mas para isso, acumulam dívidas e prejuízos.

Parece claro que o país que sediará a Copa do Mundo de 2014 teria muito a ganhar com a adaptação a estas novas estratégias, tendo em vista que a paixão do brasileiro pelo futebol sempre foi um diferencial constante e favorável à prática e exploração do esporte. As informações deste capítulo, que compreendem o futebol como uma área de investimentos financeiros em franca expansão no mundo e que urge ser melhor explorada no Brasil, preparam o terreno para as exposições seguintes acerca do jornalismo esportivo e seu espaço na imprensa nacional.

5.4 – Jornalismo esportivo

Abrir um jornal de grande circulação e observar a divisão de suas editorias e assuntos pode ser um exercício esclarecedor acerca da maneira como os esportes são tratados na imprensa nacional³³. Atualmente existem os cadernos de esportes, que são praticamente jornais sobre o tema específico dentro de um veículo genérico mais amplo e maior. Outrora a disposição das matérias sobre futebol nos jornais impressos era a mesma que ainda lhe destinam os noticiários de TV: o final.

Juntamente com a parte inicial, os trechos finais são considerados espaço atrativo e privilegiado para o conteúdo jornalístico. Na televisão, posicionar o momento dos esportes no fim é uma estratégia para permanência de audiência. As notícias são anunciadas desde os blocos iniciais, mas serão exibidas apenas no fim. Isso sem falar dos programas especializados, presentes em números significativos tanto na TV aberta quanto na paga. Em termos de comparação, há menos programas voltados inteiramente à análise política ou econômica do que aos esportes.

No canal Globo News, da Globosat, por exemplo, voltado à cobertura de notícias do cotidiano e seus desdobramentos, programas especializados em economia e política na grade, como *Conta Corrente* e *GloboNews Alexandre Garcia*, possuem meia hora de duração e são exibidos duas vezes ao dia de segunda a sexta-feira, sendo um destes horários na madrugada. A mesma Globosat mantém atualmente três canais simultâneos de esportes, SporTV, SporTV 2 e SporTV 3, que revezam em sua programação transmissões e jornalismo esportivo. O noticiário do gênero de menor duração e que também vai ao ar duas vezes ao dia, de segunda à sexta, possui uma hora de extensão. É o SporTV News, que conta com o diferencial de ir ao ar somente em horários considerados nobres.

³³ Roberto Ramos, em “Futebol: Ideologia do Poder”, 1984, p. 60, constatou que o tema Futebol levava vantagem sobre todos os outros na hierarquia de assuntos de dois grandes jornais do Rio Grande do Sul: Folha da Tarde e Zero Hora. Por meio da análise da distribuição quantitativa de espaços dedicados às editorias nestes jornais, o autor constatou que, em um intervalo de sete dias corridos, o futebol liderou com folga o conteúdo das publicações. Na Folha da Tarde, foi o segundo colocado, superado pela editoria de generalidades “Lazer&Utilidades”, mas desbancando as editorias de Política e Economia com facilidade, tendo 53% e 41% a mais de espaço dedicado, respectivamente. No Zero Hora, Política e Economia ficaram em quinto e sexto lugar, respectivamente, com um diferencial de destinação espacial de mais de 100%, cada, com relação ao Futebol. A conclusão de Ramos foi de que o futebol é, para o Brasil, um “grande achado. Mantém os espaços mais nobres dos jornais”.

A explicação para estas escolhas não apenas jornalísticas, mas empresariais, é que esporte vende. Não somente no Brasil, onde o grande diferencial está no fato de o futebol ser a modalidade – e o assunto – mais popular, mas em todo o mundo³⁴. Segundo Barbeiro e Rangel, o futebol é uma das principais armas das emissoras na guerra pela audiência na TV, razão pela qual elas investem cada vez mais nas produções esportivas (2010, p. 3).

Veículos de comunicação são empresas. Junto com seus virtuais princípios colocam-se a busca por audiência e índices de consumo. O universo dos esportes, por sua vez, não se restringe às circunstâncias práticas e objetivas em si, como competições, treinos e desempenhos, mas a tudo que o entorno destes eventos e da vida dos personagens deste universo – os atletas – têm a oferecer como desdobramentos.

O evento, o fato esportivo e seus principais atletas, são vistos como elementos de consumo, enquanto cultura, entretenimento e espetáculo. Em razão dos valores financeiros que transitam em torno da cultura do esporte, um grande número de empresas começou a enxergar nesse universo uma excelente perspectiva de negócio, colocando o esporte como um dos principais vértices da tão propalada indústria do entretenimento e, conseqüentemente, do consumo. (ROCCO JR, 2012, p. 5)

Os lucros do marketing esportivo, a espetacularização dos megaeventos, a interpretação do atleta de alto rendimento como celebridade. Estes são alguns fatores – embora não os únicos – que alçaram a imprensa esportiva brasileira ao status atual. Em apropriação à perspectiva de Rocco Jr, entende-se que as empresas de comunicação optem por dar espaço aos esportes para estimular o entretenimento e alavancar o consumo. Dessa forma, é relevante para este trabalho estudar a relação que se dá entre o entretenimento e o jornalismo, um dos meios pelos quais as empresas repercutem os assuntos esportivos.

³⁴ De acordo com números disponibilizados pelo Atlas do Esporte no Brasil, que se autodescreve como o maior banco de dados sobre esportes com disponibilidade gratuita, o futebol é a modalidade mais praticada no país. Pesquisa realizada em 2003, indicou que existem em solo nacional 23 milhões de praticantes ocasionais (7 milhões de profissionais). O vôlei vem em segundo com 15,3 milhões de praticantes ocasionais e o tênis de mesa em terceiro, com 12 milhões. (Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/173.pdf>. Acesso em: 23 out. 2013.) Em escala mundial, o futebol possui cerca de 265 milhões de praticantes entre profissionais e ocasionais. O dado provém da pesquisa Big Count 2006, realizada pela Fifa. (Disponível em: http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/bcoffsurv/bigcount.statspackage_7024.pdf. Acesso em 22. out. 2013.) O Comitê Olímpico Internacional não disponibiliza dados a respeito de praticantes de esportes no mundo.

Um programa de entretenimento não possui compromisso com a informação, um noticiário sim. No jornalismo esportivo a tensão entre estes extremos tende a ser suavizada. Oliveira e Melo (2011), apresentaram no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, artigo intitulado “A comédia em destaque no Telejornalismo Esportivo da Rede Globo: Por Tadeu Schmidt e Tiago Leifert”. Neste material, os autores procuraram analisar a referida dualidade com base nas experiências transmitidas pelos apresentadores da Rede Globo. A fim de corroborar a ideia de que o exagero sobre a mescla de jornalismo esportivo e entretenimento pode comprometer a credibilidade da atividade profissional perante parte do público, serão citados trechos a respeito de Leifert.

Tiago Leifert é jornalista graduado pela Universidade de Miami. Tornou-se conhecido nacionalmente após inovar por meio de seu modo despojado de conduzir o programa Globo Esporte. A atração, em exibição na emissora desde 1978, pode ser definida ao longo de sua trajetória, como uma mistura de informação e entretenimento, de acordo com texto do site Memória Globo ³⁵. Embora na disposição de conteúdo deste mesmo site o programa não apareça como um telejornal, sua direção está subordinada à Central Globo de Jornalismo. Além disso, nos créditos exibidos ao fim das transmissões é possível observar funções comuns ao setor, como editor-chefe, chefe de reportagem e coordenador de telejornais. Assim, Globo Esporte pode ser entendido como pertencente ao gênero jornalístico.

Quando Leifert passou a chefiar e apresentar a edição paulista do programa, em janeiro de 2009, as mudanças observadas estavam voltadas ao entretenimento.

Tiago faz piadas com tudo, eliminou o teleprompter – aparelho que projeta o texto que o apresentador lê olhando para a câmera – fala com o telespectador como se estivesse com um amigo – ancorado em pseudo-improviso *trash* e no uso de uma linguagem de edição que aproxima a Globo da MTV e do *Pânico na TV*. [...] As reportagens do telejornal são cobertas por músicas e a edição muitas vezes lembra a de videocliques, com cortes rápidos ou a do *Pânico*, com a inserção de imagens de arquivo para ilustrar alguma citação ou situação, com **fins meramente humorísticos**. (OLIVEIRA; MELO, 2011, p. 7, grifo nosso).

Com interesse e habilidades voltadas ao lúdico, Leifert tem apresentado recentemente programas direcionados ao divertimento do público, como o reality

³⁵ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/evolucao.htm>. Acesso em: 8 nov. 2013.

show musical *The Voice Brasil*. Ele próprio considerou, em entrevista concedida em 2009 à jornalista Patrícia Rangel, que após suas alterações Globo Esporte não deve ser visto como um programa de jornalismo esportivo. Por suas palavras, este gênero não tem vida, emoção ou paixão, mas o esporte em si tem. “O jornalismo no Globo Esporte estava muito pesado, eu brinco que a gente estava numa *rave* usando *smoking*. Hoje eu acho que é muito mais entretenimento do que informação, ele tem um peso maior no programa” (LEIFERT apud RANGEL, 2009, p. 9).

Para o grande público, entretanto, é discutível se este arranjo está claro. O jornalista assumiu sua predisposição ao entretenimento, tanto que mudou fisicamente de setor na empresa, atuando agora na Central Globo de *Produção*, o Projac. O programa, ao contrário, em nenhum momento deixou de estar atrelado à Central de *Jornalismo*.

Atrações – televisivas ou não – com formato e estrutura jornalísticas voltadas ao entretenimento não são novidade. O canal Multishow, da Globosat, possui em sua programação o *Jornal Sensacionalista*, um humorístico que se vale do estereótipo do telejornal para coordenar a exibição de esquetes cômicas. O espetáculo *Notícias Populares*, da companhia de teatro brasileira Os Melhores do Mundo é outro exemplo, entre muitos outros. O diferencial destes para o evento Globo Esporte é a clareza transmitida ao espectador. Que expectativa deve se ter diante do programa: informação ou diversão³⁶?

Como efeito desta recharacterização sem aviso do jornalismo esportivo pode estar o comprometimento da seriedade do setor. Como observa Rangel (2009), um produto híbrido que se associa ora à publicidade, ora ao entretenimento, ora ao consumo, muitas vezes deixa de cumprir sua missão primordial de informar (2009, p. 4). Esse movimento tende a ser algo indesejado por parte da maioria dos profissionais, pois ameaça o status da cobertura esportiva em um momento no qual o futebol visto como “ópio do povo” é cada vez mais deixado de lado.

Desde a década de 1980, estudos sociológicos sobre a modalidade têm trazido à tona a perspectiva do futebol como traço identitário e cultural do Brasil e não um

³⁶ Este caso é extremo, adotado como exemplo para abordar o advento do declínio da notícia em favor do entretenimento. Há outros programas que privilegiam a informação mesmo sendo realizados com descontração e bom humor. São exemplos o próprio *Linha de Passe*, escolhido para esta análise, o *Bate-Bola* e o *Sportscenter Brasil* (edição ancorada por Antero Greco e Paulo Soares), todos da ESPN Brasil.

produto do capitalismo para a alienação das massas, como por um bom tempo foi considerado³⁷ (GASTALDO, 2010, p. 9). Se este preconceito se atenuou, o do jornalismo esportivo dentro das redações ainda não. Pelo consumo do público geral a editoria tem importância legitimada, porém, dentro dos jornais os assuntos referentes a ela não são tratados com a mesma nobreza.

Sobre os desafios do jornalismo esportivo, Paulo Vinícius Coelho³⁸ (2006), especialista no assunto e um dos fundadores do *Diário Lance!*, em 1997, afirma que “durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade” (2006, p. 9). Isto porque um dos trabalhos da editoria foi desde sempre navegar contra o fluxo de ideias de quem supostamente pensa o jornalismo.

Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? (COELHO, 2006, p. 7)

Seja por imposição do mercado ou por mérito do jornalismo, é exatamente nesta posição que o esporte chegou na imprensa. Segundo o mesmo Coelho, entretanto, esta ideia ainda não teve aceitação por todos os companheiros de profissão. De acordo com o que observa, assim como nas redações do passado, “ainda há sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais” que seja dedicada ao esporte além do previamente determinado (2006, p. 9).

O jornalista Celso Unzelte³⁹ (2012) é mais um entre os que acreditam que o ranço não foi deixado no passado. Embora o jornalismo em suas várias formas tenha sofrido mudanças, ele defende que esta contradição ainda precisa ser resolvida.

³⁷ Segundo Gastaldo, o marco dessa perspectiva é a publicação, em 1982, do livro *Universo do futebol*, organizado pelo antropólogo Roberto da Matta. Ali o futebol é apresentado sob uma nova luz, pensado como um fato social em si mesmo e interpretado como uma espécie de drama da vida social no Brasil. Neste mesmo rumo vai a obra do psicólogo Claudio Bastidas, “Driblando a perversão – Psicanálise, futebol e subjetividade brasileira”, publicado em 2002 e utilizado como referência neste trabalho.

³⁸ Paulo Vinícius Coelho é jornalista e comentarista da ESPN. Por estes motivos, é frequentemente mencionado ao longo deste trabalho, ora pelo nome completo, ora pelo último sobrenome, ora pelo apelido PVC.

³⁹ Disponível em:

<http://portalimprensa.uol.com.br/noticias/entrevista+da+semana/49706/o+jornalismo+precisa+resolver+contradicoes+diz+celso+unzelte>. Acesso em: 27 set. 2013.

O grande preconceito começa com nossos próprios colegas. Os jornalistas de outras áreas enxergam o jornalista esportivo como um profissional menor, um profissional de interesses menos legítimos. Eu cansei de ver gente em redação que se orgulhava de falar, em alto e bom som, “eu não entendo nada de futebol”. (UNZELTE, 2012)

Passa também pelos próprios jornalistas esportivos a missão de transmitir seriedade por meio de seu trabalho – não sendo seriedade, aqui, compreendida como antônimo de humor. É possível – e até desejável – fazer jornalismo de esportes com leveza, sem, no entanto, torná-lo total entretenimento. Como dito, tal resultado descaracteriza o jornalismo. Apesar das inegáveis peculiaridades relativas aos fatos noticiados, à abordagem dada aos fatos, ao clima e à linguagem do discurso estabelecidos entre o jornalista esportivo e o público⁴⁰, a atividade continua sendo balizada por critérios de produção e recepção.

Como em qualquer produto jornalístico, a seleção da notícia esportiva é um processo norteado pelos critérios de noticiabilidade universais à atividade de produção e transformação de acontecimentos em fatos noticiáveis. Também no noticiário esportivo tem mais chances de se tornar notícia o que é factual, que desperta o interesse do público, que atinge o maior número de pessoas, que seja inusitado ou curioso, que seja novidade e que apresente bons personagens. (SOUSA, 2005, p. 2)

Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel afirmam que “Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, econômico, social” (2006, p. 13). Para estes autores, antes das suas especificidades, o jornalismo esportivo tem como base as mesmas regras gerais de qualquer outro gênero jornalístico, como a busca pela informação, isenção no tratamento com as fontes, critérios de noticiabilidade e criatividade para encontrar diferentes ângulos da notícia (PASSOS, 2012, p. 4).

No sentido contrário da defesa destes princípios e sua necessária inter-relação com o jornalismo esportivo, destaca-se a experiência de profissionais portugueses – diretamente ligada ao tema principal deste trabalho. No artigo “*Vestir a camisola*” – *jornalismo esportivo e a selecção nacional de futebol*, publicado em 2004, João Nuno Coelho põe em debate o fato verídico de patrícios companheiros de profissão

⁴⁰ Principalmente no que diz respeito ao telejornalismo esportivo. Os estúdios e o figurino dos jornalistas buscam criar uma atmosfera coloquial. Enquanto no noticiário geral, econômico ou político, apresentadores e repórteres vestem trajes sociais, nos telejornais de esportes estes profissionais utilizam roupas casuais, que remetam ao dia-a-dia do espectador e permita uma melhor identificação com o público. O mesmo movimento se repete quanto à linguagem. Tal maleabilidade não poderá, jamais, comprometer a credibilidade. O compromisso com este princípio é o que delimita as fronteiras entre jornalismo e entretenimento.

que assumidamente deixaram de publicar informações a respeito dos bastidores internos da seleção lusitana em prol da manutenção de um ambiente favorável entre time nacional e torcida.

[...] durante a fase final do Campeonato da Europa de futebol, em 2000, foram vários os jornalistas a proclamar o propósito (“auto-imposto”) de calar determinados aspectos negativos relacionados com a seleção nacional como maneira de contribuir para o sucesso da equipa e para o prestígio do país. No fundo, assumindo uma forma de “auto-censura”, com o objetivo de “remarmos todos para o mesmo lado...”, traduzindo a ideia, mil vezes difundida, de que a selecção enquanto símbolo nacional representa um interesse supremo. (COELHO, 2004, p. 9)

A situação quase dramática se repetiu dois anos mais tarde na Copa do Mundo da Coreia/Japão quando, segundo Nuno Coelho, a seleção portuguesa viveu graves problemas disciplinares envolvendo técnicos, dirigentes e jogadores. Vários acontecimentos não foram divulgados pelos jornalistas lusos em nome da importância da representação nacional e do prestígio do país internacionalmente.

O mais curioso no relato é que, ao final da participação da equipe no torneio, a própria Federação Portuguesa de Futebol foi a público agradecer à imprensa presente no Mundial, admitindo que “os órgãos de comunicação social, tendo conhecimento diário destas questões decidiram e bem não as publicar, já que isso traria um ambiente de instabilidade à Selecção Nacional” (COELHO, 2004, p. 10).

Este episódio de Portugal é explicitamente contrastante com os princípios éticos e morais. De uma só vez, os jornalistas envolvidos solaparam os três primeiros pontos do Código Deontológico⁴¹ da profissão em seu país. Sendo eles: 1) relatar os *factos* com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade; 2) combater a censura e o sensacionalismo; 3) lutar contra as restrições no acesso às fontes de informação e as tentativas de limitar a liberdade de expressão e o direito de informar. Isto sob a justificativa de defender passionavelmente a imagem da seleção lusa.

Paulo Vinícius Coelho defende na cobertura jornalística esportiva o lugar para a paixão. Para ele, “o fim da paixão é também a derrocada do profissional” (2006, p.48). Baseado nos cronistas Mário Filho e Nelson Rodrigues, PVC entende que há espaço para o romance, sem que, contudo, a informação seja prejudicada. “O que

⁴¹ Aprovado em 4/5/1993 pelo Sindicato de Jornalistas de Portugal.
(Disponível em <http://www.lusa.pt/lusamaterial/PDFs/CodigoDeontologicoJornalista.pdf>.
Acesso em: 23 out. 2013).

se espera habitualmente de todo grande jornal é a mistura dos dois estilos” (2006, p. 18). O autor ressalta, sobretudo, que a notícia é o mais importante. E que é exatamente a realidade presente no jornalismo esportivo contemporâneo que torna suas coberturas tão brilhantes (2006, p. 22).

À primeira vista, discutir o compromisso do jornalismo com a verdade parece um tema desgastado. No entanto, o exemplo citado da cobertura dos jornalistas de Portugal (nação da qual se originam muitos e diversos materiais bibliográficos de Comunicação utilizados no Brasil) e a compreensão do jornalismo esportivo manifestada publicamente pelo técnico da seleção brasileira Luiz Felipe Scolari – motivadora deste trabalho – demonstram minimamente o quão distante está o assunto do total esgotamento.

O treinador dirigiu críticas à emissora de televisão ESPN Brasil por considerar que no modo de realizar sua cobertura a mesma não jogava a favor da seleção brasileira e induzia a arbitragem e os adversários a prejudicarem o time, quando, na verdade, como é possível comprovar – e o trabalho desenvolverá esta análise nos capítulos seguintes – a abordagem do canal estava pautada em estatísticas factuais de jogos. Tal percepção contribui à instigação do debate e consequente formulação de conclusões a respeito do tema.

5.5 – Valores deontológicos no jornalismo esportivo

Em sentido literal o termo deontologia deriva do grego, em que *deontos* significa dever/obrigação e *logos* estudo. De modo aprofundado, a deontologia está relacionada ao campo da Filosofia como uma disciplina acerca de escolhas humanas individuais necessárias fundamentadas na ética e na moral. Para o desenvolvimento deste trabalho basta saber que o conceito também é entendido como sinônimo para o conjunto de regras e princípios que regem o desempenho de uma profissão.

No Brasil, códigos deontológicos comumente recebem o nome de códigos de ética profissional. É assim no caso do jornalismo, cujo Código de Ética é organizado pela Federação Nacional de Jornalistas, FENAJ⁴². Em outros países, como Portugal, a carta de deveres de mesmo teor é intitulada Código Deontológico do Jornalista⁴³.

É justamente da experiência lusa que provém o nome deste capítulo dedicado a exposições correlatas à ética no jornalismo. Tais valores, por si, estão presentes tanto no Brasil como em Portugal, no entanto, o tema central em análise neste trabalho – jornalismo-torcedor – não possui ampla discussão teórica no Brasil. São raras as manifestações de profissionais a este respeito, exceto pontualmente, quando provocados (como no evento motivador desta monografia). A produção acadêmica tampouco se atém de modo expressivo à relevância do assunto, apesar de o mesmo evidenciar uma forte contradição entre a prática e a ética jornalística.

De modo diverso, em terras além-mar – como as pesquisas para a elaboração deste projeto revelaram – o tópico está constantemente presente em diversas abordagens acerca da imprensa e seu relacionamento com a seleção – e times – nacionais. Tal fato não indica necessariamente que a ocorrência da dualidade entre dever profissional e arroubos de nacionalismo quanto a representações esportivas se dê

⁴² O documento atual foi formulado em 2007. O anterior vigorava desde 1985. Entre as principais mudanças no texto estão a proibição da alteração de depoimentos de fontes, a ratificação da presunção de inocência como um dos fundamentos ao exercício da profissão e a cláusula de consciência.

(Disponível em:

http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf. Acesso em: 13 out. 2013).

⁴³ Disponível em <http://www.lusa.pt/lusamaterial/PDFs/CodigoDeontologicoJornalista.pdf>. Acesso em: 23 out. 2013.

na Europa com mais ênfase, mas sim que os portugueses demonstram estar mais abertos a discutir as causas e os efeitos deste acontecimento.

Entre as publicações e debates lusitanos considerados como base à elaboração deste trabalho está o livro *A TV do Futebol* (2006), uma coletânea de artigos sobre futebol e jornalismo “desportivo” com enfoque no planeamento dos principais veículos de comunicação em Portugal para a Copa do Mundo de 2006. A obra foi organizada por docentes do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Alguns dos materiais ali agrupados são citados de algum modo ao longo desta monografia.

A Copa do Mundo Fifa de 2006, a propósito, foi para os setores de comunicação voltados a este tema em Portugal um importante motivador do debate sobre jornalismo e imparcialidade na cobertura futebolística. O assunto esteve presente em outras ocasiões, como demonstra o artigo de João Nuno Coelho (2004), intitulado “*Vestir a camisola*” – *jornalismo esportivo e a selecção nacional de futebol*. Ali o autor relata a delicada cumplicidade entre profissionais da imprensa e a seleção portuguesa durante a Eurocopa de 2000 e na Copa do Mundo de 2002.

Uma das motivações de Nuno para a publicação do artigo era promover o debate às vésperas da Eurocopa 2004, sediada em Portugal. Tal fato ratifica a distinção da importância dada ao tema em confrontação com o Brasil. Comparativamente, a Copa do Mundo é evento mais relevante que a copa europeia, ainda assim, não tem havido até então difusão perceptível de produções e comentários acadêmicos sobre o assunto no país. Trechos e interpretações sobre o trabalho de Nuno Coelho são citados posteriormente nesta análise.

A rede pública de Rádio e Televisão de Portugal, RTP, também incentivou a discussão. Em abril de 2006, o programa de debates *Clube dos Jornalistas* apresentou como tema em uma de suas edições “Jornalismo, Patriotismo e Seleção Nacional de Futebol”⁴⁴. O episódio não encontra-se disponível na Rede, mas o registro de sua exibição demonstra que o assunto esteve publicamente presente nos diálogos a respeito da profissão.

⁴⁴ Disponível em: <http://www.rtp.pt/programa/tv/p20259/e13>. Acesso em: 28 out. 2013.

Quanto à polêmica acerca da relação da imprensa com times de futebol daquele país, destaca-se a cobertura da emissora privada SIC, Sociedade Independente de Comunicação, à partida disputada entre a equipe inglesa Chelsea e a portuguesa Benfica, válida pela final da Liga Europa da UEFA⁴⁵ temporada 2011/2012. Para o jogo decisivo, em 15 de maio de 2013, o canal incorporou à programação uma atração especial, o *Viv'ó Benfica!*⁴⁶.

Tratou-se de um show realizado a partir de um palco montado no Terreiro do Paço, em Lisboa. O evento resultante de parceria entre SIC, Benfica, Câmara Municipal de Lisboa e Associação de Turismo de Lisboa, foi transmitido na TV entre 10h e 17h. A partida estava marcada para as 19h45, horário local.

O espetáculo foi conduzido por apresentadores da SIC e contou com exhibições de artistas portugueses para entreter o público. A decoração, os trajes dos apresentadores, os assuntos, as canções executadas, tudo estava voltado ao Benfica. Em meio ao programa entravam participações ao vivo de repórteres em diferentes lugares de Portugal. A intenção era mostrar que em todo o território português a população estava em clima de expectativa para a partida final.

A realidade, entretanto, deu provas daquilo que poderia se presumir sobre um país que possui na primeira divisão de seu campeonato nacional dezesseis agremiações diferentes: não houve unanimidade. Nem todos os torcedores em todos os lugares torciam para o Benfica vencer o Chelsea e conquistar a Liga da Europa. Havia os fãs de outros times, que desejavam o contrário, havia os desinteressados por futebol e até mesmo torcedores do clube inglês nos lugares visitados pelos entrevistadores.

Seria como esperar que todos os brasileiros torcessem a favor do Atlético Mineiro na decisão da Copa Libertadores da América 2013 e produzir sete horas de programação televisiva apostando neste mote. Gerou repercussão não apenas o

⁴⁵ A UEFA Europa League é a segunda competição interclubes europeus em importância, ficando atrás da UEFA Champions League, ou Liga dos Campeões da UEFA. O torneio teve o nome modificado em 2009. Até então, desde 1971 era conhecida como Copa da UEFA. UEFA é a sigla para União das Federações Europeias de Futebol, órgão de administração e controle do futebol no continente europeu. (Disponível em: <http://www.uefa.com/uefaeuropaleague/history/index.html>. Acesso em: 30 out. 2013).

⁴⁶ Disponível em: <https://sic.sapo.pt/Programas/Queridajulia/2013/05/16/viv-o-benfica>. Acesso em: 30 out. 2013.

fato de que a atração não rendeu os efeitos esperados⁴⁷, mas também o modo como os profissionais promoveram abordagens aos transeuntes nas ruas. Em trecho do programa *Viv'ó Benfica!*, disponibilizado no acervo de vídeos do Youtube⁴⁸, o título atribuído por um usuário questiona ironicamente se o programa especial era mesmo da SIC ou de uma filial do Benfica TV, canal exclusivo da equipe portuguesa. Nos comentários ao vídeo o tom da cobertura foi ridicularizado.

Em emblemática cena a repórter Filipa Marques, em busca de palavras de apoio à equipe portuguesa, tenta, sem sucesso, parar dois carros que passam pela rua. O intuito era perguntar se seus ocupantes torceriam pelo time luso. Ela decide então interpelar as pessoas que caminham pela calçada, a primeira delas é um senhor. Ao ser abordado o homem começa a dizer que o Benfica está para o futebol como Salazar⁴⁹ está para a política. Logo sua opinião é abruptamente interrompida. A repórter retira o microfone do entrevistado e caminha para longe dele.

Em seguida, Filipa Marques se dirige apressadamente a duas mulheres que transitavam ali e pergunta se elas torcerão pelo Benfica. Uma das entrevistadas é fã do time em questão, a outra admira o Sporting de Lisboa, equipe rival. Quando esta última afirma e reafirma que não irá apoiar o Benfica, a repórter lança o seguinte argumento: “O Benfica jogará contra uma equipe estrangeira e você vai torcer para a equipe estrangeira?”. A entrevistada mantém sua posição, Filipa Marques prioriza a torcedora do Benfica e ao encerrar sua participação diz à apresentadora no palco principal: “Vamos esquecer esta senhora que não torce pelo Benfica nem quando ele joga contra uma equipe estrangeira.”

Os acontecimentos relatados acima demonstram o quanto o sentimento de nacionalismo está arraigado na cobertura esportiva portuguesa. E demonstram como a mesma emoção não necessariamente está presente no público. Segundo o

⁴⁷ Do ponto de vista do programa certamente não, se for avaliada a quantidade de pessoas presentes no evento (visivelmente baixa), a participação do público nas ruas e os índices de audiência alcançados (as atrações concorrentes de outras emissoras mantiveram-se no topo durante toda a transmissão, segundo o site de monitoramento de audiências da televisão portuguesa Quinto Canal). (Disponível em: <http://quinto-canal.com/2013/05/voce-na-tv-e-a-tarde-e-sua-derrubam-especial-vivo-benfica-da-sic/>. Acesso em: 30 out. 2013).

⁴⁸ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=V5nnOROV3_I&feature=youtu.be. Acesso em: 30 out. 2013.

⁴⁹ António de Oliveira Salazar governou Portugal durante trinta e seis anos (1937 - 1968), no período do Estado Novo. Entrou para a História principalmente pelas características ditatoriais de seu mandato. (Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/antonio-salazar/>. Acesso em: 30 out. 2013).

pesquisador João Nuno Coelho (2004), são os valores morais do jornalista perante o público e do jornalista enquanto indivíduo que impulsionam, como fosse uma obrigação, esta parcialidade declarada nas ocasiões de confrontos esportivos de representação nacional.

Nos discursos dominantes na imprensa desportiva, as equipas e atletas portugueses surgem como verdadeiros embaixadores de Portugal, cuja acção pode e deve colocar o país em posições de destaque na cena internacional, na competição com outras nações. Este é um tipo de discurso nacionalista habitual na imprensa desportiva [...] segundo o qual a representação nacional é tida como o mais alto valor e interesse na prática desportiva competitiva. (COELHO, 2004, p. 29)

O autor reconhece que o discurso agrupado em torno de um sentimento de unidade pode representar, em diversas situações, um risco a alguns dos valores deontológicos elementares da profissão de jornalista (COELHO, 2004, p. 27). Segundo sua análise, existem dois metadiscursos predominantes nos veículos que cobrem esportes em Portugal: o do país como interesse supremo e o da unidade nacional (COELHO, 2004, p. 30).

Ambos prejudicam o compromisso ético expresso no Código Deontológico do Jornalista, em seu artigo oitavo, de que o profissional deve rejeitar o tratamento discriminatório das pessoas em função de cor, raça, credos, nacionalidade ou sexo. Ora, se os interesses do país e da unidade nacional estão colocados acima de outros valores na prática jornalista, eventualmente em uma cobertura um indivíduo pode ser discriminado por pertencer a outra nação, nesta situação vista como “adversária”.

Evidência de que tal prática acontece em Portugal é a afirmação de Nuno Coelho: “O jornalista trata de ‘vestir a camisola’⁵⁰ enquanto forma de lealdade e pertença a um colectivo, a uma comunidade. Assim, coloca-se a selecção nacional no centro da nação, enquanto símbolo de unidade” (COELHO, 2004, p. 30). Esta linha de pensamento fecha o jornalista em torno de si e de sua ideologia. Tal fato compromete apuração e isenção jornalísticas, mas o autor procura demonstrar em sua construção que a atitude já está incorporada à cobertura esportiva portuguesa há tempos e não apresenta sinais de mudanças.

⁵⁰ Camisola, em português de Portugal, significa o mesmo que camisa no português brasileiro. Logo, a expressão “Vestir a camisola”, utilizada por João Nuno Coelho tem o sentido de “Vestir a camisa”, conotando a ação de jogar no mesmo time, compartilhar ideais e objetivos.

É curioso ressaltar que no Código Deontológico do Jornalista, não há sequer um trecho semelhante ao texto presente no artigo 12, inciso VII do Código de Ética da FENAJ, que estabelece ao jornalista o dever de defender a soberania nacional em seus aspectos político, econômico, social e cultural⁵¹. Uma interpretação desta sentença que entenda o futebol como elemento cultural poderia avalizar este apoio incondicional à seleção lusa. E é exatamente esta a noção que os veículos de jornalismo esportivo têm sobre o futebol nacional, de acordo com João Nuno Coelho.

O autor ressalta que a relação da imprensa esportiva com a seleção portuguesa funciona como um código de conduta implícito respeitado pelos dois lados, independentemente das intenções comerciais ou da orientação política das empresas de comunicação. Se o entrevistado de Filipa Marques em *Viv'ó Benfica!* citou o salazarismo para repudiar o apoio ao time português, Nuno Coelho se apropria do mesmo elemento histórico para afirmar que até as ideologias políticas podem ser deixadas de lado quando o assunto é apoio à seleção lusitana.

Este é um processo eminentemente cultural, que atravessa gerações, sistemas políticos e sociais. Apesar de muitos dos jornalistas [...] terem, reconhecidamente, simpatias para com a “esquerda” que lutou contra o regime salazarista, isso não impediu que sempre defendessem a importância da selecção para o prestígio do país, mesmo que tal beneficiasse claramente o regime totalitário. O poder da nação e da identidade nacional está exatamente nessa capacidade de apagar as diferenças (e as desigualdades...), construindo uma unidade profundamente hegemónica, na escala das emoções e dos sentimentos. (COELHO, 2004, p. 38).

A noção da seleção de futebol como representante legítima dos interesses e da imagem da nação é um consenso arraigado em Portugal desde 1945, quando o diário esportivo *A Bola* passou a difundir esta ideia (COELHO, 2004, p. 32). O trecho a seguir, escrito pelo jornalista lusitano Carlos Daniel, presente na compilação *A TV do Futebol* (2006), dá o tom da importância da seleção portuguesa para além da seara esportiva.

Com a Selecção, o país tanto anseia pontualmente reconquistar sua heroicidade histórica, quando vê nas grandes jornadas do Mundial de 66 ou do Euro 2004 a recuperação do espírito das caravelas quinhentistas, como

⁵¹ Disponível em:
http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf.
 Acesso em: 13 out. 2013.

lamenta os episódios tristes de Saltillo⁵² ou do Mundial da Coreia à semelhança do desaproveitamento da riqueza do pau-brasil ou das especiarias. Somos assim um povo de misérias e grandezas, que as enfatiza de modo muito particular, e muitas vezes em exclusivo, no futebol. (DANIEL, 2006, p. 39)

Para Nuno Coelho, o nacionalismo ligado à seleção nacional não é exclusividade de Portugal. Ele destaca que o diferencial do país na questão é o fato de os próprios jornalistas esportivos procurarem desempenhar um papel ativo no apoio ao sucesso da equipe, assumindo pessoalmente a missão de cercá-la de um espírito de unidade nacional (COELHO, 2004, p. 35).

Na perspectiva da análise articulada nesta monografia, este padrão descrito sobre Portugal pode auxiliar a compreensão dos principais fatos que motivaram o trabalho, sobretudo a crítica exercida por Luiz Felipe Scolari à cobertura da seleção brasileira pelo *Linha de Passe* da ESPN Brasil. A reclamação do técnico está diretamente ligada ao sentido do jornalismo-torcedor, que veste ou não a “camisola”, pois sua queixa pública foi contra o que ele entendia ser “uma televisão que joga contra o Brasil”.

Felipão foi treinador da seleção portuguesa entre 2003 e 2008. Habitado a ter sua imagem ligada a polêmicas em torno de sua personalidade forte, suas escolhas incisivas e seu trato com a imprensa, o técnico não foi unanimidade entre os setoristas de futebol em Portugal, mas pode ter se acostumado com o modelo de jornalismo que apoia a seleção a despeito de possíveis oportunidades de criticá-la.

Já durante o ano de 2003, a propósito da polémica levantada por determinadas decisões do Seleccionador Nacional Luís Filipe Scolari, foi comum ler-se nos jornais desportivos que, por muito que se discordasse das decisões em causa, e inclusive da escolha do treinador brasileiro para ocupar o cargo em questão, o importante era apoiar a sua acção no sentido de que o nome do país saísse engrandecido do verdadeiro “desígnio nacional” que constitui o Campeonato da Europa de 2004, disputado em Portugal. (COELHO, 2004, p. 37)

⁵² Saltillo é a cidade mexicana onde a seleção portuguesa se concentrou para a Copa do Mundo de 1986, no México. As condições de alojamento e treinos, entretanto, eram precárias e prejudicaram a preparação do time. Além disso, uma semana antes do início do Mundial os jogadores entraram em greve por não receberem da Federação Portuguesa de Futebol os benefícios financeiros que reivindicavam. Os atletas passaram a promover festas no hotel da delegação e agirem de forma antiprofissional. Era uma seleção em crise, que venceu apenas uma partida e foi eliminada ainda na primeira fase da competição. O episódio ficou conhecido como “o caso de Saltillo”.

Antes de treinar a seleção portuguesa, Felipão esteve à frente do time brasileiro que conquistou a Copa do Mundo de 2002, na Coreia/Japão. Até aquela ocasião o técnico enfrentou dificuldades à frente da seleção brasileira. A equipe teve desempenho claudicante nas Eliminatórias, classificando-se com dificuldades em terceiro lugar, atrás de Argentina e Equador. Na convocação para o torneio Mundial excluiu o atacante Romário, contrariando a expectativa de boa parte do público, e recebeu críticas pela atitude⁵³. Ou seja, Scolari teve experiências à frente da seleção brasileira que poderiam demonstrar o perfil do público e do jornalismo esportivo no Brasil, que diverge do apoio incondicional ao time encontrado em Portugal.

Por outro lado, o treinador pode facilmente ter se acostumado com o nacionalismo português durante os cinco anos que por lá trabalhou. O modelo de cobertura da seleção que deixa críticas às decisões do técnico em segundo plano em favor da representação nacional da “equipa de todos nós”⁵⁴ é muito mais cômodo e aceitável. Defensor de outro ponto de vista, mais próximo do discurso contestador do brasileiro, o antropólogo e publicitário Édison Gastaldo (2010), propõe cautela quanto à interpretação do espírito nacionalista das seleções.

O futebol representa as nações só em metáfora, nas figuras de linguagem. Aqueles onze jogadores não têm a bandeira do Brasil no peito. Eles têm o emblema da CBF. A FIFA não é a ONU. O futebol não é uma instância diplomática. [...] Quando falamos que o Brasil vai jogar com a Argentina, temos que ter em mente que está jogando o time da CBF contra o time da AFA (Asociación del Fútbol Argentino). Tem um efeito simbólico de que aqueles ali somos nós. Mas eles são os jogadores do Ricardo Teixeira. Ele que escolhe o técnico, e este é quem escolhe os jogadores. E a CBF, como as outras associações de futebol, não prestam contas a governos, não representam o Brasil em termos práticos. [...] Não vamos sobrevalorizar o futebol. (GASTALDO, 2010, p. 9, 10)

Estas demonstrações de que, ao menos declaradamente, a cobertura jornalístico-esportiva brasileira porta-se de forma menos nacionalista que a portuguesa, em nada indicam um status diferenciado de resolução das questões acerca do tema. A propósito, o principal diferencial entre a abordagem portuguesa e a brasileira é que

⁵³ Disponível em: <http://www.dgabc.com.br/Noticia/209511/scolari-chama-os-23-que-vaio-a-copa-romario-esta-fora>. Acesso em: 30 out. 2013.

⁵⁴ A expressão “equipa de todos nós” foi cunhada nos anos 1920, pelo jornalista português Ricardo Ornelas, para se referir à seleção portuguesa. O epíteto, constante nas coberturas midiáticas da seleção lusitana desde então, é simbólico no sentido de que elucida bem o metadiscurso da unidade referido por João Nuno Coelho.

aquela defende sua seleção a todo tempo, enquanto esta escolhe a Copa do Mundo, em específico, como auge de seu ritual de nacionalidade.

Segundo a antropóloga Simoni Guedes (2010), a época do Mundial é o momento em que, para o povo brasileiro como um todo (incluindo jornalistas), aciona-se uma dimensão de identidade nacional que obscurece as outras dimensões, os outros valores. Para a autora, durante uma Copa do Mundo, novos padrões de sociabilidade se estabelecem, mesmo que por um curto período, e a depender do desempenho da seleção brasileira (GUEDES, 2010, p. 23).

De toda maneira, a perspectiva do jornalista como torcedor é, de modo perceptível, ainda um tabu para grande parte dos brasileiros. Se um profissional de imprensa declara seu time de coração, seu trabalho passa a ser visto, se não com suspeita, no mínimo de modo mais criterioso pelo público. A tendência é de que espectadores, leitores e ouvintes tornem-se mais atentos a supostos favorecimentos que possam ocorrer pelo profissional no espaço dedicado e nas críticas feitas a seu clube predileto em comparação a outros.

O fato de um profissional do setor esportivo torcer de peito aberto para uma equipe de futebol tem sido o bastante, em diversos casos, para colocar em xeque a capacidade e idoneidade refletidas em seu trabalho. Isto ainda pode ser um risco mesmo que o jornalista em questão procure torcer exclusivamente como indivíduo, fora do trabalho ou longe das vistas do público – o que com as tecnologias da Internet, como sites de compartilhamento de vídeos e redes sociais⁵⁵, tem se tornado cada vez menos possível.

Em entrevista ao Portal Comunique-se⁵⁶, o repórter Mário Marra, da Rádio CBN, e outros profissionais como Juca Kfourri, da ESPN, Milton Leite, do SporTV e Cosme

⁵⁵ Em novembro de 2011, Vasco e Fluminense duelaram em partida válida pela 37ª rodada do Campeonato Brasileiro. O repórter da Rede Globo Eric Faria, foi flagrado por uma das câmeras do canal Premiere FC, da Globosat, comemorando um gol da equipe vascaína. Vídeos contendo a cena foram propagados na Internet e geraram polêmica entre fãs de futebol. Após o acontecimento, a Acerj, Associação dos Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro, definiu uma nova norma de imprensa que proíbe profissionais de comemorarem gols nos estádios, prevendo advertência para jornalistas e veículos que descumpram a instrução. O episódio demonstra que o ato de torcer não é bem aceito quando parte de profissionais da imprensa esportiva. (Disponível em: <http://br.esporteinterativo.yahoo.com/noticias/associa%C3%A7%C3%A3o-proibe-jornalistas-de-comemorem-gols.html>. Acesso em: 24 out. 2013).

⁵⁶ Disponível em: <http://portal.comunique-se.com.br/index.php/editorias/3-imprensa-a-comunicacao-65989-jornalista-esportivo-deve-divulgar-para-qual-time-torce.html>. Acesso em 21 out. 2013.

Rímoli, do portal R7, concordaram que, objetivamente, o fato de torcer de modo declarado não influencia no trabalho do profissional, mas que, ante ao público, pode gerar insatisfação.

Tal desagrado culmina, em alguns casos, até mesmo em ameaças de violência. Marra afirmou ter adiado a assunção de sua torcida pelo Atlético Mineiro por recear que a revelação atrapalhasse o desenvolvimento de sua carreira. Leite disse que nunca se manifestou por temer represálias de torcedores rivais. E Kfoury contou ter sido insultado em estádios, inclusive por pessoas que torciam para o mesmo time que ele, o Corinthians. Depoimentos que justificam a teoria do jornalista Mauro Beting de que “só não tem time quem teme”⁵⁷. Para ele, “jornalista que não tem clube do coração não tem time e nem coração”. Beting é palmeirense e entende que torcer apaixonadamente é premissa comum a todo indivíduo que se interessa pelo jornalismo esportivo.

Carlos Daniel (2006) enuncia algumas características próprias à cobertura do futebol que resultam em dificultadores à prática do jornalismo esportivo, em comparação com outras editorias. Entre estes atributos, destaca-se a visão do autor de que o leitor (espectador ou ouvinte) tem uma perspectiva apaixonada do fenômeno futebolístico, mas exige do profissional (jornalista) a isenção que nunca será capaz de ter (DANIEL, 2006, p. 41).

Na mesma linha, o comentarista Antero Greco, em entrevista ao Portal Imprensa⁵⁸, foi outro a considerar que a opção de um profissional por determinado time não deveria comprometer seu trabalho: “Ninguém pergunta isso [a preferência] para quem cobre política, economia. Não vejo falarem: 'o jornalista ateu entrevistou o Papa' ou 'o extrema-direita entrevistou o Lula'”, argumenta.

Mas, assim como há representantes da competência imune à paixão clubista, existem aqueles que fazem disso um perigoso inimigo da profissão e imiscuem ao discurso de comunicadores a personalidade fanática de torcedor, causando

⁵⁷ Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/maurobetting/2013/02/28/so-nao-tem-time-quem-teme/>. Acesso em: 8 nov. 2013

⁵⁸ Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/45078/revelar+times+de+coracao+ainda+e+decisa+o+que+divide+jornalistas+esportivos>. Acesso em: 18 out. 2013.

prejuízos como os relatados a seguir. São exemplos os jornalistas Flávio Gomes, ex-ESPN e Chico Lang, da TV Gazeta.

Gomes foi demitido da emissora de TV por assinatura em setembro de 2013, após ofender torcedores do Grêmio Porto Alegre depois de partida realizada entre a equipe sulista e a Portuguesa de Desportos, time para o qual torce. Profissional com passagens pelos diários *Folha de São Paulo* e *Lance!* e pelas rádios Bandeirantes e Jovem Pan, Gomes utilizou sua conta pessoal no Twitter para insultar a torcida rival, o povo gaúcho e a arbitragem, após considerar que seu clube de coração teria sido prejudicado no confronto⁵⁹.

Como argumento de defesa para sua atitude, Flávio Gomes apresentou as seguintes justificativas, em entrevista ao portal UOL Esporte⁶⁰: “É inocência achar que ninguém brinca com o futebol. A gente brinca, xinga [...] Quem me conhece sabe que meu comportamento no Twitter é de brincar, fazer piada. É uma ferramenta pessoal, que sequer tem ESPN no nome”. O jornalista não considerou, entretanto, que grande parte das pessoas que o acompanham na rede social reconhecem-no como pessoa pública devido a sua atividade profissional. Por isso, boa parcela destes indivíduos está propensa a exigir-lhe uma conduta exemplar em toda manifestação popular que ele venha a exprimir.

A paixão clubística leva pessoas de bem a agirem como verdadeiros animais muitas vezes. Já perdi alguns amigos simplesmente porque não tinha a mesma opinião que eles. O futebol passa às pessoas uma sensação de impunidade, tipo: no futebol vale tudo, é hora de extravasar. Não é assim, no futebol valem os mesmos valores morais e éticos que em qualquer outra ocasião. (GROSS, 2010, p. 14)

Chico Lang é figura conhecida na praça paulista. Corinthiano inveterado, tem estilo diferente de Juca Kfourir, outro jornalista conhecido que torce pelo “Timão”. Lang emite com frequência opiniões ríspidas e não necessariamente jornalísticas em suas aparições na TV. No dia do aniversário de fundação do clube alvinegro paulista, participou do programa Gazeta Esportiva com a camisa comemorativa do time e

⁵⁹ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/portuguesa/jornalistas-da-espn-provocam-ira-de-gremistas-no-twitter-flavio-gomes-e-demitido,08ad622adf301410VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>. Acesso em: 22 out. 2013.

⁶⁰ Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2013/09/09/demitido-comentarista-da-espn-se-arrepende-de-brincadeira-com-o-gremio.htm>. Acesso em: 24 out. 2013.

dirigiu provocações em tom pejorativo à torcida do São Paulo⁶¹. Em entrevista concedida ao Portal Imprensa⁶², Lang admite que sua motivação maior em determinados momentos da atividade profissional é “meter o pau em todo mundo” e provocar representantes rivais, ou seja, agir como torcedor em vez de jornalista.

Diante do exposto a título de exemplificação, cabe voltar ao cerne do tópico e ressaltar aquilo que o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros⁶³ sublinha em seu capítulo 2, artigo 6º, inciso V: “É dever do profissional valorizar, honrar e dignificar a profissão”. No artigo 7º, inciso V, do mesmo capítulo, destaca-se que o jornalista não pode usar sua atividade para incitar a violência e a intolerância.

Nos últimos anos no Brasil esteve em pauta a discussão sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da profissão. Em 2009, na votação que declarou inconstitucional a exigência da graduação à esta prática, o então presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Gilmar Mendes, afirmou que “a formação específica em cursos de jornalismo não é meio idôneo para evitar eventuais riscos à coletividade ou danos a terceiros”⁶⁴. Não sendo este o meio, é válida a reflexão sobre o que efetivamente baliza a boa conduta de um profissional da área.

O mercado também não se apresenta como meio competente, tendo em vista que há “ESPNs e Gazetas”, ou seja, empresas que não admitem extrapolações (demissão de Gomes) e outras que a oferecem como produto (manutenção de Lang). O público tampouco, pois, para permanecer no último exemplo, há aqueles que admiram o comentarista da Gazeta por seu fanatismo e defendem a continuidade de seu trabalho e existem outros que o reprovam pelo mesmo motivo.

⁶¹ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=D_NRj2hJorc. Acesso em: 20 out. 2013.

⁶² Disponível em:

<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/45083/corintiano+assumido+chico+lang+fala+de+jornalismo+e+a+relacao+da+midia+com+os+clubes/>. Acesso em: 18 out. 2013.

⁶³ Disponível em:

http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf Acesso em: 24 out. 2013.

⁶⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/08/senado-aprova-exigencia-de-diploma-para-jornalistas.html>. Acesso em: 21 out. 2013.

Diante da falta de consenso estabelecido sobre estes temas é possível entender que, de acordo com uma visão sociológica, vigoram para controle destas práticas profissionais as chamadas normas sociais⁶⁵. Segundo esta perspectiva o exercício de qualquer atividade profissional deve ser submetido a regras que se sobreponham às características subjetivas do indivíduo atuante, pelo bem das interações sociais.

Neste caso, tais regras estão dispostas no Código de Ética da FENAJ, que por sua vez não é um regulamento baseado em medidas repressivas, mas no apelo ao bom senso. A este respeito o pesquisador Rogério Christofolletti, do Observatório do Direito à Comunicação⁶⁶, analisa que, diferentemente de outras profissões, os jornalistas – mesmo que causem o pior dos prejuízos morais – não correm o risco de perder seus registros profissionais por agirem de forma antiética. As sanções chegam, no máximo, a uma advertência pública ao profissional faltoso. Se comparado a outros casos, como de médicos, engenheiros e advogados – que podem ser impedidos de atuarem profissionalmente – o código dos jornalistas dispõe de poder limitado.

Assim, é possível que as condutas antiéticas no Brasil, a exemplo do que foi apresentado sobre Portugal, se devam mais a questões sociais e culturais arraigadas do que à ausência de normas. No caso brasileiro o agravante é a ainda escassa discussão destes temas. Nisto, os lusos demonstram maior avanço. Por este motivo, o paralelo traçado entre o jornalismo-torcedor sob a perspectiva brasileira e o jornalismo-torcedor de acordo com a ótica portuguesa, mostra-se útil à construção da presente análise.

Vale dizer que as exposições neste capítulo de atitudes antiéticas pretensamente justificadas pelo compromisso moral de exaltação de uma nação e pela paixão ao futebol não têm o intuito de avalizar a má-conduta de profissionais do jornalismo. Antes, buscam demonstrar o quanto o terreno da cobertura esportiva pode ser

⁶⁵ O conceito de norma social corresponde às expectativas sociais acerca do que é um comportamento adequado ou correto. É nas normas sociais que se encontra a base necessária à interação e ação social humana geral. Todos os grupos humanos seguem normas definidas, que são sempre reforçadas por sanções de várias ordens, de sentido positivo ou negativo, indo desde a recompensa até a desaprovação informal e a punição formal. (Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$normas-sociais](http://www.infopedia.pt/$normas-sociais). Acesso em: 22 out. 2013).

⁶⁶ Disponível em: http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=1863. Acesso em: 22 out. 2013.

ardiloso à boa prática da profissão. Por isso é expresso o alerta sobre o quanto a específica área de atividade requer atenção e dedicação daqueles que nela atuam.

Mesmo os portugueses, protagonistas de exemplos extremos relacionados a valores morais e profissionais descritos neste trabalho, possuem a consciência de que muito se preza no jornalismo pelo compromisso com a veracidade das informações e a não manipulação dos fatos, como preconiza seu Código Deontológico.

António Cancela, editor esportivo da SIC, escreveu em texto presente na coletânea *A TV do Futebol* (2006): “Todos devemos dar as mãos à Seleção Portuguesa, mas os jornalistas não podem esquecer que são profissionais críticos, atentos e não promotores da imagem deste ou daquele actor, quer se chame Luís Filipe Scolari, Figo ou Cristiano Ronaldo” (2006, p. 26). Carlos Daniel, no mesmo livro, declarou: “Não acredito no relato jornalístico desprovido de emoção, quando estamos perante um fenómeno que vive dela e da qual não se consegue separar. Mas também não concebo que se veja no jornalista que trata assuntos desportivos alguém que é mais emocional ainda que o próprio fenómeno. [...] Um bom relato jornalístico é o que respeita as notícias. [...] Ser jornalista equidistante, sério e descomprometido é sempre possível. Nunca falhar é que já não faz parte da condição humana” (2006, p. 42). Expostos estes esclarecimentos, dá-se prosseguimento ao trabalho.

Após finalizado o tópico de exposição e relativização dos principais referenciais teóricos abordados nas seções subsequentes deste material, o que segue adiante são explanações a respeito dos procedimentos metodológicos adotados para a formulação desta monografia.

6 – Metodologia

A realização da pesquisa para *Jornalismo esportivo e nacionalismo de ocasião – Análise da cobertura da Copa das Confederações 2013 pelo Linha de Passe da ESPN Brasil* foi desenvolvida em etapas ao longo do período relativo ao intervalo entre os meses de junho e novembro de 2013.

- 1) Definição do tema a partir do acompanhamento da Copa das Confederações 2013: o autor do trabalho assistiu à cobertura do evento pela ESPN Brasil inicialmente como espectador. O objeto de análise veio à tona a partir da crítica do técnico da seleção brasileira à abordagem dos jornalistas do canal aos números de desempenho de sua equipe. Ali observou-se a pertinência que o aprofundamento do tema poderia representar à área da Comunicação;
- 2) Pesquisa documental no site da ESPN para recuperar as edições do programa *Linha de Passe* a serem detalhadas: no endereço eletrônico da emissora costumam ser disponibilizados ao público vídeos com os principais trechos dos programas transmitidos na TV. O material referente ao período foi capturado no site e armazenado para avaliação detalhada;
- 3) Pesquisa documental na Internet para ter acesso à entrevista de Luiz Felipe Scolari e avaliar a repercussão da mesma: o técnico da seleção não fez referência nominal à ESPN, mas a apuração feita por pelo menos um portal de notícias – Terra – obteve informações de bastidores que revelaram ser esta a destinação. De fato, o tom das críticas se adéqua às práticas do canal. O trecho da entrevista coletiva e as matérias que relacionavam a queixa à ESPN foram anexadas ao corpus da análise;
- 4) Pesquisa bibliográfica para cercar de fundamentos o tema escolhido e os subtemas que ele exige: as referências ao futebol no Brasil raramente devem ser analisadas de um ponto de vista isolado. Há muito tempo a historiografia do Brasil e do esporte no país caminham paralelamente, por isto, há muito o que se abordar acerca dos assuntos que circundam este entorno. Além disso, por ser este trabalho voltado ao campo da Comunicação, é necessário situá-lo cientificamente neste propósito, o que demanda busca por referenciais teóricos;

- 5) Análise do discurso exposto na televisão por parte dos personagens envolvidos (jornalistas e treinador de futebol): a respeito desta metodologia principal é conveniente proporcionar explanações mais extensas. Trata-se do conteúdo majoritário deste capítulo, que passa a ser desenvolvido após o próximo item;
- 6) Conclusões a respeito da temática levantada pelo acontecimento: para que o trabalho legitime sua utilidade aos estudos sobre jornalismo esportivo e sobre nacionalismo, sendo necessário que, além do estímulo ao debate haja um posicionamento a respeito do tema. A partir das análises e exposições propõe-se um melhor entendimento por parte do público, dos profissionais de imprensa e das personalidades públicas sobre o papel do jornalismo diante das demandas dos diversos setores da sociedade, principalmente o futebol.

O alicerce metodológico deste projeto perpassa os estudos a respeito do significado e do sentido nas construções linguísticas presentes na contemporaneidade, estudados pela Semiótica. Santaella (2007) define a Semiótica como a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que buscam o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como instrumento de produção de significado e de sentido (2007, p. 13).

Embora a proposta da Semiótica seja a ubiquidade, tendo em vista que em todo tipo de representação há significados, seus estudos estão mais voltados às áreas da Linguística e da Comunicação. Esta última de interesse deste trabalho. Considerando o jornalismo como potencial estimulador e formador de opinião da sociedade, entende-se-o como um difusor de ideias (sejam elas em forma de opiniões ou notícias). Para operar satisfatoriamente esta difusão o jornalismo se apropria dos significados linguísticos e dos sentidos sociais atribuídos a estes significados na transmissão de sua mensagem.

De forma prática e aplicada ao tema deste projeto, compreende-se que falar no termo “futebol” (signo linguístico) em qualquer país de língua portuguesa (código) produz o mesmo conceito de esporte coletivo no qual importa conduzir a bola com os pés a uma baliza adversária (significado). Porém, falar sobre futebol em Portugal, Macau e Brasil produz efeitos de sentido diferentes aos ouvintes locais.

São três territórios de idioma português, com maioria de habitantes aficionados por este esporte específico. Entretanto, por todas as características culturais envolvidas (um representante é europeu, outro asiático e outro americano), de relacionamento indentitário com o esporte – perpetuado através de discursos recorrentes a respeito do tema – e de nível de desenvolvimento da modalidade na região, os sentidos que possui um mesmo significado de futebol são diversos.

Deste modo, a linguagem atua como elemento que tem por função dar materialidade ao discurso. Este último, por sua vez, consiste na construção de ideias tendo a linguagem como ferramenta. Logo, o discurso pode ser compreendido como a forma geradora de sentido aos signos linguísticos. O signo por si só remete apenas a um significado (e ao significante⁶⁷), mas, elaborado em um discurso, os signos linguísticos geram sentido ao receptor da mensagem.

Ambas as propriedades – linguagem e discurso – são intrínsecas à produção jornalística em geral. No caso específico apreciado pelo trabalho é marcadamente presente, tendo em vista que o programa responsável pela cobertura do evento esportivo e os desdobramentos decorrentes da abordagem revelaram-se ao público por meio da oralidade. Daí se justifica a escolha da análise do discurso, relacionada aos conceitos semióticos, como metodologia para consecução deste trabalho.

O conceito de análise de discurso que mais se aproxima do abordado neste projeto, por estar relacionado a conceitos da semiótica, ganhou notoriedade a partir das proposições do filósofo francês Michel Pêcheux, nas décadas de 1960 e 1970. Sob a perspectiva deste teórico, o enfoque a respeito do tema passa a estar voltado mais para o campo da semântica do que da linguística. Ou seja, importa mais o significado da linguagem e de sua mensagem do que seus aspectos técnicos em si. Pêcheux não desprezou em seus estudos os mecanismos sintáticos e processos de enunciação, próprios da linguística, mas despertou a atenção para a relevância das subjetividades, das ideologias e da psicanálise para análises mais eficientes (SILVA, 2005, p. 25).

De acordo com Mendes Silva (2005), em seu histórico da análise do discurso, os estudos a respeito do método direcionados exclusivamente ao conteúdo textual são

⁶⁷ Significante, em Semiótica, é a imagem acústica ou manifestação sonora do signo. No caso, a fala. Quando uma palavra é dita, o som produzido por ela remete ao conceito que o signo contém.

antigos. Partem da retórica grega, acolhem importantes teóricos nos séculos XIX e XX e estabelecem suas principais referências nas ideias de Foucault (1969). O filósofo francês notabilizou-se na área por defender a esquematização da Análise por meio de regras que relacionassem os ingredientes formadores do discurso, como objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. Assim, acreditava, o discurso poderia ser melhor analisado, uma vez que originalmente se trata de uma dispersão, não interligado por nenhum princípio de unidade (SILVA, 2005, p. 23).

Apesar da nacionalidade francesa, as ideias de Foucault se alinham mais à perspectiva norte-americana da análise do discurso do que à europeia. Naquela, encara-se o texto de uma forma redutora, não levando-se prioritariamente em consideração as formas de instituição do sentido, e sim a forma como os elementos que o constituem se organizam e significam. Contrapondo-se a essa concepção, a perspectiva europeia parte de uma “relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer”, colocando a exterioridade como marca fundamental (SILVA, 2005, p. 18).

Por isso, pode-se concluir, enfim, que a interpretação norte-americana da metodologia da análise do discurso é voltada ao texto (o código em si) e a europeia relaciona o texto a seu contexto (o sentido). Esta é a visão de Mendes Silva (2005), escolhida para ilustrar os caminhos da metodologia utilizada neste trabalho. Contudo, para outros autores que se dedicam ao tema, como Deusdará e Rocha (2005), a perspectiva da análise de discurso focada nos elementos linguísticos e textuais não se encaixa na conceituação deste método, mas é própria da análise de conteúdo (DEUSDARÁ; ROCHA, 2005, p. 308).

De acordo com tal entendimento é possível estabelecer a seguinte correlação: a descrição da perspectiva norte-americana de Silva (2005) corresponde à análise de conteúdo para Deusdará e Rocha (2005). Já a perspectiva europeia referencia-se à análise do discurso propriamente dita, pois leva em conta os sentidos dados ao conteúdo pelas interações sociais. Para efeito de diferenciação dos métodos é importante atentar a estas definições:

[...] o objetivo do tipo de análise preconizado pela Análise de Conteúdo é alcançar uma pretensa significação profunda, um sentido estável, conferido pelo locutor no próprio ato de produção do texto. Já a problemática da discursividade surgida com as contribuições da Análise do Discurso propõe

o entendimento de um plano discursivo que articula linguagem e sociedade, entremeadas pelo contexto ideológico. (DEUSDARÁ; ROCHA, 2005, pp. 307, 308)

Hoje, acima desta diferenciação específica de escolas e conceitos pelos autores, o discurso já é amplamente compreendido, em diferentes instâncias de pesquisas, como sendo de natureza minimamente tridimensional, isto é, abarcando a linguagem, a história e a ideologia (GONDIM; FISCHER, 2009, p. 11). Mas, como exposto anteriormente, tal perspectiva demandou transformações ao longo dos tempos.

Para Luiz Gonzaga Motta (2000), a análise do discurso está em permanente aperfeiçoamento. Isto porque, embora os analistas contemporâneos tenham superado ingenuidades e determinismos mecanicistas iniciais, ainda procura-se reafirmar a necessidade de uma abordagem dialética e simultânea entre a produção de sentido e as relações sociais de produção. De acordo com o autor, apesar destas tentativas, ainda não foi produzido um corpo de conhecimento metodológico capaz de satisfazer de pleno esta necessidade (MOTTA, 2000, p. 234). Entretanto, ao presente estudo, o atual nível das técnicas de análise de discurso e seu estágio de compreensão conexa aos conceitos da Semiótica foram considerados suficientes para avaliar a cobertura realizada pelo programa *Linha de Passe* à Copa das Confederações 2013.

Motta imerge o tema no âmbito jornalístico de forma conveniente. Segundo o autor, a análise do discurso, quando passa a considerar o ambiente de formação dos conteúdos em seus exames, estabelece íntima relação com os estudos culturais desenvolvidos na Inglaterra e inspirados pela Escola de Frankfurt. De um lado a vertente contemporânea da análise do discurso proposta a partir das intervenções de Pêcheux defendia que os conteúdos ideológicos deveriam ser buscados não nas construções ou conteúdos, mas nas práticas e nos processos onde as mensagens são produzidas e apropriadas. De outro, os estudos sobre Comunicação insistiam que a fonte do consenso ideológico propagado pela mídia deveria ser localizada não nas notícias, mas na cultura e na prática política que as produziam (MOTTA, 2005, p. 235).

Ainda que esta correlação não tenha sido proposital, é identificável a conexão da análise a aspectos estudados na Comunicação. Da mesma forma, a construção

deste trabalho, incluindo o embasamento teórico e a consideração do relevante histórico do futebol no Brasil, além da própria contextualização e desconstrução das falas dos comentaristas do programa *Linha de Passe* e do técnico Felipão, está relacionada com a avaliação dos processos e da cultura que desencadearam estas situações, não apenas nas manifestações objetivamente. Pois, como proposto na definição da semiótica – e preponderante aos estudos sobre comunicação – importa mais o sentido na relação com os signos do que os signos em si. A partir disto compreende-se a importância da compatibilização da análise de discurso a conceitos da semiótica, aplicados nas pesquisas desta monografia.

Se é por meio das rotinas e dos procedimentos tecnoprofissionais que os participantes em um processo de comunicação constroem suas identidades e selecionam os conteúdos que estarão em jogo no evento comunicacional, deixando as suas marcas nos textos produzidos [...] são esses processos que a análise deve privilegiar e ressaltar, porque são eles os determinantes. A análise deve privilegiar a contextualização e logo, a textualização. A análise do discurso não pode existir sem uma prévia análise das relações sociais e institucionais onde os conteúdos são produzidos. (MOTTA, 2000, p. 235)

Exposta a importância da subjetividade dos indivíduos à análise do discurso produzida neste trabalho, sobretudo por parte dos emissores (mas entendendo que há desdobramentos para o receptor), cabe ressaltar a presença de microdiscursos no discurso principal. A grande construção de sentido analisada neste projeto é a do jornalismo esportivo como torcedor. A partir desta ideia principal procedem-se hipóteses a respeito das questões éticas, profissionais, tecnológicas, culturais, históricas que justifiquem ou não a existência deste discurso.

Cada um destes preceitos específicos constitui um microdiscurso que se relaciona ao macrodiscurso central. Afinal, muito há que se debater sobre a ética no jornalismo, a cultura do futebol no Brasil ou a trajetória profissional do treinador da seleção – estes pontos por si só gerariam outras discussões. Para a construção deste trabalho, entretanto, os discursos são meios para dar substância a um tema maior.

Do mesmo modo que a análise de discurso pressupõe elementos presentes na análise de conteúdo, a pesquisa em questão considera como informações essenciais os textos bibliográficos, as estatísticas sobre futebol, o material audiovisual do programa *Linha de Passe* e as opiniões dos personagens envolvidos

– como não poderia deixar de ser – mas reconhece que sua dinâmica se estabelece em torno do sentido que cada um destes elementos possui como discurso para os estudos de Comunicação no contexto do Brasil.

7 – Copa no Brasil

No dia 30 de outubro de 2007, às 12h30, horário de Brasília, o Brasil soube oficialmente que voltaria a sediar uma Copa do Mundo de futebol sessenta e quatro anos após o Mundial de 1950. O anúncio foi feito em Zurique, Suíça, sede da Fifa, entidade máxima do futebol e organizadora do evento. A notícia foi dada pelo presidente da instituição Joseph Blatter. Logo após a fala do mandatário, o então presidente do Brasil Luís Inácio Lula da Silva mostrou-se emocionado em seu discurso, por meio do qual agradeceu aos envolvidos no processo de candidatura e prometeu o cumprimento dos requisitos estabelecidos para a Copa, garantindo a boa receptividade do povo brasileiro aos visitantes à época do megaevento.⁶⁸

Antes do anúncio oficial já era esperado que o Brasil fosse escolhido como sede da Copa de 2014. Devido ao sistema de rodízio entre continentes para o recebimento do Mundial, adotado na década de 1990 pela Fifa com o intuito de tornar a realização do evento mais abrangente e acessível a países fora do eixo Europa/América, apenas nações sul-americanas puderam se candidatar nesta ocasião⁶⁹. Ainda na fase de apresentação de propostas, em março de 2006, Argentina e Colômbia, que haviam surgido como potenciais concorrentes, retiraram suas candidaturas⁷⁰.

Assim, o Brasil não sediaria o evento apenas se a comissão da Fifa avaliasse o país como incapaz para cumprir as determinações impostas pela entidade. O que não aconteceu, pois em junho de 2007 o presidente Lula assinou uma Declaração de Intenções comprometendo o Governo Federal a cumprir questões relativas a

⁶⁸ Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/ascom/noticiaDetalhe.jsp?idnoticia=4633> Acesso em: 31 out. 2013.

⁶⁹ Desde 1950 até a década de 1990, a alternância entre continentes que recebiam a Copa do Mundo era restrita a América e Europa. A partir de 2002, quando o evento foi sediado na Ásia, outros continentes passaram a participar. O revezamento passou a envolver os representantes da Confederação Asiática de Futebol (AFC), Confederação Africana de Futebol (CAF), Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football (CONCACAF), Union of European Football Associations (UEFA), Oceania Football Confederation e Confederação Sulamericana de Futebol (CONMEBOL). A partir de 2014, entretanto, este sistema de rodízio será abolido. O fato de o Brasil ter sido o único candidato da CONMEBOL para 2014 deixou o presidente da Fifa insatisfeito. Para a entidade, a concorrência entre países é muito mais interessante e rentável, por atrair publicidade. A nova regra delimitará somente que o continente que sediar uma Copa do Mundo em determinado ano, apenas poderá voltar a receber o evento duas edições depois. (Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/como-acontece-escolha-pais-sede-copa-mundo-475910.shtml>. Acesso em: 31 out. 2013).

⁷⁰ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasil2014/noticias/0,,OI2030260-EI10545,00-Fifa+confirma+fim+do+rodizio+de+continentes+na+Copa.html>. Acesso em: 31 out. 2013.

melhorias de serviços precários no Brasil, como segurança pública e transporte, e assuntos concernentes exclusivamente à realização do evento, como permissões temporárias de trabalho a estrangeiros e isenção tributária à Fifa⁷¹.

Apesar da vitória prevista o clima em diversas capitais do país após o anúncio oficial foi de festa. Os governos locais organizaram eventos para comemorar a conquista. Em Belo Horizonte um telão foi montado para que o público acompanhasse a escolha do país como sede. Na Praça da Liberdade, um dos principais pontos da cidade, foi preparada uma festa temática com decoração remetente à Copa de 2014. Em Manaus houve manifestações culturais em frente ao Teatro Amazonas, para celebrar a eleição. Trios-elétricos, escola de samba e outras atrações animaram os festejos em Brasília, onde a estátua em homenagem ao ex-presidente Juscelino Kubitschek foi vestida com uma camisa da seleção brasileira. Houve queima de fogos e apresentações de frevo em Recife. São Paulo e Rio de Janeiro também estiveram no roteiro de comemorações⁷².

A realização da Copa do Mundo no Brasil é um acontecimento simbólico em sentido amplo. Ao citar a competição de 2014 a referência ao último Mundial realizado no país soa como inevitável. O recebimento do torneio em 1950 representou ao povo brasileiro, segundo a antropóloga Simoni Guedes (2010), o marco principal para os sonhos de se constituir um Brasil grande. Esteve relacionado a um momento em que o país buscava crescimento e afirmação, em boa parte por meio do futebol, enquanto algumas nações do continente europeu recuperavam-se dos efeitos da Segunda Guerra Mundial.

O advento de construção daquele que por muitos anos foi o maior estádio do mundo⁷³, o Maracanã, era sintomático deste sentimento. Àquela altura o brasileiro já

⁷¹ Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/ascom/noticiaDetalhe.jsp?idnoticia=4232>. Acesso em: 31 out. 2013.

⁷² Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL163244-5598,00-CIDADES+FESTEJAM+ESCOLHA+DO+BRASIL+PARA+SEDE+DA+COPA+DE.html>. Acesso em: 31 out. 2013.

⁷³ O Maracanã perdeu o posto de maior estádio do mundo, mas nenhum estádio maior foi construído após ele. As sucessivas reformas para adequações aos novos padrões mundiais de segurança reduziram a capacidade do estádio brasileiro, que hoje abriga cerca de 75 mil pessoas. Desde 1989, o Estádio Rungrado May Day, na Coreia do Norte, ocupa a posição de maior do mundo, com capacidade para 150 mil espectadores. (Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-maracana-ainda-e-o-maior-estadio-do-mundo>. Acesso em: 31 out. 2013).

era fã de futebol. Na final contra o Uruguai, o público presente foi estimado em cerca de duzentas mil pessoas (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006, p. 50). É curioso que o desfecho do evento, o *Maracanazo*, tenha ido contra toda esta euforia. Em 1958, às vésperas da campanha vitoriosa da seleção brasileira na Copa do Mundo da Suécia, Nelson Rodrigues ainda referia-se à herança deixada por aquele resultado.

Eis a verdade, amigos: – desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. (RODRIGUES, 1958, p. 60)

A esta hesitação de autoconfiança Nelson Rodrigues chamou “complexo de viralatas”. A expressão alude, segundo o próprio autor, ao “estado de inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol”. Vestígio de um destino adverso àquele que o país imaginara quando se propôs, ainda em 1938, a sediar uma Copa do Mundo. Naquela ocasião, em reunião na sede da Fifa, em Paris, o representante da delegação brasileira e jornalista Célio de Barros garantiu aos membros da entidade que o Brasil estava pronto para receber o evento (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006, p. 48).

Daquele tempo até os dias atuais o panorama econômico, social e futebolístico mundial transformou-se. Em 1950 disputaram o mundial treze seleções (eram dezesseis, mas Índia, Turquia e Escócia desistiram). Em 2014 trinta e duas delegações virão ao país. O número é o mesmo da Copa de 2006, sediada na Alemanha. Este evento serviu como base de comparação para a empresa de consultoria Ernst&Young, que em parceria com a Fundação Getúlio Vargas, FGV, desenvolveu em 2010 um estudo sobre os impactos socioeconômicos esperados para o país por intermédio da Copa de 2014.

Segundo dados presentes no estudo, o público total estimado na Copa de 1950 foi de 1,04 milhões de espectadores e foram utilizados seis estádios durante a competição⁷⁴. Em 2006, 3,35 milhões de torcedores frequentaram os doze estádios utilizados no torneio, um aumento de 155%. Além disso, foram registradas dezoito

⁷⁴ As cidades-sede daquela edição do Mundial foram Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006, p.49).

milhões de visitas nos chamados *Fan Parks*, grandes áreas de lazer para diversão pública e gratuita, que não existiam em 1950. No total, 26,29 bilhões de telespectadores acompanharam o megaevento, enquanto no primeiro Mundial no Brasil a televisão sequer era um artigo popular na maior parte do globo.

De acordo com o documento, a Copa de 2014 deverá ter dimensões ainda maiores de público e telespectadores, mesmo que baseada em moldes estruturais e organizacionais semelhantes aos das Copas da Alemanha, em 2006, e da África do Sul, em 2010. A expectativa é novamente de que o país figure com grandiosidade diante dos olhares estrangeiros. Em seu discurso após a oficialização do Brasil como sede do Mundial o presidente Lula afirmou que aquele era um compromisso assumido não apenas pela pessoa do governante, mas pela nação, com o intuito de “provar ao mundo que nós temos uma economia crescente, estável, que nós somos um dos países que está com sua estabilidade conquistada” (LULA apud SANTOS, 2011, p. 167).

Tornar a receber a Copa do Mundo no Brasil apresenta-se como uma oportunidade de reescrever uma história que se pretendia ter começado a cumprir sessenta e quatro anos antes. Se no campo do futebol como exibição o crescimento persistiu, pois após a derrota na final contra o Uruguai a seleção brasileira venceu os Mundiais de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002, no âmbito da economia o avanço não foi tão marcante. Certamente os parâmetros são diversos e menos objetivos do que aquilo que as conquistas no esporte podem demonstrar. Mas somente a partir dos anos 2000 o país passou a ter uma economia fortificada. A estabilização do Real como moeda, o acúmulo de reservas superiores ao valor da dívida externa⁷⁵ e a liderança exercida pelo Brasil no grupo dos países emergentes⁷⁶ são alguns fatores que favorecem este tipo de conclusão.

A perspectiva de crescimento existe. Segundo o relatório da Ernst&Young/FGV (2010), um dos fatores que mais motivam um país a sediar uma Copa do Mundo é o fluxo turístico que tal evento gera – não somente de forma direta, por meio de torcedores que vão assistir à competição, como também indiretamente, em função

⁷⁵ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/mesmo-tendo-reservas-pais-nao-pode-quitar-divida-externa-diz-economista-3626127>. Acesso em: 1 nov. 2013.

⁷⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/25793-indice-coloca-o-brasil-a-frente-de-outros-paises-do-grupo-brics.shtml>. Acesso em: 1 nov. 2013.

da exposição na mídia internacional. Entretanto, é necessário ressaltar que, à exceção de iniciativas isoladas, a crescente visibilidade do Brasil no cenário internacional durante a última década não tem sido adequadamente alavancada pelos setores privado e público, a fim de gerar um aproveitamento integral do potencial turístico brasileiro. Esse fato se evidencia na deterioração da qualidade do sistema aeroportuário, bem como na estagnação do número de turistas em anos recentes (ERNST&YOUNG; FGV, 2010, p. 6).

A ideia é que o Brasil se prepare desde já para que o evento não seja de apenas alguns dias, mas de muitos anos, deixando um **legado** positivo para o conjunto da sociedade. Mais importante do que só corresponder às expectativas externas em relação ao Campeonato Mundial é criar um ambiente interno para que todas as obras de infraestrutura e os impactos sobre a macro e a microeconomia gerem condições melhores de vida à sociedade brasileira. (ERNST&YOUNG; FGV, 2010, p. 2, grifo nosso)

A expressão “legado”, em referência àquilo que permanecerá como estrutura e serviço à população brasileira após o término do megaevento, é bastante utilizada nas referências à preparação para a Copa do Mundo. Contudo, com a aproximação do Mundial e a verdadeira situação que vem sendo demonstrada, a expectativa deve ser superada por uma realidade bem menos otimista. O aperto dos prazos de entrega das obras de infraestrutura têm colocado em plano relegado a melhoria de serviços. Nem mesmo o que estava programado para ser construído nas cidades que receberão as trinta e duas delegações será entregue em totalidade⁷⁷.

O panorama a respeito do andamento da preparação física e esportiva para a Copa do Mundo de 2014 passa a ser mais detalhado a partir do capítulo seguinte, que trata sobre a Copa das Confederações. De acordo com definição presente no documento da Ernst&Young/FGV (2010, p. 5), este evento serve para avaliar se todos os preparativos estão correndo dentro do cronograma e seguindo as especificações da Fifa.

Durante o torneio foram testados estádios, centros de mídia e o centro de transmissão dos jogos, em Belo Horizonte. Todos aprovados por organizadores⁷⁸ e

⁷⁷ Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/brasil/copa-das-confederacoes-um-teste-que-vale-pouco-para-a-copa>. Acesso em: 10 out. 2013

⁷⁸ Disponível em: <http://telesintese.com.br/index.php/plantao/23266-transmissao-de-videos-na-copa-das-confederacoes-ocorre-sem-incidentes-diz-telebras>. Acesso em: 1 nov. 2013.

usuários⁷⁹, embora nos estádios tenha havido ressalvas quanto ao custo dos serviços e ao acabamento das obras, prejudicado pelos atrasos nos prazos de construção e entrega⁸⁰. “Já a infraestrutura de transportes deverá, nesse momento, estar em estágio de conclusão”, informa o relatório (2010, p. 5). Talvez por isso este ponto tenha estado entre os mais criticados pelos usuários, como pode ser lido adiante.

⁷⁹ Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/centro-aberto-de-midia-tem-balanco-positivo-durante-a-copa-das-confederacoes>. Acesso em: 1 nov. 2103.

⁸⁰ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-das-confederacoes/fifa-considera-prontos-os-estadios-da-copa-das-confederacoes-apesar-das-obras,de440effe573f310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 1 nov. 2013.

7.1 – Copa das Confederações

Considerada por analistas de futebol como um evento-teste para a cobiçada Copa do Mundo (LOBO, 2013), a Copa das Confederações é um torneio oficial da Fifa desde 1997. A partir de então, a competição passou a reunir, a cada dois anos, as seleções campeãs dos torneios continentais da África, América do Norte, América do Sul, Ásia, Europa e Oceania, além das equipes campeã mundial e do país-sede do evento. Somente a partir de 2005 a periodicidade da competição tornou-se quadrienal, sempre no ano anterior à Copa do Mundo. Em 2001, pela primeira vez o mesmo país (no caso países, Coreia do Sul e Japão) que sediaria o Mundial do ano seguinte organizou e recebeu também a competição prévia.

O embrião do que veio a ser a Copa das Confederações era a Copa Rei Fahd, um torneio entre seleções intercontinentais convidadas sem critério objetivo pela entidade nacional de futebol da Arábia Saudita. Na primeira edição, em 1992, a seleção da Arábia Saudita participou como campeã asiática de 1988 e também como país-sede; a equipe argentina, campeã da Copa América de 1991, representou a América do Sul; as delegações da Costa do Marfim, campeã africana de 1992, e dos Estados Unidos, campeã da Concacaf em 1991 também participaram. A seleção da Argentina acabou campeã após vencer a equipe Saudita por 3 a 1.

Em 1995 foi realizada a segunda edição do torneio, a última antes da modificação feita pela Fifa. Desta vez, o continente europeu também teve um time representante: a Dinamarca, campeã da Eurocopa de 1992. Além dela, disputaram a Copa Rei Fahd, as seleções do Japão (campeã asiática de 1992), da Arábia Saudita (país-sede), da Nigéria (campeã da África em 1994), da Argentina (campeã da Copa América de 1993) e do México (campeã da Copa Ouro da Concacaf de 1993). Somente a Oceania não teve representantes. A Dinamarca venceu a final contra a Argentina por 3 a 0 e levou o título. Após a Fifa assumir a organização, as seleções vencedoras em 1992 e 1995 foram incorporadas à lista de campeãs da Copa das Confederações.

A seleção brasileira foi a primeira campeã mundial (1994) a participar da Copa das Confederações, em 1997, em edição realizada na Arábia Saudita. Austrália (campeão da Oceania de 1996), África do Sul (campeão africano de 1996), Arábia

Saudita (país-sede), Emirados Árabes (vice-campeão da Ásia de 1996), México (campeão da Copa Ouro Concacaf de 1996), República Tcheca (vice-campeão europeu de 1996) e Uruguai (campeão da Copa América de 1995) foram os outros times participantes⁸¹. O estreante time brasileiro ergueu o troféu após vencer a final contra a Austrália. Não sem antes estabelecer um recorde que permanece inabalado. O placar de 6 a 0 representou a maior goleada em uma final de competição entre seleções principais da Fifa na História. Naquela ocasião, os atacantes Ronaldo e Romário marcaram três gols, cada.

A quarta edição da Copa das Confederações foi sediada no México, em 1999. A seleção anfitriã, vencedora da Copa Ouro Concacaf de 1998, derrotou o Brasil⁸² por 4 a 3 na final, em partida memorável no Estádio Azteca, conquistando o título. As outras seleções que participaram foram Alemanha (campeã europeia de 1996), Arábia Saudita (campeã asiática de 1996), Bolívia (campeã da Copa América de 1997), Egito (campeã africana de 1998), Estados Unidos (vice-campeã da Concacaf de 1998) e Nova Zelândia (campeã da Oceania de 1998).

O torneio seguinte aconteceu em 2001 no Japão e na Coreia do Sul, países vizinhos que compartilharam a realização do Mundial de 2002. Outra vez uma seleção estreante venceu a Copa das Confederações. Agora a França, classificada por ser a então campeã mundial, ergueu a taça após derrotar o Japão por 1 a 0 na final. Os outros países representados por suas seleções foram Austrália (campeão da Oceania de 2000), Brasil (campeão da Copa América de 1999), Canadá (campeão da Copa Ouro da Concacaf de 2000), Camarões (campeão africano de 2000) e México (então campeão da Copa das Confederações). Esta foi a primeira entre todas as edições do torneio em que a Arábia Saudita, outrora absoluta, ficou de fora. Desde então, aquela seleção não figurou mais na competição.

O bicampeonato da seleção francesa veio logo na competição consecutiva, em 2003, quando a equipe jogou em casa. Na final, 1 a 0 contra a seleção de Camarões. A derrota foi melancólica para a seleção africana, campeã continental de

⁸¹ A seleção dos Emirados Árabes foi inclusa porque a campeã asiática Arábia Saudita, já participaria por ser país-sede. Segundo a regra da Fifa, se o time campeão do mundo ou anfitrião forem também campeões continentais, abre-se a vaga para o vice-campeão continental. Já a República Tcheca participou mesmo sendo vice-campeão europeia porque a Alemanha, vencedora do torneio continental, desistiu de disputar a competição.

⁸² Somente em 1999 e 2001 os atuais campeões da Copa das Confederações se classificaram automaticamente devido à conquista da edição anterior.

2002. Três dias antes do jogo decisivo a delegação havia sido surpreendida pela morte do jogador Marc-Vivien Foé, vítima de um infarto fulminante no jogo contra a Colômbia, pela fase semifinal. Além de França (país-sede), Camarões e Colômbia (campeão da Copa América de 2001), disputaram o torneio os times do Brasil (campeão do mundo de 2002), dos Estados Unidos (campeão da Copa Ouro de 2002), do Japão (campeão asiático de 2000), da Nova Zelândia (campeão da Oceania em 2002) e da Turquia⁸³.

A seleção brasileira alcançou a marca francesa ao conquistar o título da edição 2005 da Copa das Confederações. O jogo final foi um inesquecível duelo sul-americano contra a Argentina, terminando em 4 a 1 para o time brasileiro. Foi a partir deste ano que a competição adotou a fórmula de organização e disputa apresentada hoje. Realizado na Alemanha, o torneio ainda contou com as seguintes seleções: Argentina (vice-campeã da Copa América 2004), Austrália (campeã da Oceania de 2004), Grécia (campeã da Eurocopa de 2004), Japão (campeã asiática de 2004), México (campeã da Copa Ouro Concacaf de 2003) e Tunísia (campeã da África em 2004).

Na edição de 2009, última antes da Copa das Confederações sediada no Brasil em junho de 2013, a seleção brasileira despontou como a maior detentora de títulos da competição. O evento ocorreu na África do Sul, em sua primeira edição no continente africano. Na final, a equipe brasileira, campeã da Copa América 2007, encarou o time dos Estados Unidos, vencedor da Copa Ouro da Concacaf no mesmo ano. A seleção americana havia desbancado a favorita Espanha, campeã da Eurocopa 2008, na semifinal. O placar favorável ao Brasil foi um 3 a 2 de virada. As outras equipes participantes foram: Itália (campeã do mundo em 2006), Iraque (campeã asiática de 2007), Egito (campeã africana de 2008) e Nova Zelândia (campeã da Oceania de 2008).

Em 2013, mais precisamente entre os dias 15 e 30 de junho, a Copa das Confederações foi brasileira, em sentido amplo. A seleção nacional levou o título

⁸³ A seleção turca classificou-se para o torneio como 3ª colocada da Copa de 2002, após uma série de acontecimentos. A vaga inicialmente era destinada à atual campeã europeia, no entanto este título pertencia à França, automaticamente classificada por ser país-sede. A vice-campeã europeia de 2000, Itália, desistiu de disputar o torneio. A oportunidade foi oferecida à seleção alemã, vice-campeã mundial em 2002, mas esta também negou sua participação. Assim, coube à Turquia representar o continente europeu na competição.

após vencer a final contra a Espanha (campeã mundial de 2010), com uma boa exibição e um placar de 3 a 0⁸⁴. Assim, a equipe se consolidou como a maior conquistadora da Copa, a exemplo do domínio que possui nos Mundiais de Futebol. Além de ser soberano nos gramados com a seleção, o Brasil foi destacado fora deles por sediar a competição, o que requer análises mais detalhadas quanto aos aspectos estruturais, sociais e econômicos observados durante o torneio.

A perspectiva da Copa das Confederações como evento-teste, neste caso, não vale somente para o ponto de vista da formação do time de futebol. Mais ainda, serve para medir o ritmo de conclusão daquilo que se propôs como legado para o Brasil após a Copa do Mundo. Enquanto o resultado esportivo foi satisfatório, as queixas a respeito da infraestrutura do país tanto pela imprensa nacional quanto por atletas e jornalistas estrangeiros deixaram explícito o ainda despreparo para a realização do evento principal. O atacante da seleção da Espanha Fernando Torres reclamou das condições encontradas no país durante a competição, em entrevista à agência de notícias espanhola Efe⁸⁵.

Foi complicado para todos, pelo clima e pelas instalações. Para a Copa do Mundo, dependeremos da sorte para saber a cidade para onde iremos. É preciso pensar no sorteio da Copa, já que ele pode fazer a diferença. Já sabemos o que vamos encontrar: deslocamentos gigantescos para treinar e condições abaixo do esperado. (TORRES, 2013)

Algumas questões têm perspectiva de serem resolvidas. Outras não. As condições climáticas, por exemplo, tendem a ser as mesmas, pois o Mundial será realizado em igual período do calendário em 2014. Além de Torres, outros jogadores espanhóis se queixaram do calor. De acordo com matéria publicada no site globoesporte.com⁸⁶, após o jogo do dia 23 de junho de 2013, contra a Nigéria, em Fortaleza, o lateral-esquerdo Jordi Alba relatou a impressão de ter os “pés queimados”. O zagueiro Piqué comparou a sensação física experimentada no estádio à causada por uma sauna seca. Durante a partida, que começou às 16h, os

⁸⁴ Participaram também do campeonato as seleções do México (campeã da Copa Ouro da Concacaf 2011), da Itália (vice-campeã europeia de 2012), do Uruguai (campeã da Copa América de 2011), da Nigéria (campeã africana de 2013), do Japão (campeã asiática de 2011) e do Taiti (campeã da Oceania de 2012), que participou pela primeira vez de uma competição oficial da Fifa.

⁸⁵ Disponível em: <http://placar.abril.com.br/materia/torres-critica-copa-das-confederacoes-e-pensa-em-sorteio-de-2014>. Acesso em: 10 out. 2013.

⁸⁶ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/06/imagina-na-copa-europeus-sofrem-com-calor-e-mundial-promete-ser-pior.html>. Acesso em: 10 out. 2013.

termômetros apontavam 29°C. Na Copa do Mundo haverá ainda um agravante: algumas partidas serão disputadas às 13h.

Observando a tabela da competição, é fácil perceber a situação complicada de seleções como a australiana, sorteada para a posição quatro do grupo B⁸⁷, por exemplo. O time terá de jogar no dia 13 de junho de 2014 em Cuiabá, no Mato Grosso, cujas temperaturas facilmente ultrapassam os 30°C⁸⁸. Cinco dias depois, a partida é em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde, na mesma época do ano, a temperatura média fica em torno dos 14,3°C⁸⁹.

Os deslocamentos também não serão alterados. Porto Alegre e Cuiabá, para manter as referências, ficam a 2.345 quilômetros de distância entre si. Isto é pouco menos que a distância entre Roma e Lisboa (2.387 km). Partindo deste princípio, é coerente a reclamação do meio-campista italiano Claudio Marchisio. Segundo ele, a impressão causada pelas extensões a serem percorridas entre os jogos é de que se está participando de uma competição pela Europa inteira⁹⁰. A Copa do Mundo jamais foi realizada em outro espaço com a extensão territorial do Brasil. Mesmo quando a sede foi aqui, em 1950, apenas seis capitais receberam jogos. Em 2014, doze cidades abrigarão partidas.

As instalações ainda inacabadas, os estádios atrasados e as obras no entorno daqueles que já foram utilizados, segundo o posicionamento oficial do governo federal, serão concluídas a tempo da Copa de 2014. Nem tudo está claro, porém, a respeito do modo pelo qual estes objetivos serão alcançados. Em Brasília, por exemplo, sabe-se que o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) não ficará pronto para a Copa do Mundo devido a problemas de licitação. Para que o compromisso de não haver atrasos fosse mantido o projeto foi simplesmente removido da lista de obras. Assim, tecnicamente, estará tudo em ordem na capital⁹¹. A despeito da manobra, o empreendimento que melhoraria o serviço de transporte público prestado aos

⁸⁷ Disponível em: <http://pt.fifa.com/worldcup/matches/index.html>. Acesso em: 10 out. 2013.

⁸⁸ Disponível em: <http://www.climatempo.com.br/noticias/162405/sol-e-calor-em-cuiaba-mt-18/>. Acesso em: 10 out. 2010.

⁸⁹ Disponível em: <http://www.bdclima.cnpm.embrapa.br/resultados/index.php>. Acesso em: 10 out. 2013.

⁹⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/06/imagina-na-copa-europeus-sofrem-com-calor-e-mundial-promete-ser-pior.html>. Acesso em: 10 out. 2013

⁹¹ Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/brasil/copa-das-confederacoes-um-teste-que-vale-pouco-para-a-copa>. Acesso em: 10 out. 2013.

cidadãos foi iniciado e a obra paralisada cumpre o total inverso daquilo a que se propunha: atrapalha a circulação de veículos em uma das principais vias da cidade.

Este é apenas um dos pontos em uma das cidades-sede. Os gastos exorbitantes somente com a construção de estádios – que não se pode considerar exatamente um legado, uma vez que o Brasil ainda engatinha na utilização do futebol como instrumento movimentador da economia – enquanto o país precisa de outros serviços, que serão inevitavelmente demandados por cidadãos e turistas durante a Copa do Mundo, dão o tom da situação que pode ter sua dramaticidade elevada.

Durante a competição de junho de 2013 a segurança nas cidades de jogos, por exemplo, deixou a desejar para turistas e delegações de futebol. Os jornais noticiaram mais de uma dezena de casos de turistas assaltados nas cidades de jogos durante a Copa das Confederações. No Rio de Janeiro, dezenove turistas foram rendidos e roubados em um albergue⁹². Em Belo Horizonte, um estrangeiro afirmou ter sido dopado em uma viagem de ônibus e perdido Dólares, Euros e equipamentos digitais⁹³.

De acordo com o jornalista Juca Kfoury a equipe italiana teria ficado assustada com os conflitos entre polícia e manifestantes nos protestos de junho de 2013. A tal ponto de cogitarem um pedido de suspensão da competição à Fifa, temendo pela permanência de seus familiares (membros da delegação italiana viajaram com parentes ao Brasil)⁹⁴.

Apesar de tudo isso, segundo levantamento da SPC Brasil⁹⁵, o evento-teste não movimentou sensivelmente o turismo nem atraiu estrangeiros como esperava. Ressalte-se que, segundo relatório da Ernst&Young/FGV (2010, p. 5) a expectativa de visitantes no país era inferior a um quarto do esperado para a Copa do Mundo. Se este foi o aperitivo, é grande o anseio pela chegada do prato principal.

⁹² Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/bandidos-fizeram-19-turistas-refens-em-albergue-em-botafogo-8798258>. Acesso em: 10 out. 2013.

⁹³ Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/06/04/interna_gerais,398835/veja-a-copa-como-um-risco-diz-turista-assaltado-em-viagem-a-bh.shtml. Acesso em: 10 out. 2013.

⁹⁴ Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/337828_e-uma-invencao-absoluta-diz-chefe-da-delegacao-italiana-sobre-possivel-abandono-da-copa-das-confederacoes. Acesso em: 10 out. 2013.

⁹⁵ A pesquisa, encomendada pelo governo federal, apontou ainda que 48% do público ficou insatisfeito com os serviços de transporte público, 40% reprovou as estruturas de mobilidade urbana e 62% consideraram o Brasil despreparado para receber a Copa do Mundo de 2014. (Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,copa-nao-movimentou-turismo-nem-atraiu-estrangeiros,158661,0.htm>. Acesso em: 10 out. 2013).

7.2 – Imprensa e seleção brasileira

O termo imprensa é abrangente. De acordo com definição do dicionário on-line Aulete, engloba todo o conjunto de veículos oficiais de difusão de notícias⁹⁶. Em algum grau cada um destes veículos (rádio, televisão, jornais, revistas e Internet) aborda em determinado momento assuntos relativos à seleção brasileira, tamanha a influência e presença do futebol no país. O enfoque prioritário deste capítulo, entretanto, bem como desta monografia, diz respeito à imprensa televisiva.

A contribuição da televisão para a popularização do futebol é notável e tal fenômeno pode ser observado em escala mundial. Para o jornalista português António Cancela, em artigo publicado na compilação *A TV do Futebol* (2006), apesar de sempre ter sido um esporte de multidões, relacionado a manifestações emocionais intensas, o futebol não teria a dimensão que alcançou sem a atuação dos canais televisivos (2006, p. 23). Chama a atenção do autor a específica relação estabelecida entre futebol e torcida no Brasil, construída em parte pela linguagem televisiva que aproxima espectadores e protagonistas, “dando a ideia permanente de que quem está em casa vive as emoções do espetáculo por dentro, quase lado a lado com os seus ídolos” (2006, p. 24).

Esta relação entre público e torcida pela seleção intermediada pela imprensa esportiva começou a se estabelecer anos antes da primeira transmissão de um jogo da equipe nacional pela TV. Segundo o antropólogo Édison Gastaldo (2004), desde as primeiras transmissões internacionais de jogos de futebol por rádio, nos anos 1950, a cobertura dos jogos do Brasil na Copa do Mundo tem sido fenômeno de audiência.

O grande interesse dos brasileiros pelo futebol, catalisado pela participação da seleção na Copa já levou à criação de mecanismos curiosos (e engenhosos) para “capturar a audiência”. [...] Por exemplo, durante a Copa de 1962, no Chile, os videoteipes dos jogos do Brasil só conseguiam ser transmitidos no País dois dias depois dos jogos. Uma emissora de rádio de São Paulo, então, instalou na Praça da Sé, no centro da cidade, um enorme painel em formato de campo de futebol, coberto de lâmpadas, com alto-falantes transmitindo os jogos do Brasil. Os locutores da emissora eram instruídos a deixar sempre claro em suas narrações a posição da bola no campo, de modo que, em São Paulo, um operador acendia a lâmpada correspondente ao deslocamento da bola no gramado do Chile. [...] o engenhoso mecanismo atraiu multidões para acompanhar os jogos “ao

⁹⁶ Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/imprensa>. Acesso em: 8 nov. 2013.

vivo” e garantiu a conquista da audiência para a emissora naquela Copa. (GASTALDO, 2004, p. 126)

A narrativa do autor corrobora a ideia de que cobertura esportiva não é apenas transmissão de jogos, seja ela em meio escrito, áudio ou audiovisual. Tão importante quanto, é o esforço de reportagem que vise de algum modo transportar o espectador/torcedor ao local de jogo. Neste exemplo, uma reportagem não usual, criativa e demandada pela época, mas que reproduziu à multidão na praça aspectos acontecidos há quilômetros de distância.

Hoje as experiências que são levadas à televisão com o mesmo intuito de cativar o espectador/torcedor são as reportagens jornalísticas e as atrações de entretenimento. Quanto a isto o jornalista António Cancela (2006), editor de esportes da emissora portuguesa SIC, faz uma pertinente ressalva sobre a necessidade de moderação entre as partes para que a informação – objeto de trabalho da imprensa – não seja perdida.

Uma grade televisiva só é valorizada na medida em que a transmissão do próprio evento esteja agregada a outros acontecimentos marginais que a promovam antes e depois da sua realização. [...] É nestas alturas que a informação pura e dura e a programação de entretenimento têm de dar as mãos e trabalharem em conjunto, embora seja obrigatória que cada uma das áreas respeite o espaço distintivo da outra. Todos juntos, sim! Mas, apesar de tudo, todos diferentes! É nesta simbiose que reside o segredo de uma grade harmoniosa e cativante, não só para o adepto fervoroso do futebol, mas essencialmente para o habitual consumidor de televisão. (CANCELA, 2006, p. 25)

À época da publicação do texto, a SIC preparava-se para a cobertura da seleção portuguesa no Mundial de 2006, realizado na Alemanha. O panorama atual é de uma Copa do Mundo a ser realizada no Brasil. Redes de televisão que cobrirão o megaevento como Globosat, ESPN Brasil e Fox Sports, começam a preparar novos programas para compor suas grades. Produtos que sejam diferenciais capazes de fidelizar o espectadores⁹⁷. Para o jornalista David Borges em *A TV do Futebol* (2006), a oportunidade de aproveitamento de um Mundial para a imprensa é único, pois toda a mobilização popular e a habitual euforia nacional característica do período são em grande parte “alimentadas pelos poderes e pela força da comunicação social” (2006, p. 46).

⁹⁷ Disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Essa-E-Nossa/noticia/2013/08/fox-sports-vai-transmitir-copa-do-mundo-de-2014.html>. Acesso em: 8 nov. 2013.

Se atualmente são trazidos aos debates que envolvem imprensa e futebol elementos que explorem o interesse do público pela seleção brasileira, em tempos de baixa popularidade da seleção nacional, em um movimento inverso, a imprensa foi utilizada para elevar o interesse dos torcedores. Após o fracasso na Copa do Mundo de 1966, quando não passou da primeira fase, e consequente descrédito por parte dos torcedores, a seleção brasileira vinha sofrendo críticas da imprensa nacional. Em 1969, o jornalista João Saldanha foi convidado a assumir o comando técnico da seleção brasileira.

Em entrevista concedida ao jornalista Milton Leite⁹⁸, o ex-lateral-direito Carlos Alberto Torres, um dos atletas da equipe formada por Saldanha, considerou que o presidente da Confederação Brasileira de Desportos, João Havelange, deu “um golpe de mestre ao indicar um monstro sagrado do jornalismo” para treinar a seleção. Por meio do convite Havelange tinha o intuito de amenizar a desconfiança estampada nos jornais. O time formado por João Saldanha fez boa campanha nas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970⁹⁹ e voltou a agradar. Em entrevista à *Revista Placar* publicada em março de 1970, o treinador/jornalista confirmou que esta era parte de sua missão.

Eu disse à imprensa que já tinha sido convidado três vezes. Mentira: fui convidado cinco vezes, em 1958, 1966, 1967, 1968 e 1969. Aceitei porque achava que daria uma dimensão maior à luta que sempre travei na imprensa. Topei sabendo que ia brigar contra a inveja, a calúnia, a perfídia. Sabia que ia me aborrecer muito. Que ia lutar contra tudo. [...] Eu sabia que a Seleção estava desmoralizada. O Maracanã não enchia nem contra a Seleção da Fifa, nem contra a Argentina. O povo não acreditava mais. Eu achava que devia promover o nosso futebol. Provocar, chamar a atenção pra cima da gente, pra cima de mim se fosse preciso. Fui por aí, enfrentando as paradas. (SALDANHA, 1970)

O caso de Saldanha é emblemático por demonstrar o quanto a relação entre imprensa e seleção nacional não é estritamente unilateral. Também exprime como a importância da imagem de seleção veiculada pela imprensa é importante aos interesses da entidade que a coordena e ao relacionamento com o torcedor.

⁹⁸ Disponível em: <http://acervo.revistabula.com/posts/livros/livro-resgata-historia-da-maior-selecao-brasileira-de-futebol>. Acesso em: 8 nov. 2013.

⁹⁹ João Saldanha foi demitido do posto técnico da seleção brasileira antes mesmo da Copa do Mundo de 1970, realizada no México. Em seu lugar assumiu o treinador Mário Jorge Lobo Zagallo, que conquistou o tricampeonato mundial naquele ano. Entre principais causas apontadas para a saída de Saldanha estão sua personalidade forte, suas opiniões inflexíveis e sua militância comunista. Em 1970 o país vivia sob regime militar. (Disponível em: <http://futebolememoria.com/nos-lembramos/times-que-a-gente-gosta/e-tri-brasil-de-70/>. Acesso em: 8 nov. 2013).

8 – Análise da cobertura do canal ESPN Brasil

8.1 – A ESPN

A ESPN¹⁰⁰ autodefine-se como o primeiro canal de televisão do mundo com programação inteiramente voltada aos esportes¹⁰¹. Idealizada por Bill e Scott Rasmussen, pai e filho com carreiras profissionais ligadas ao assunto – Bill era repórter esportivo da NBC e Scott locutor de hóquei no gelo – a rede iniciou suas atividades nos EUA em 1979. Não tão grande como é hoje, mas com um projeto já ambicioso.

A ideia original era começar com uma programação modesta na TV a cabo, ocupando a grade noturna e cobrindo somente os eventos esportivos do estado de Connecticut. No entanto, a modalidade de TV via satélite oferecia alternativas de negócio mais vantajosas, fato que motivou os Rasmussen a expandirem seu projeto para um canal dedicado a esportes 24 horas por dia (FREEMAN, 2000).

Hoje a ESPN é sinônimo de cobertura esportiva nos Estados Unidos e tem papel relevante nos quase 200 países que alcança com sua programação¹⁰². A rede possui dezenove canais na TV, além de produções em rádio, Internet e revistas. Um destes canais – o primeiro com produção jornalística autônoma fora dos EUA – é a ESPN Brasil, que tem parte de sua cobertura esportiva como objeto de análise deste trabalho.

Antes mesmo do surgimento da ESPN Brasil, o canal ESPN norte-americano passou a ser transmitido ao país, com programação traduzida para o português. Entretanto, a grade repleta de esportes sem apelo junto ao público nacional, como críquete, beisebol, futebol americano e rúgbi não emplacaram a marca.

Para entender o início da ESPN Brasil é preciso voltar um pouco antes do ano de sua criação, em 1995, e atentar-se ao começo das atividades de TV paga no país. Em seu livro sobre a evolução da TV por assinatura no Brasil, Samuel Possebon

¹⁰⁰ ESPN era sigla para *Entertainment and Sports Programming Network* (Rede de Programação de Esportes e Entretenimento). O nome foi mudado oficialmente para *ESPN Incorporated* em 1985. O slogan do canal é “O líder mundial em esportes”.

¹⁰¹ O texto disponível no site da ESPN em www.espn.com.br/trabalheconosco, define a organização como “uma das maiores empresas de entretenimento do mundo”. Acesso em: 25 set. 2013.

¹⁰² Informação disponível em www.espn.com.br/quemsomos: “A ESPN atinge 363 milhões de domicílios em aproximadamente 200 países”. Acesso em: 25 set. 2013.

(2009) é objetivo ao declarar que qualquer tentativa de apontar quem foi o primeiro operador destas novas tecnologias no Brasil estará errada. Segundo o autor, é virtualmente impossível dizer com precisão quando tudo começou (2009, p. 19). Mesmo assim o jornalista Paulo Vinícius Coelho, na ESPN há mais de uma década e telespectador desde antes, arrisca opinar que a história das televisões por assinatura no Brasil começou em 1991, quando a Globosat e a TVA colocaram suas programações no ar (COELHO, 2006, p. 69).

Para ficar apenas no campo dos esportes, basta saber que logo em 1992 a Globosat lançou o canal SporTV. O concorrente pela TVA, pertencente ao grupo Abril, era o TVA Esportes. O primeiro ainda existe e o segundo não durou muito tempo, por razões que Coelho cita em seu livro sobre Jornalismo Esportivo.

Para começar, a Globo possuía *know-how*. Funcionários do canal por assinatura também trabalhavam no canal aberto, que acumulava experiência desde a década de 1960 em transmissões e coberturas esportivas. Além disso, a estratégia de transmissão adotada pela Globosat, via cabo, mostrou-se mais eficaz que a preferida pela TVA, via MMDS¹⁰³. Por fim, o último divisor de águas foi a negociação pelos direitos de transmissão dos jogos do Campeonato Brasileiro de futebol. Em meio a um imbróglio entre os representantes do torneio, a TVA negociou os direitos de transmissão com o extinto Clube dos Treze e a Globo apostou no negócio com a CBF, que prevaleceu como a real distribuidora dos direitos (COELHO, 2006, p. 69).

Com o fracasso da TVA, The Walt Disney Company – proprietária da marca ESPN no mundo – associou-se ao grupo Abril e repaginou o canal de esportes, criando a ESPN Brasil. Em 1999, o grupo Abril vendeu sua parte na ESPN Brasil à Disney, que hoje comanda o canal integralmente.

Desde 2006 toda a programação em português é produzida em São Paulo, com o auxílio da sucursal no Rio de Janeiro, inaugurada em 2005. Além disso, o canal é

¹⁰³ MMDS é uma modalidade de transmissão de TV que funciona por meio da captação de micro-ondas eletromagnéticas via antenas. É uma alternativa à TV à cabo e à TV via satélite (DTH). No Brasil, está progressivamente em extinção, sobretudo porque a faixa eletromagnética que ocupa é a mesma da tecnologia de Internet móvel 4G, em expansão no país. Outrora este método de transmissão tinha como vantagens o menor preço e maior alcance. Hoje, é a tecnologia menos utilizada segundo dados da Anatel, não ocupando nem um por cento do número de assinantes por tecnologia.
(Disponível em: http://sistemas.anatel.gov.br/satva/hotsites/conheca_brasil_satva/default.asp. Acesso em: 19 set. 2013).

conhecido entre os “fãs de esporte” – como seus espectadores são chamados – por transmitir os principais campeonatos entre clubes do futebol mundial, com exceção para as competições brasileiras. Dos principais campeonatos nacionais, a ESPN só possui os direitos de transmissão sobre a Copa do Brasil e campeonatos de futebol de base.

Esta é uma herança da época de transição entre TVA Esportes e ESPN Brasil. Por um lado a ausência desta programação na emissora prejudicou o canal frente ao principal concorrente, SporTV – especialmente no tocante ao número de anunciantes interessados em unir sua marca à audiência proporcionada pelos grandes jogos. Mas por outro, foi fator determinante para a construção da identidade do canal, que passou a se notabilizar cada vez mais pelo jornalismo esportivo.

“A ESPN no Brasil é reconhecida pela mídia e pelo público devido a qualidade nas transmissões, comentários imparciais e credibilidade de seus profissionais”. Obviamente cabe à empresa ressaltar seus diferenciais de mercado, como faz neste trecho disponível em seu site¹⁰⁴. Mesmo assim, a construção da frase evidencia a preocupação e o compromisso da emissora com o jornalismo (imparcialidade e credibilidade são características intimamente ligadas à prática), enquanto o braço estadunidense procura se destacar pelo entretenimento.

Como explica Coelho, não possuir os direitos de transmissão dos principais jogos organizados pela CBF, ao contrário do efeito causado à TVA, não foi

[...] nada, no entanto, que fizesse o canal [ESPN Brasil] esmorecer. A maneira encontrada para manter as atividades em grande estilo foi investir em jornalismo. Em 1998, a ESPN ganhou o prêmio APCA¹⁰⁵, oferecido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, pela cobertura da Copa do Mundo de 1998, quando pôde transmitir o evento. Em 2002 não transmitiu, mas conseguiu boa repercussão fazendo jornalismo na cobertura da Copa do Mundo. (COELHO, 2006, p. 70)

Em 2014 a ESPN transmitirá a Copa do Mundo Fifa no Brasil. A emissora negociou com a Rede Globo, detentora dos direitos de transmissão junto à entidade máxima

¹⁰⁴ Disponível em: <http://www.espn.com.br/quemsomos> Acesso em: 19 set. 2013.

¹⁰⁵ A ESPN continua se notabilizando, ano após ano, pelas premiações conquistadas por seu jornalismo e jornalistas. A mais recente foi entregue no troféu ACESSP 2012 (Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo), no qual oito jornalistas/veículos da rede foram agraciados, no total. Já em 2013, a série de documentários a respeito do aproveitamento político do futebol nas ditaduras da América do Sul “Memórias do Chumbo: Futebol nos tempos do Condor”, produção da ESPN encabeçada pelo repórter e comentarista Lúcio de Castro, foi reexibida em festivais de cinema Brasil afora e premiada pela crítica.

do futebol, e será uma das vinte e cinco empresas licenciadas para transmitir áudio e vídeo das partidas¹⁰⁶. O mesmo não aconteceu com a Copa das Confederações em 2013. A cobertura jornalística, entretanto, foi mais uma vez a meta de excelência da empresa, que deslocou profissionais a todos os locais de jogo, interagindo com a seleção e com o clima da competição. Para o público, grande parte¹⁰⁷ da cobertura possível da Copa das Confederações foi mostrada no programa *Linha de Passe – Mesa Redonda*, objeto do tópico seguinte.

¹⁰⁶ Disponível em:

[http://pt.fifa.com/mm/document/affederation/tv/01/47/76/00/2014fifaworldcupbrazil\(tm\)mediarightslicenseelist140813_neutral.pdf](http://pt.fifa.com/mm/document/affederation/tv/01/47/76/00/2014fifaworldcupbrazil(tm)mediarightslicenseelist140813_neutral.pdf). Acesso em: 23 out. 2013.

¹⁰⁷ Grande parte porque, em menor escala, outros programas do canal também repercutiram os jogos. No *Sportscenter*, por exemplo, VTs gravados sobre resultados e preparação das seleções eram exibidos, seguidos pelos comentários dos âncoras. O *Bate-Bola*, comumente exibido duas vezes por dia, de segunda a sexta-feira, passou a ter uma terceira edição para cobrir os treinos da seleção brasileira e realizar um pré-jogo das partidas.

8.2 – *Linha de Passe*

Linha de Passe – Mesa Redonda é um dos principais programas da ESPN Brasil. Para o jornalista e comentarista da casa Paulo Vinícius Coelho, é aquele que dispõe de maior prestígio perante o público¹⁰⁸, sendo responsável pelos melhores índices de audiência da emissora¹⁰⁹.

Trata-se de um debate esportivo semanal transmitido ao vivo todas as segundas-feiras, de 21h às 23h¹¹⁰. Ali os jornalistas comentam, discutem e analisam temas do futebol nacional e internacional. Os tópicos são previamente pautados e também sugeridos por espectadores, que podem participar do programa em tempo real, enviando mensagens escritas via Internet.

Atualmente *Linha de Passe* é apresentado pelo jornalista Paulo Andrade – que conduz os temas, mas pouco opina – e uma equipe de jornalistas fixos¹¹¹ formada por Juca Kfourir, Paulo Vinícius Coelho, José Trajano, Márcio Guedes e Fernando Calazans. Estes dois últimos complementam a mesa-redonda (a disposição da bancada reproduz o formato de uma mesa redonda, literalmente) vistos de um monitor digital, pois participam diretamente da sucursal do Rio de Janeiro. O estúdio principal fica em São Paulo.

No aniversário de 15 anos do programa, celebrado em 12 de agosto de 2013, Juca Kfourir deu sua definição sobre *o Linha de Passe*:

Se reúnem, às segundas-feiras, alguns amigos, para falar de futebol como se estivessem no botequim. [...] Com o espírito de cada um dizer aquilo que pensa, sem nenhum tipo de entrave – mesmo quando os assuntos, de alguma maneira, possam prejudicar até a empresa que nos abriga. [...] Falamos desta coisa que vai muito além das quatro linhas de campo. A gente não trata apenas do futebol. Falamos do futebol, da vida, do país. Porque é assim que enxergamos o futebol e a sua importância. (KFOURI, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 12 ago. 2013)

¹⁰⁸ Degravação *Linha de Passe* 12 ago. 2013.

¹⁰⁹ De acordo com amostragem final dos números de audiência da TV por assinatura em 2012, divulgado pelo Ibope, ESPN Brasil foi o terceiro canal esportivo mais assistido no país, atrás de SporTV e SporTV2, da Globosat.

¹¹⁰ *Linha de Passe* concorre com programas semelhantes em outras emissoras de TV por assinatura: “Bem, Amigos!”, do canal SporTV, que mescla debate esportivo e participações de convidados ligados ao esporte (e apresentações musicais); “Baita amigos”, da Bandsports, inspirado no anterior (sem apresentações musicais); e “A Última Palavra”, da Fox Sports, programa de entrevistas de personalidades ligadas ao futebol.

¹¹¹ No caso de eventuais ausências, os jornalistas Paulo Calçade, Antero Greco, Leonardo Bertozzi e Mauro Cezar Pereira costumam ser escalados para completar a mesa.

Ao longo do tempo nem sempre o programa teve a mesma equipe, tampouco o mesmo objetivo e alcance. Foi idealizado pelo jornalista José Trajano¹¹² para integrar a programação da ESPN somente durante a cobertura realizada pelos canais na Copa do Mundo Fifa de 1998, sediada na França. Àquela época, diz ele, “a TV à cabo engatinhava”¹¹³. Esses milhões que assistem hoje aos canais ESPN, não eram milhões, eram milhares” (TRAJANO, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 12 ago. 2013).

De Paris, o apresentador Milton Leite e os comentaristas José Trajano, Paulo César Vasconcellos e Tostão, além de convidados como o fotógrafo Sebastião Salgado, o músico Chico Buarque, o escritor Luís Fernando Veríssimo e o jornalista Reali Júnior, repercutiam desdobramentos da competição. O nome do programa também era outro: *A Copa é Nossa – Mesa Redonda*.

Aquela Copa não “foi nossa”, como sugeria a atração, mas o programa prevaleceu. Fixou-se na grade da ESPN Brasil. Tornou-se espaço para repercussão das rodadas dos principais campeonatos em curso no Brasil e no mundo (mais no Brasil). Além disso, fez-se figura carimbada na cobertura dos principais eventos de futebol que o canal acompanhou como Olimpíadas, Copas do Mundo de 2002, 2006, 2010 e a Copa das Confederações de 2013, plano de fundo para a constituição dos fatos em análise neste trabalho.

Durante a cobertura da Copa das Confederações Fifa 2013, o programa semanal passou a ter frequência diária, sem redução do tempo de duração. Entretanto, é válido ressaltar que estas não foram as únicas mudanças. Predominantemente de

¹¹² Executivo de Jornalismo da ESPN Brasil entre 1995 e 2011. A partir de 2012, o cargo passou à responsabilidade do jornalista João Palomino. Em setembro de 2013, Palomino ganhou o Prêmio Comunique-se na categoria Executivo de Veículo de Comunicação do ano, conquistado por Trajano em 2011.

¹¹³ Em seu livro *Jornalismo Esportivo*, lançado em 2003, Paulo Vinícius Coelho lamentava: “Até hoje, a televisão por assinatura não explodiu no Brasil. Ainda há um número pequeno de assinantes. No total, eles não passam da casa dos 3,5 milhões em todo o país [2% da população]. Não vale nem lembrar que há 170 milhões de habitantes no Brasil”. Dez anos depois, a população do Brasil saltou para 198 milhões, de acordo com o IBGE. Segundo dados do Ministério das Comunicações, o número de assinaturas de TV paga também cresceu, para quase 17 milhões [9% da população], ou seja, quase quintuplicou em relação ao dado anterior. (Disponível em: http://sistemas.anatel.gov.br/satva/hotsites/conheca_brasil_satva/default.asp. Acesso em: 19 set. 2013). De acordo com o ministro das Comunicações, Paulo Bernardo, a estimativa do Governo Federal é de que o número de assinaturas dobre nos próximos três anos. (Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/08/numero-de-assinantes-de-tv-paga-pode-dobrar-em-3-anos-diz-ministro.html>. Acesso em: 20 set. 2013).

entretenimento, ou seja, sem necessário compromisso com a informação objetiva¹¹⁴ – contando com opiniões bem-humoradas, promovendo a escolha do gol mais bonito, recomendando opções de filmes e livros ao telespectador, entre outros indicativos – *Linha de Passe* adotou um tom mais jornalístico. Passou a ser o principal veículo da emissora para a cobertura da competição.

Além dos comentaristas nos estúdios, profissionais que acompanhavam os jogos nas cidades em que aconteciam e seguiam o passo a passo da seleção brasileira nos cinco estados pelos quais passou, participavam ao vivo das transmissões, expondo sua visão crítica – como é próprio do programa e do canal ESPN Brasil em si – mas também atualizando o público sobre as informações da equipe. Os comentários, mais do que o habitual, passaram a ser embasados em números, estatísticas, estimativas e recuperação de dados. O realce desta nuance no perfil do programa durante o período específico da Copa das Confederações 2013 é crucial ao entendimento dos desdobramentos expostos neste trabalho.

¹¹⁴ Não é incomum que os jornalistas sejam corrigidos em suas informações durante o *Linha de Passe*, seja pelo editor atento ou pelo espectador que participa pela Internet. A informalidade dá o tom do programa, ao modo como descreveu Juca Kfoury em seu depoimento.

8.3 – O discurso

Durante a cobertura da Copa das Confederações Fifa 2013 pela ESPN Brasil, o principal programa utilizado para repercutir os jogos, analisar o desempenho da seleção brasileira, noticiar o clima dos jogadores na concentração, atualizar os telespectadores sobre o dia-a-dia da competição, considerar o desempenho de possíveis adversários do time nacional e levar a público as manifestações dos atletas e comissão técnica da seleção foi o *Linha de Passe – Mesa Redonda*.

O programa foi transmitido todos os dias entre 15 de junho e 1º de julho (17 dias), sempre entre 21h e 23h. O horário já era padrão da atração que normalmente vai ao ar somente às segundas-feiras. Segundo informações do sistema Media Workstation, do Instituto Ibope, divulgadas pelo Grupo de Mídia São Paulo (2012)¹¹⁵, o horário entre 21h e 23h é o que atinge maior número de espectadores na TV por assinatura, chegando a 8,11% de audiência (2012, p. 400). Nesta faixa, o público espectador – composto em sua maioria por indivíduos do sexo masculino entre 15 e 29 anos, que supostamente cumprem com suas atividades durante o dia – recebia o resumo dos principais assuntos em pauta e a análise opinativa dos comentaristas¹¹⁶.

Posto isso, cabe considerar a ação do jornalismo como potencial formador de opinião. Embora possa haver o argumento de que *Linha de Passe* penda mais para o gênero do entretenimento, devido ao tom descontraído exposto no capítulo anterior, uma coisa é certa: todos os participantes do programa, em qualquer dia de transmissão, eram jornalistas. Destes profissionais espera-se a prática do jornalismo. Diferentemente da expectativa que há quando o programa escolhido é apresentado e/ou comentado por narradores esportivos, ex-árbitros e ex-jogadores de futebol sem formação específica em Comunicação ou experiência jornalística.

Para basear alguma compreensão sobre o papel do jornalismo exercitado pela ESPN Brasil por meio de seu programa *Linha de Passe* durante o período selecionado e, conseqüentemente, por seus jornalistas, este trabalho analisou o perfil de cada profissional que expôs algum tipo de opinião durante os programas.

¹¹⁵ Disponível em: <http://midiadadosrdp.digitalpages.com.br/html/reader/119/18266>. Acesso em 2 nov. 2013.

¹¹⁶ Nos comerciais de TV que anunciam a transmissão e cobertura da Copa do Mundo 2014 pelo canal, a assinatura final do locutor enuncia: “ESPN Brasil – Opinião é o nosso esporte”. Embora não tenha transmitido a Copa das Confederações, esta também foi a tônica da cobertura.

Os perfis são baseados em informações sobre carreira disponíveis no Portal dos Jornalistas¹¹⁷ e em ideias expressas pelos próprios comentaristas exclusivamente durante o período em questão (15 de junho a 1º de julho), no programa em questão (*Linha de Passe*). Discursos que, de alguma forma, sintetizam a abordagem adotada pelo jornalista ao transmitirem ao público suas opiniões sobre a seleção brasileira, seus personagens e seus objetivos.

Ao todo, conforme Quadro 1 (abaixo) nove jornalistas participaram das edições especiais de *Linha de Passe*.

Quadro 1 – Perfil dos comentaristas

Jornalista	Perfil	No programa
Antero Greco	Idade: 58 Destaques: Cobriu todas as Copas do Mundo desde 1978; Comentarista da ESPN desde 1995.	Comentarista estúdio
Paulo Andrade	Idade: 34 Destaques: Há dez anos na ESPN; Narrador esportivo.	Apresentador
Paulo Cobos¹¹⁸	Idade: 43 Destaques: Editor Web do site ESPN Brasil; Atuou por dezesseis anos na <i>Folha de S. Paulo</i> .	Comentarista <i>in loco</i> ¹¹⁹
PVC	Idade: 44 Destaques: Jornalista laureado; Fundador do diário esportivo <i>Lance!</i> .	Comentarista <i>in loco</i>
José Trajano	Idade: 67 Destaques: Na ESPN Brasil desde sua criação; Trabalhou em mais de dez veículos de comunicação.	Comentarista estúdio

¹¹⁷ www.portaldosjornalistas.com.br

¹¹⁸ Substituiu Juca Kfoury quando o jornalista foi internado em um Hospital de Belo Horizonte e afastado das transmissões por ordens médicas, após sofrer uma isquemia cerebral durante o período de cobertura da Copa das Confederações (Disponível em: <http://www.otempo.com.br/superfc/futebol/ap%C3%B3s-boletim-m%C3%A9dico-juca-kfoury-acalma-seguidores-e-publica-texto-em-seu-blog-1.670934>. Acesso em: 14 out. 2013).

¹¹⁹ O termo “in loco” é uma expressão em latim que significa “no lugar” ou “no próprio local”. É utilizada nesta ocasião para informar que o profissional acompanhou a seleção brasileira nas cidades em que ela realizou seus jogos e participou da transmissão do *Linha de Passe* a partir de um local relacionado à delegação: estádio da partida, hotel de concentração ou arredores.

Juca Kfour	Idade: 63 Destaques: Sociólogo e jornalista esportivo-político; Ganhou Prêmio Esso de Jornalismo, em 1991.	Comentarista <i>in loco</i>
Eduardo Tironi	Idade: 42 Destaques: Editor-executivo da ESPN no Rio de Janeiro; Cobriu a Copa do Mundo de 2002.	Comentarista estúdio
Leonardo Bertozzi	Idade: 33 Destaques: Trabalhou na FX e Bandsports; Editor da <i>Revista Trivela</i> .	Comentarista estúdio
Mauro Cezar Pereira	Idade: 50 Destaques: Chefe de reportagem da ESPN Brasil; Foi professor universitário ¹²⁰ .	Comentarista estúdio

Fonte: Portal dos Jornalistas¹²¹.

Os trechos destacados no Quadro 2, na página seguinte, foram cuidadosamente selecionados dentre o universo de intervenções feitas pelos jornalistas nos programas dos quais participaram durante o período em recorte. O intuito das citações é proporcionar ao leitor uma imagem dinâmica dos pontos de vista abordados de forma recorrente por cada um dos comentaristas, de modo a facilitar-lhe a compreensão das análises.

Sob a concepção de que nos programas de TV a estereotipização dos personagens é ferramenta utilizada na construção do ambiente, este aspecto acerca da imagem transmitida por cada comentarista torna-se importante nos estudos sobre os efeitos do produto *Linha de Passe* sobre o público.

Em vários programas, estes jornalistas assumem um papel teatral na atração, sendo um o bonzinho, o outro o ranzinza, o ingênuo, o seguinte o bravo. Com isso, as discussões crescem, tornam-se até polêmicas gerando audiência. Na Indústria Cultural, tudo se torna negócio. E na televisão, o negócio gira em busca da audiência e atualmente, as programações são produzidas para estas audiências. (RANGEL, 2009, p. 2)

¹²⁰ Lecionou Jornalismo em Rádio e TV na Universidade de Santo Amaro (Unisa/São Paulo) entre 2002 e 2006 e foi professor do curso de pós-graduação em Jornalismo Esportivo nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU/São Paulo), em 2007. Segundo entendimento do autor desta monografia, tal informação é considerada relevante pois a vivência acadêmica na formação de profissionais pode possibilitar ao indivíduo uma postura crítica diferenciada diante da prática do jornalismo, em distinção a outros profissionais que, no dia-a-dia, estejam em contato somente com o universo das pautas, notícias, furos e deadlines.

¹²¹ Disponível em: www.portaldosjornalistas.com.br. Acesso em: 20 set. 2013.

A breve descrição que se segue após cada referência é texto de desenvolvimento e responsabilidade do autor deste trabalho, contendo suas interpretações de discursos baseadas na contextualização apresentada no capítulo metodológico desta monografia. Tais apêndices visam unicamente auxiliar a compreensão dos perfis em questão.

Quadro 2 – Falas dos comentaristas

Jornalista	Discurso
Antero Greco	<p><i>“Dizia o Doutor Sócrates, depois de Brasil e Espanha, em 86 [...]: ‘Copa do Mundo é um negócio, e peixe grande (ou algo assim) sempre são vistos com mais benevolência. A Fifa não iria prejudicar o Brasil.’ Deu um fuzuê aquilo lá na época. E ele falou alguma mentira? Não falou, né.” (22 jun. 2013)</i></p> <p>Antero tem experiência no jornalismo. Fala sério, mas sabe relativizar os assuntos com bom humor. Transmite uma imagem de calma, raramente altera seu tom de voz, mesmo para denunciar ou criticar algum fato.</p>
Paulo Andrade	<p><i>“Eu vou com o Antero Greco, nota sete então. Assim a gente fecha aqui em São Paulo e [...] agora a nota do pessoal que acompanhou o jogo pessoalmente lá em Brasília, do PVC e do Juca Kfourir. Começando com você, PVC. Boa noite.” (15 jun. 2013)</i></p> <p>Reservado ao papel de apresentador, Paulo Andrade raramente expressa uma opinião. Durante a série de programas em recorte, isto não aconteceu nenhuma vez de forma relevante ou que merecesse destaque. Conduz os debates de maneira exemplar, suas interrupções são sutis.</p>
Paulo Cobos	<p><i>“Individualmente, acho que Marcelo, Júlio Cesar e Paulinho passam de [nota] seis. Os outros não chegam a isso.” (26 jun. 2013)</i></p> <p>Participou somente de um programa pós-jogo do Brasil (contra o Uruguai), quando substituiu Juca Kfourir, afastado por ordens médicas. Opinou de modo destacável ao dar a nota para o time, concordando que o desempenho tinha sido apenas medíocre.</p>
Paulo Vinícius Coelho (PVC)	<p><i>“O Brasil está mostrando evolução? Na minha opinião está. Estou falando isso também porque o time está treinando bem. O time está treinando como eu nunca vi a seleção brasileira treinar.” (19 jun. 2013)</i></p> <p>PVC costuma ser reconhecido como uma “enciclopédia do futebol”. Sabe escalões de times do século passado de cabeça. Raramente erra sobre a informação que transmite e suas opiniões são repletas de apuração. Durante a Copa das Confederações foi repórter, acompanhou os jogos e a seleção de perto, por todas as cidades. Também por isso foi um ferrenho defensor da máxima do “time em formação”. Antes de qualquer crítica, contemporizava com o fato de que, em pouco tempo, Felipão estava fazendo muito progresso à frente da equipe.</p>

<p>José Trajano</p>	<p><i>“Seria pretensão minha [...] dizer que nós somos responsáveis pelos protestos contra os gastos, a falta de transparência e tudo que se refere a Copa do Mundo. Mas que a voz da ESPN tem muito a ver com os protestos que agora estão saindo às ruas contra a própria Copa do Mundo, contra a ganância, contra os elefantes brancos, contra os desmandos da Fifa, tem. [...] [Isso] me deixa muito emocionado e satisfeito.” (17 jun. 2013)</i></p> <p>Trajano está na ESPN desde sua fundação. <i>Linha de Passe</i> nasceu de sua inspiração na Grande Resenha Facit ¹²², dos anos 1960. Considerado um obstinado defensor do que considera ético e justo, já travou duros embates em sua carreira por conta de suas opiniões fortes e extremas. Até hoje, por vezes debate de modo mais áspero com os companheiros de mesa, que quase sempre relevam sua personalidade. Kfourri o chama abertamente de “ranzinza”.</p>
<p>Juca Kfourri</p>	<p><i>“O fato é que hoje o Brasil voltou a ser o Brasil e a torcida no Maracanã entendeu isso e cantou ‘o campeão voltou’. Eu não vou negar que o campeão tenha voltado, é um campeão que voltou pra sempre? É uma interrogação. Mas, hoje, o mundo viu aquele campeão que a gente gosta de ver o futebol brasileiro sendo.” (30 jun. 2013)</i></p> <p>Kfourri é sociólogo por formação. É provável que a paixão pelo futebol o tenha levado a dedicar mais de 40 anos de sua vida ao jornalismo esportivo. Foi também com paixão que ele se entusiasmou com o crescimento demonstrado pela equipe nacional ao longo da competição. Junto com PVC, cobriu a seleção de forma itinerante. Na passagem por Belo Horizonte teve problemas de saúde, precisou ser afastado, mas fez questão de estar presente na final.</p>
<p>Eduardo Tironi</p>	<p><i>“Esse time jogou como nunca na Copa das Confederações, com uma alma que me impressionou. Além de taticamente ter jogado muito bem – isso não se discute no jogo de hoje – também jogou com muita alma.” (30 jun. 2013)</i></p> <p>Tironi participou apenas da última edição especial de <i>Linha de Passe</i> para a Copa das Confederações, no pós-jogo de Brasil versus Espanha. Editor da sucursal da ESPN no Rio de Janeiro, o jornalista se impressionou com o clima na cidade antes da partida. Identificou nas ruas a retomada do amor da torcida pela seleção brasileira de futebol.</p>

¹²² *Grande Resenha Facit* foi a primeira mesa-redonda de futebol na TV Globo. O programa foi criado na TV Rio por Walter Clark e Luiz Mendes, em 1963, com o nome de *Grande Revista Esportiva*. Passou a se chamar *Grande Resenha Facit* logo depois que ganhou o patrocínio da empresa fabricante de máquinas de escrever. O formato inspirado nos debates políticos foi trazido para a TV Globo em setembro de 1966. A mesa era formada pelo âncora Luiz Mendes e os comentaristas Armando Nogueira, Nelson Rodrigues, João Saldanha, José Maria Scassa, Hans Henningsen, Vitorino Vieira e o ex-artilheiro Ademir. Eles discutiam a atuação e o desempenho dos times cariocas, principalmente nos jogos disputados no Maracanã no final de semana. (Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/grande-resenha-facit/formato.htm>. Acesso em: 8 set. 2013).

<p>Leonardo Bertozzi</p>	<p><i>“O que ficou provado hoje pra mim é que, quando você adota uma postura um pouco mais crítica, um pouco mais de cobrança em relação à seleção brasileira, é porque você acredita que o time seja capaz de jogar como jogou hoje. Se você acha excelente o que viu lá atrás, eu não sei o que você vai achar do que viu hoje.” (30 jun. 2013)</i></p> <p>O tom adotado por Bertozzi em suas análises foi crítico e exigente. Desde sua primeira participação, ressaltou que a seleção o desapontava em seu desempenho. Quando o canal para o qual trabalha foi criticado pelo técnico da seleção brasileira, foi objetivo ao defender o ponto de vista do jornalismo. Para ele, o papel cabível a si e aos colegas em suas falas não seria “jogar contra ou a favor”, mas sim “analisar e opinar”.</p>
<p>Mauro Cezar Pereira</p>	<p><i>“Eu fui buscar alguns números dos times recentes do Luiz Felipe Scolari e é interessante: o time dele só anda quando faz muitas faltas. [...] É por essas e outras que eu sou alguém que tem uma resistência muito grande com relação ao trabalho do Felipão. Eu acho que são métodos antigos, é um repertório que não se alterou com o passar do tempo.” (24 jun. 2013)</i></p> <p>A fala de Mauro é emblemática. Nela ele deixa claro sua implicância com duas questões recorrentes em seu discurso – e preponderantes para a ocorrência da declaração de Felipão que motiva este trabalho: o excesso de faltas no futebol e os métodos de trabalho do técnico. Mauro é um perseguidor das faltas excessivas há bastante tempo. Em seu blog em ESPN.com o assunto é recorrente. O jornalista tem o costume, entretanto, de avalizar suas críticas por meio de estatísticas de jogos, ao invés de basear-se na mera opinião. Mauro considera Felipão ultrapassado. Para ele, o futebol evoluiu e a visão tática do treinador não. A união destes ingredientes culminou na queixa de Luiz Felipe Scolari contra “a televisão que joga contra o Brasil”.</p>

Fonte¹²³: *Linha de Passe*, ESPN Brasil.

Em cada edição pós-jogo do programa, o apresentador e os comentaristas presentes no estúdio (variando entre três e quatro), além de outros dois que participavam *via link* de vídeo da cidade onde estava concentrada a seleção brasileira, davam suas notas à atuação do time. Após isto, procediam à análise do desempenho da equipe. Por vezes esta ordem era subvertida, em nenhuma oportunidade, entretanto, deixou-se de pontuar e analisar a atuação da seleção brasileira.

¹²³ *Linha de Passe* é fonte para os trechos destacados, retirados dos discursos dos respectivos comentaristas. Os textos descritivos subsequentes às citações são baseados na análise do discurso feita pelo autor do trabalho.

Em um trabalho que analise transmissões televisivas é conveniente que o detalhamento do discurso contemple questões próprias da linguagem audiovisual. São exemplos destes elementos o jogo de câmeras, a entonação de cada profissional participante em suas falas, suas performances gestuais e, em um caso como este – de debate esportivo – a fluidez das mediações dos assuntos discutidos. Entretanto, estes aspectos não são regularmente contemplados nesta monografia. Não porque a importância destes fatores para a construção dos discursos tenha sido negligenciada, mas porque o modo pelo qual se deu a análise das edições de *Linha de Passe* (posterior à exibição ao vivo dos programas, por meio de recuperação de trechos de vídeos na Internet) não permitiu tal consideração. Os trechos disponibilizados no site da ESPN são editados e não propiciam ao espectador uma interpretação plena do modo como o programa se deu na transmissão ao vivo.

A seguir, serão apresentadas as análises dos programas e comentários jogo a jogo. Os tópicos relativos a estas interpretações adotam um padrão para disposição de informações. A primeira informação constante após o título do tópico – referente ao duelo de equipes de futebol examinado em *Linha de Passe* – será sobre data, horário e estádio do jogo. Após, a descrição dos componentes da mesa de debates do programa no dia indicado. E, por fim, a informação sobre os jornalistas que cobriram a seleção de perto e a cidade de onde participam, seguido do quadro de notas atribuídas pelos participantes do programa ao desempenho do time brasileiro. A partir de então, aborda-se o desenvolvimento dos discursos.

8.3.1 – Brasil x Japão

A partida aconteceu em 15 de junho de 2013, às 16 horas, no Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha, na capital federal. Formaram a mesa de debates em São Paulo o apresentador Paulo Andrade e os comentaristas Antero Greco, Mauro Cezar Pereira e José Trajano. De Brasília, Juca Kfourir e Paulo Vinícius Coelho participaram diretamente do hotel onde estava concentrada a seleção brasileira.

Quadro 3 – Notas para Brasil contra Japão

NOTAS ATUAÇÃO BRASIL	
JORNALISTA	NOTA
José Trajano	6,5
Antero Greco	7
Mauro Cezar Pereira	5,75
Paulo Andrade	7
Paulo Vinícius Coelho	7
Juca Kfourir	7,25
Média	6,75

Fonte: *Linha de Passe*, ESPN Brasil.

Antes do primeiro jogo oficial pela Copa das Confederações, a última partida da seleção brasileira tinha acontecido no dia 9 de junho, contra a França, na Arena do Grêmio, em Porto Alegre. Este último amistoso antes da competição tinha entre seus principais objetivos o de pôr à prova o entrosamento do time recém-convocado pelo técnico Felipão e aproximar o time nacional de sua torcida. Nas experiências anteriores o time já havia se mostrado inseguro nas atuações, e o público, insatisfeito com o futebol apresentado.

A crônica do site globoesporte.com para o jogo entre Brasil e França, que terminou em 3 a 0 para o time da casa, começava dizendo que a seleção ainda estava longe, bem longe, de empolgar: “Tanto que as mais de 51 mil pessoas presentes no estádio oscilaram entre gritos e momentos de completo silêncio e até vaias (nem Oscar, autor do primeiro gol, escapou).”¹²⁴

O técnico Luiz Felipe Scolari reassumiu o comando técnico da seleção brasileira em novembro de 2012, dez anos após conquistar o título de campeão mundial à frente da equipe. A troca do treinador Mano Menezes por Felipão após mudanças no comando da CBF gerou polêmica e opiniões divergentes. Enquanto uns defendiam a

¹²⁴ Disponível em: <http://www.globoesporte.globo.com/jogo/amistosos-2013/09-06-2013/brasil-franca.html>. Acesso em: 30 set. 2013.

permanência de Mano naquele momento e colocavam em suspeita a capacidade técnica de Felipão – que acabara de deixar a equipe do Palmeiras à beira do rebaixamento no Campeonato Brasileiro – outros, como os próprios dirigentes que o escolheram, acreditavam no seu retrospecto à frente da seleção e no respectivo conhecimento prévio do mesmo ante aos assuntos da equipe nacional.

No time daqueles que nutriam a desconfiança está a equipe do canal ESPN Brasil. Alguns jornalistas de forma mais ponderada, outros declaradamente em desacordo com a escolha, mas todos, de modo geral, mostraram-se reticentes à mudança, cada um por seus motivos específicos. Cabe dizer que esta não é objetivamente uma postura editorial adotada pelo jornalismo da ESPN, mas sim a opinião reiteradamente expressa por seus comunicadores enquanto indivíduos.

A Copa das Confederações 2013 seria a primeira competição oficial em que o time entraria após a Copa América de 2011, na Argentina. Ali o desempenho da seleção foi pífio. Eliminado nas quartas-de-final da competição pela seleção paraguaia em disputa de pênaltis (a equipe brasileira desperdiçou quatro cobranças), o time não havia mostrado nada de empolgante nos jogos anteriores. Em fase de renovação – termo muito utilizado no futebol – Mano Menezes vinha mesclando um time extremamente jovem com alguns jogadores experientes, deixando de fora atletas veteranos que participaram da Copa do Mundo Fifa 2010, na África do Sul. Foi insistindo na renovação que ele perdeu seu cargo e não chegou a mostrar grande evolução – outro termo sempre presente na linguagem futebolística – na equipe.

Havia, por tudo isso, grande expectativa sobre o desempenho da seleção brasileira na Copa das Confederações. Não obstante os fatos já mencionados, no dia da abertura da competição o Brasil passava por um momento de efervescência popular. Manifestações contra tarifas de transportes públicos, gastos com a Copa do Mundo, corrupção na esfera política e muitos outros temas, levaram milhões de pessoas às ruas. Antes do jogo entre Brasil e Japão, que inaugurou a competição, estes protestos chegaram às portas do Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha. O clima de tensão entre polícia e manifestantes ameaçava o público que tentava

ingressar ao estádio e o sucesso do espetáculo. Como relata a cobertura da Agência Brasil¹²⁵,

A entrada de torcedores ocorria de maneira tranquila, quando manifestantes tentaram se aproximar do estádio. Não havia cordão de isolamento da polícia no local, a Tropa de Choque usou bombas de gás e disparou tiros de borracha para dispersar os manifestantes. Algumas pessoas, entre elas manifestantes, foram atingidas no tórax e na cabeça [...]. De dentro do estádio, locutores pediam que os torcedores continuassem nas filas e no processo de revista para entrar no estádio. (EBC, 2013)

Quem já estava dentro do estádio ouvia as bombas e sabia das informações pelo rádio e pela boca dos torcedores que conseguiam entrar. Ainda assim, a cerimônia de abertura aconteceu sem problemas relacionados ao protesto. A partida também. O maior reflexo do momento político e social dentro da arena se deu quando o público vaiou massivamente a presidente da República Dilma Rousseff e o presidente da Fifa Joseph Blatter. A atitude de reprovação às autoridades repercutiu em todo noticiário esportivo e também foi pauta no *Linha de Passe*.

Antero Greco referiu-se à vaia direcionada ao presidente da Fifa como “engraçada” e “curiosa”, mas discordou daquela dada à presidente. José Trajano criticou a organização do evento e disse que a vaia não foi para a pessoa da Dilma em si, mas para qualquer político naquele momento. Sugeriu ainda que merecedor maior da demonstração de reprovação seria o governador do Distrito Federal Agnelo Queiroz, por ser responsável pela construção de um estádio grandioso em uma cidade sem times de expressão. PVC, presente no estádio e em meio à confusão pré-jogo, relatou que a equipe do canal teria sido agredida por policiais militares e deu nota zero à atuação dos PMs (PVC, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 15 jun. 2013).

Nota esta que a seleção brasileira não recebeu. O time inflamou a torcida a seu favor logo no início do jogo, quando Neymar abriu o placar. No início e fim do segundo tempo a equipe consolidou a vitória tranquila sobre o time japonês. Apesar deste novo cenário com gols, vitória tranquila e torcida feliz, havia atenuantes contra a euforia, que foram abordados no debate em mesa-redonda. O principal deles é de que a seleção japonesa jogou cansada, por conta da difícil adaptação ao fuso horário.

¹²⁵ Disponível em: <http://www.agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-06-15/policia-prende-oito-pessoas-em-protesto-no-estadio-nacional-mane-garrincha>. Acesso em: 30 set. 2013.

Tal argumento levou PVC a criticar o rigor dos companheiros quanto à avaliação do desempenho da seleção brasileira. Para ele, apesar de estar em desvantagem física, a equipe do Japão era um bom adversário. Em sua fala, Coelho citou quase um time inteiro (oito atletas) de jogadores japoneses que atuam em times da Europa – fato que lhes atestaria a qualidade. Assim, a atribuição de notas pequenas ao time brasileiro denotaria uma atitude arrogante, desmerecendo o oponente (PVC, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 15 jun. 2013).

Na média de todas as notas, o time ficou com 6,75. Para o comentarista Mauro Cezar Pereira, que atribuiu a nota mais baixa de todas à equipe (5,75), a média traduziu satisfatoriamente o que ocorreu em campo, pois assim o time “passou com sobras” (PEREIRA, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 15 jun. 2013).

Juca Kfourri contemporizou a média, que também considerou baixa, de forma jocosa.

Eu fico pensando em um marciano que chegue aqui, sente para ver a ESPN Brasil neste horário, às 25 para as 10 da noite deste sábado, e ele diz assim: ‘Peraí, peraí, peraí! Quanto foi o jogo?’. ‘3 a 0 pro Brasil’. ‘Ah, estão criticando o Japão’. ‘Não, não, não. Eles estão criticando o Brasil’. [...] O que eu quero dizer é o seguinte: Para quem diz, repete, *trepete* que o time está em obras, o nível de exigência está exagerado, neste aspecto. Numa tarde em que o time ganhou com o pé nas costas de seu primeiro adversário, na tarde de estreia. (KFOURI, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 15 jun. 2013)

Mauro Cezar Pereira, por sua vez, respondeu ao ponto de vista do colega invocando o que considera ser o papel de um jornalista esportivo: basear sua análise não apenas no placar final, mas no futebol apresentado durante os noventa minutos.

[...] Talvez os marcyanos digam o seguinte: Os comentaristas deste canal analisam o jogo e não só o resultado, né? Porque senão o marciano vai querer que analise só o resultado, não precisa nem ver o jogo. 3 a 0, está ótimo. [...] Foi 6,75 a média, gente! Então, por esta perspectiva, o Brasil tem que, em construção tirar 9, 10. 6,75 é uma ótima média! É uma nota a mais de 5, para ser aprovado. Eu acho que a gente tá elogiando a seleção. Eu dei 5,75. (PEREIRA, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 15 jun. 2013)

Defendendo a ideia do processo de montagem do time e empolgado com o trabalho do técnico da seleção, o qual vinha acompanhando de perto desde a preparação anterior ao início da competição, PVC afirmou que as evoluções no time deveriam ser melhor observadas, em contraponto às atuações. Ressaltou, sobretudo, que a meta principal para o time deve ser a Copa do Mundo 2014. Deste programa em diante, evolução, involução e time em construção foram conceitos-chave nos

comentários, análises e justificativas para atribuições de notas. Estas opiniões serão sistematizadas e interpretadas à medida em que forem aparecendo, nos capítulos seguintes.

O Brasil cresceu em relação aos jogos anteriores. [...] está mostrando evolução? Na minha opinião está. Estou falando isso também porque o time está treinando bem. O time está treinando como eu nunca vi a seleção brasileira treinar. [...] Agora, tem defeitos, claro que tem defeitos. O Brasil pode sofrer contra o México na quarta-feira. O time não está pronto. O time tem que estar pronto no dia 12 de junho de 2014¹²⁶. (PVC, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 15 jun. 2013)

No *Linha de Passe* de 16 de junho, dia seguinte ao jogo entre Brasil e Japão, Mauro Cezar Pereira pediu atenção nas avaliações feitas pelos jornalistas do canal à seleção brasileira com relação ao que chamou de “muleta da seleção em obras”, suposto atenuante para más atuações da equipe. Para o comentarista, em obras todas as seleções que se preparam para disputar a Copa do Mundo estão. Ele ressaltou ainda que o clima proporcionado pela torcida e pela competição em casa poderia ser favorável à conquista da Copa das Confederações 2013, mas o que o objetivo principal não era esse e sim uma inovação no estilo de jogo da seleção brasileira. O jornalista utilizou exemplos de times e seleções para mostrar que há uma necessidade de crescimento do time que se revela mais importante que o título.

Eu acho que a gente está caminhando numa direção muito perigosa, que é este discurso do pragmatismo do Felipão. A direção do ‘o que importa é ganhar, o que importa é avançar, o que importa é ser campeão’. Não. Isso importa, mas há muito mais coisas em jogo. O futebol brasileiro está defasado. [...] Não existem técnicos brasileiros de primeira linha. Vanderlei Luxemburgo, quando foi ao Real Madrid não conseguiu sucesso. Felipão, quando esteve no Chelsea também fracassou. [...] A seleção brasileira deveria ser a locomotiva de uma mudança, para trazer novas ideias. Uma outra forma de jogar, imposição de jogo com a bola, como faz a Espanha. [...] Por que a Espanha tem tantos jogadores habilidosos? Porque há um trabalho que vem sendo feito muito sério, que faz com que surjam novos jogadores. Por que não surgem mais aqui no Brasil? Esta discussão tem que avançar muito além do pragmatismo do senhor Luiz Felipe Scolari. Ganhando ou perdendo esta Copa das Confederações, este é meu ponto de vista com relação ao que representa a seleção neste momento, em que ela pode fazer as coisas mudarem. Não parece que vai mudar. O que importa é o ‘pra frente, Brasil’, ‘vamos lá, galera’, ‘todos juntos vamos’ e vai empurrando com a barriga, vencendo do jeito que for, se for o caso. O que importa é vencer. Eu acho que não é só isso. (PEREIRA, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 16 jun. 2013)

¹²⁶ Segundo o calendário da Copa do Mundo Fifa 2014, o início da competição. A seleção brasileira estreará às 17h, no Estádio Itaquerão ou Arena Corinthians (nome formal provisório), contra adversário ainda indefinido. Será o jogo 1 do Grupo A, válido pela primeira fase.

O discurso de Mauro Cezar Pereira neste segundo dia de *Linha de Passe* em período especial para a Copa das Confederações é a expressão inicial de uma forma de pensamento que irá se verificar desde então até o fim da competição, com ápice no programa pós-jogo contra o Uruguai. Nele há uma crítica direta ao estilo de Felipão, técnico brasileiro que se mostraria incomodado após aquela partida do dia 26 de junho. É válida a lembrança sobre o teor da posterior reclamação do treinador: “Eu quero que vocês saibam que tem uma televisão que joga contra o Brasil. E que só induz o árbitro a [interpretar] que o Neymar faz isso [faltas], que o time bate. Que mostra que eu jogo só assim. Está na hora de canalizar esforços para o Brasil, não contra o Brasil”.

No primeiro momento de análises relativas ao programa do dia 15 de junho e no trecho de Mauro Cezar Pereira em 16 de junho, estes foram os fatos e comentários relevantes para a construção do discurso que representa o perfil de cobertura jornalística do canal ESPN Brasil, objeto de análise neste trabalho e alvo de críticas por parte do treinador Luiz Felipe Scolari. No programa inicial observou-se como mote a insegurança dos jornalistas quanto ao desempenho que o time nacional poderia apresentar no torneio. No segundo, destacou-se a ideia de necessidade de evolução da seleção brasileira sobreposta a uma eventual conquista de título, em declaração do comentarista Mauro Cezar Pereira posteriormente reforçada por outros jornalistas da emissora.

8.3.2 – Brasil x México

A partida aconteceu em 19 de junho de 2013, às 16 horas, no Estádio Governador Plácido Castelo (Castelão), em Fortaleza, Ceará. Formaram a mesa de debates em São Paulo o apresentador Paulo Andrade e os comentaristas Leonardo Bertozzi, Mauro Cezar Pereira e José Trajano. Do nordeste, Juca Kfourir e Paulo Vinícius Coelho participaram ao vivo diretamente do hotel onde estava concentrada a seleção brasileira.

Quadro 4 – Notas para Brasil contra México

NOTAS ATUAÇÃO BRASIL	
JORNALISTA	NOTA
José Trajano	6
Leonardo Bertozzi	6
Mauro Cezar Pereira	5,75
Paulo Andrade	5,75
Paulo Vinícius Coelho	6
Juca Kfourir	7,75
Média	6,20

Fonte: Programa Linha de Passe – Mesa Redonda, ESPN Brasil.

Antes do jogo começar havia expectativa sobre o modo como o Brasil iria se comportar. Desde a gestão técnica de Mano Menezes o time passou a ter como característica a marcação sob pressão no início dos jogos¹²⁷. A estratégia visava encurralar o adversário no seu campo de defesa para, em um eventual erro rival, partir com a bola em direção ao gol. Este estilo de jogo não é fácil de ser empregado pois exige muito vigor físico dos jogadores, que em uma competição oficial da Fifa quase sempre apresentam-se já cansados por efeito das temporadas de seus clubes. Mesmo assim o técnico Luiz Felipe Scolari manteve a tática e aprimorou-a nos treinamentos por ele conduzidos antes da Copa das Confederações¹²⁸. Foi dessa forma que o time começou a vencer a primeira partida da competição, contra o Japão, logo nos minutos iniciais.

Na disputa contra o México, além da desconfiança causada pela incerteza a respeito do entrosamento do time montado por Felipão e da dúvida sobre a consistência do

¹²⁷ Disponível em: http://www.espn.com.br/post/200306_a-maior-mudanca-proposta-por-mano-menezes-a-marcacao-por-pressao?tag=_pauloviniciuscoelho. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹²⁸ Disponível em: http://www.cnews.com.br/cnews/esportes/34974/selecao_treina_marcacao_sob_pressao_e_cruzamentos. Acesso em: 5 nov. 2013.

resultado contra a seleção japonesa, cujos atletas teriam jogado abaixo de sua capacidade física, pesava à análise dos comentaristas o fato de a seleção latino-americana ser um dos adversários que mais dificultaram os desempenhos da seleção brasileira no século XXI. Desde 2001 as equipes principais dos dois países haviam se enfrentado onze vezes. De acordo com levantamento do site *Lancenet*¹²⁹, entre amistosos e partidas oficiais foram seis vitórias mexicanas e três brasileiras. Entretanto, a mais recente derrota do time brasileiro para o chamado “algoz do século” não estava naquela conta. Em agosto de 2012, na decisão do futebol nos Jogos Olímpicos de Londres, a seleção brasileira, até então invicta no torneio, perdeu para a seleção mexicana por 2 a 1 e ficou com o segundo lugar no pódio¹³⁰. A equipe olímpica não é considerada como seleção principal devido ao limite de idade (23 anos) da maior parte dos integrantes do time (são permitidas três exceções). Por isso a derrota marcante¹³¹ não consta na lista de jogos entre Brasil e México depois do ano 2000.

No duelo válido pela segunda rodada da fase de grupos da Copa das Confederações 2013, o time de Felipão venceu a seleção mexicana pelo placar de 2 a 0 e se classificou antecipadamente à fase semifinal, embora com dificuldades. De acordo com a entrevista do treinador após o jogo contra a seleção japonesa, a responsabilidade de romper o estigma do México como grande adversário em tempos modernos foi um discurso presente na preparação psicológica da equipe brasileira.

Eles [mexicanos] vêm complicando a vida da gente há sete, oito, dez anos. O México é uma pedra no nosso sapato há muito tempo. E temos que tirar essa pedra já na quarta-feira, com uma possível classificação. Evoluímos taticamente e, se continuarmos equilibrados na questão tática como hoje, poderemos enfrentar e vencer qualquer adversário. (SCOLARI, 2013)¹³²

¹²⁹ Disponível em:

http://www.lancenet.com.br/selecao/Numeros-mostram-freguesia-brasileira-Mexico_0_939506204.html. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹³⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/falhas-fatais-atrapalham-e-brasil-termina-garimpo-com-outra-prata.html>. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹³¹ Marcante porque mais uma vez a delegação brasileira não conseguiu conquistar o desejado ouro olímpico da modalidade, um importante título que não está no rol de conquistas da seleção brasileira. Assim como em 1984, em Los Angeles, e em 1988, em Seul, a seleção brasileira ficou com o vice-campeonato olímpico. O país ainda tem duas medalhas de bronze, em 1996, em Atlanta, e 2008, em Pequim.

¹³² Disponível em: <http://oglobo.globo.com/copa-das-confederacoes/felipao-elogia-evolucao-tatica-ct-dos-bombeiros-jo-fred-luiz-gustavo-8702453>. Acesso em: 5 nov. 2013.

Com gol marcado logo no início da partida, dessa vez aos nove minutos, a seleção brasileira poderia encaminhar uma vitória fácil e uma exibição tranquila, como na primeira partida da competição. Mas ainda que a seleção mexicana não tenha feito gols, o que se viu no Estádio Castelão foi uma vitória conquistada com esforço. De acordo com a crônica do jogo do site globoesporte.com, o auxílio da torcida foi preponderante para alcançar o feito. “O Brasil apelou. Burlou as regras. Usou mais de 50 mil pessoas para vencer apenas 11 mexicanos, por 2 a 0. [...] Eles apoiaram, tabelaram, deram o gás necessário a uma equipe que ainda comete falhas”.¹³³

Para Juca Kfourri, no *Linha de Passe* realizado após a partida, além das limitações do time brasileiro, a seleção mexicana “valorizou a vitória” – expressão utilizada no meio esportivo quando uma equipe adversária dificulta o desempenho do time vitorioso – fazendo jus à fama de “pedra no sapato” da seleção brasileira, como disse Felipão. Prova disto é que o gol que confirmou a vitória foi marcado aos 48 minutos do segundo tempo, pelo centroavante Jô, após jogada de habilidade do atacante Neymar.

O México jogou muito mais hoje do que jogou contra a Itália. Não é que jogou um pouco mais, jogou muito mais. O Brasil teve problemas, principalmente porque o brasileiro do México¹³⁴, estava numa tarde quase tão infernal como estava o Neymar. (KFOURI, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 19 jun. 2013)

A performance do principal jogador brasileiro na atualidade foi ressaltada com unanimidade pelos comentaristas de *Linha de Passe* e recebeu destaque pela imprensa esportiva nas repercussões pós-jogo. Os sites globoesporte.com¹³⁵ e Portal da Copa¹³⁶, do Governo Federal, definiram a atuação de Neymar como um

¹³³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/19-06-2013/brasil-mexico.html>. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹³⁴ Referência ao jogador mexicano Giovani dos Santos. O atleta é filho do ex-futebolista Geraldo Francisco dos Santos, conhecido como Zizinho. Geraldo nasceu no Brasil e começou sua carreira profissional no São Paulo Futebol Clube. Em 1980, aos 18 anos, foi jogar pelo time América do México. Naquele país construiu a maior parte de sua trajetória no esporte, adquirindo até mesmo a nacionalidade mexicana. Zizinho possui três filhos futebolistas, todos nascidos no México. Um deles é Giovani dos Santos, atleta do Villarreal, da Espanha, a quem Juca Kfourri chamou de “o brasileiro do México”, em referência à sua ascendência. (Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/copa-confederacoes/copa-das-confederacoes-mexicano-giovani-dos-santos-filho-de-ex-jogador-brasileiro-fara-primeira-partida-no-maracana-8697841.html>. Acesso em: 5 nov. 2013).

¹³⁵ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/19-06-2013/brasil-mexico.html>. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹³⁶ Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/neymar-brilha-e-brasil-vence-o-mexico-em-fortaleza>. Acesso em: 5 nov. 2013.

show. *Lancenet*¹³⁷ destacou o brilho do jogador naquela que definiu como sua melhor partida pela seleção. O diário espanhol *AS*¹³⁸ estampou que o Brasil vive do “gênio de Neymar”, realçando a importância do desempenho individual do atleta para os resultados do time.

O jornalista Mauro Cezar Pereira destacou durante *Linha de Passe* que em uma exibição coletiva fraca, a grande notícia para o torcedor brasileiro na partida contra o México foi a atuação “espetacular” de Neymar. Para ele, é óbvia a dependência do bom futebol deste protagonista da seleção brasileira à conquista de objetivos por parte da equipe. “É o cara que pode mudar alguma coisa no destino desse time” (PEREIRA, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 19 jun. 2013).

José Trajano identificou a mesma relação entre Neymar e seleção brasileira, mas interpretou tal dependência em conotação negativa. O jornalista comparou o desempenho do time brasileiro contra o México a recorrentes atuações da equipe do Santos, clube pelo qual jogou Neymar. Ali o atleta estava em patamar técnico visivelmente muito superior a seus companheiros.

Sabe o que me lembrou a seleção brasileira? Me lembrou o time do Santos dirigido pelo Muricy, quando a gente falava que era Neymar-dependência. Hoje o Neymar teve uma atuação sensacional, fez um golão, podia ter feito um segundo golão e aquela jogada do gol do Jô é antológica. E o time ficou dependente do Neymar, porque o restante [...] todo mundo começou bem, mas depois o meio de campo não existiu. O Oscar desapareceu, o meio de campo com Luiz Gustavo e Paulinho não faz a ligação direito da defesa com o ataque e o meio. O Fred sumido, o Hulk mal. Foi uma seleção que – nós falávamos de evolução – involuiu. (TRAJANO, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 19 jun. 2013)

A partir da avaliação de José Trajano, o debate entre os comentaristas passou a ser se o time teria retrocedido ou permanecido no mesmo nível de atuação apresentado contra o Japão. Leonardo Bertozzi concordou com as observações de Trajano, atribuindo inclusive a mesma nota ao desempenho coletivo dos jogadores. Entretanto, considerou que a seleção brasileira permaneceu no mesmo patamar, sem crescimento, mas sem retrocesso.

¹³⁷ Disponível em:
http://www.lancenet.com.br/selecao/Neymar-brilha-Brasil-Mexico-semifinal_0_940706066.html.
 Acesso em: 5 nov. 2013.

¹³⁸ Disponível em: http://futbol.as.com/futbol/2013/06/19/seleccion/1371665960_767984.html. Acesso em: 5 nov. 2013.

Vou acompanhar o Trajano na nota. Acho, inclusive, a observação do Santos muito pertinente. Eu pensei isso muitas vezes durante o jogo. A gente não vê nada enquanto a bola não chegar no Neymar. É o Oscar voltando, tentando buscar jogo, quase alinhado com o Paulinho e um buraco gigantesco no meio campo. A bola praticamente não chegando ao Fred que, no começo, fazia questão de vir buscar, depois largou pra lá. Então, pra mim é um seis. A aprovação, e apenas a aprovação, de um time que não mostrou nenhuma evolução com relação à estreia. (BERTOZZI, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 19 jun. 2013)

Paulo Vinícius Coelho foi outro a concordar com a nota de Trajano, mas discordar do termo “involução”. O comentarista citou o texto que acabara de escrever para sua coluna na *Folha de São Paulo*, a ser publicada no dia seguinte, para expor sua opinião. “O primeiro título era: Piorou. Aí eu achei que tinha exagerado. Então eu coloquei: Estacionou. Eu acho que é mais justo. Porque não evoluiu, o próprio Felipão falou isso na coletiva. Acho que é este o ponto” (PVC, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 19 jun. 2013)

Mesmo considerando que não houve retrocesso, PVC atribuiu nota seis à atuação perante a seleção do México, pontuação menor que a dada por ele após o jogo contra os japoneses. Mauro Cezar Pereira concordou com o termo “estacionou”, proposto por Paulo Vinícius Coelho, mas repetiu o efeito estático à pontuação relativa ao jogo anterior, mantendo os 5,75 para a avaliação contra os mexicanos.

Juca Kfourri divergiu das opiniões anteriores e conferiu a maior pontuação à seleção brasileira entre os participantes do programa, 7,75. Segundo sua avaliação, nem todas as boas jogadas dependeram exclusivamente de Neymar. Para exemplificar, o jornalista citou a construção do lance do primeiro gol, a partir de “uma brilhante jogada de triangulação entre o Hulk, Paulinho e o Daniel Alves” (KFOURI, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 19 jun. 2013).

Diferentemente do que aconteceu na maior parte das avaliações ao camisa dez da seleção brasileira na imprensa esportiva, Neymar não foi apenas elogiado no *Linha de Passe* após a segunda partida da fase de grupos da Copa das Confederações 2013. E, neste sentido, a crítica feita à atuação do atleta é representativa para a construção do discurso que se tornou uma das marcas registradas do programa da ESPN Brasil durante a competição. Nela o comentarista José Trajano ressaltou que, a despeito de sua habilidade, Neymar estava cometendo faltas de forma recorrente em suas últimas exhibições pela seleção brasileira.

Na medida em que o Neymar faz uma exibição de gala: ele fez um golão de primeira, como já tinha feito da outra vez, quase faz um outro, também golão; a jogada do segundo gol é brilhante; procurou o jogo. O Neymar só me chamou a atenção [em um aspecto negativo], se ele pode ter alguma coisa negativa depois de uma atuação tão boa: o número de faltas que o tem cometido. O Neymar, talvez, se a gente tiver uma estatística aí, é o jogador mais faltoso da seleção brasileira. Na recuperação da bola, no primeiro tempo ele tinha feito quatro, pra levar um cartão amarelo a qualquer momento, não custa. (TRAJANO, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 19 jun. 2013)

Na edição de *Linha de Passe* do dia 19 de junho o assunto “número de faltas de Neymar” foi apenas mencionado. Mas a sugestão de Trajano pela procura de estatísticas foi levada adiante. A partir do jogo seguinte, contra a Itália, ainda pela fase de grupos do torneio, o tema passa a ser abordado de forma mais incisiva pelos jornalistas do programa. Daí em diante foram expostos os índices de jogos (chamados no jargão esportivo de *Scout*¹³⁹), produzidos por sites especializados, revelando o número aparentemente excessivo de faltas cometidas pela equipe de Felipão.

Com base nesses dados, o método de trabalho do treinador da seleção brasileira passa a ser criticado nos programas, principalmente pelo jornalista Mauro Cezar Pereira, que já havia exposto sua discordância quanto ao estilo do treinador no programa do dia 16 de junho. Antes mesmo do fim da competição, o técnico Luiz Felipe Scolari demonstra publicamente sua insatisfação quanto a abordagem dos comentaristas e acusa a ESPN Brasil de jogar contra o time por ele dirigido. Para o treinador, a divulgação destes dados induz os árbitros a agirem de forma diferenciada em jogos da seleção brasileira, sobretudo nas interpretações de lances de falta protagonizados por Neymar.

¹³⁹ O termo em inglês *scout* pode ser entendido como explorar. No esporte, o trabalho de *Scout* é feito justamente no sentido de explorar as possibilidades das equipes analisadas, encontrando pontos fortes e fracos nas mesmas. Com as informações contidas nestas análises, é possível formar bases de dados a respeito dos desempenhos dos competidores. Estes dados podem ser utilizados por uma comissão técnica para aperfeiçoar os treinamentos ou, segundo Garganta (1996 apud ROSE JR, 2002, p. 3), para detectar as características e estilos de jogo das equipes adversárias, no sentido de explorar seus pontos fracos e contrariar suas dimensões fortes.

8.3.3 – Brasil x Itália

A partida aconteceu em 22 de junho de 2013, às 16 horas, no Complexo Esportivo Cultural Octávio Mangabeira (Arena Fonte Nova), em Salvador, Bahia. Formaram a mesa de debates em São Paulo o apresentador Paulo Andrade e os comentaristas Antero Greco e Mauro Cezar Pereira. Do nordeste, Juca Kfourir e Paulo Vinícius Coelho participaram ao vivo diretamente do hotel onde estava concentrada a seleção brasileira. Inclusive, Fred, atacante da seleção e principal destaque no jogo, participou de parte da transmissão de *Linha de Passe*, sendo entrevistado por Kfourir e PVC, com participação do repórter André Plihal.

Quadro 5 – Notas para Brasil contra Itália

NOTAS ATUAÇÃO BRASIL	
JORNALISTA	NOTA
Antero Greco	8
Mauro Cezar Pereira	6,75
Paulo Andrade	7,5
Paulo Vinícius Coelho	8
Juca Kfourir	8,25
Média	7,7

Fonte: Programa Linha de Passe – Mesa Redonda, ESPN Brasil.

Um jogo que o fã de esporte não gostaria que acabasse. Esta foi a definição de Juca Kfourir para o duelo em que o Brasil venceu a Itália por 4 a 2, pelo último compromisso da fase de grupos da Copa das Confederações 2013. A crônica do jogo de globoesporte.com narrou que os times não encantaram a torcida do ponto de vista técnico, mas apimentaram a partida com demonstrações de raça capazes de tornar o jogo emocionante¹⁴⁰. A impressão positiva deixada pelo time vitorioso se refletiu no Quadro de Notas acima, em que a média alcançada pela seleção brasileira foi a maior até então.

Mesmo Mauro Cezar Pereira, que atribuiu a pontuação mais baixa entre os comentaristas, considerou a vitória sobre a *Squadra Azzurra* – epíteto da seleção italiana – como o melhor jogo realizado pelo time brasileiro. Se contra o México o destaque era todo de Neymar, agora os personagens se multiplicaram. Fred, autor de dois gols após três jogos sem marcar e o árbitro da partida, o uzbeque Rashvan

¹⁴⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/22-06-2013/brasil-italia.html>. Acesso em: 5 nov. 2013.

Irmatov, se sobressaíram na partida que teve como palco mais uma capital da quente região nordeste.

Segundo Juca Kfourri, o jogo contra os italianos mereceu uma avaliação diferente em relação à partida anterior, porque contra os mexicanos os fatores extracampo fizeram com que a seleção brasileira jogasse sob uma forma de pressão. Contra a Itália o time já estava classificado à fase semifinal, logo, mais tranquilo. Além disso, se havia pressão, estava do lado dos adversários.

Contra o México, eu acho que tinha alguma coisa atravessada. Tinha uma coisa atravessada não apenas pelo fato de ter ganho a medalha de ouro em Londres, mas pelo fato de estar em vantagem neste século contra a seleção brasileira. Por isso que eu não achei que houve nem um estacionamento. Eu achei que houve uma pequena evolução. Porque eu acho que o time ali estava jogando um jogo diferente. Estava dizendo: 'Olha, nós precisamos voltar a nos impor diante destes caras'. Mostrar: 'Ó, vocês são o México, nós somos Brasil'. Hoje não tinha este complexo. Se alguém tem complexo, embora Sarriá¹⁴¹, são os italianos, que perderam duas finais de Copa pra nós. (KFOURI, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 22 jun. 2013)

Além do possível receio, os italianos teriam de enfrentar temperaturas na casa dos trinta graus¹⁴². Antes do jogo contra o Brasil os italianos já haviam se queixado do calor e da alta umidade na partida anterior, realizada contra o Japão no dia 19 de junho, às 19 horas, em Recife. Naquelas condições a temperatura máxima registrada foi de 25°C¹⁴³. A *Azzurra* venceu pelo placar de 4 a 3, mas após o jogo, o treinador Cesare Prandelli e atletas como os meio-campistas Montolivo e De Rossi reclamaram das condições climáticas. Ao portal Terra¹⁴⁴, De Rossi afirmou ter sido aquela partida a mais difícil de sua vida: “Após sessenta minutos parecia que

¹⁴¹ Referência à derrota sofrida pela seleção brasileira frente à equipe italiana em 1982, pelo placar de 3 a 2. O resultado eliminou a equipe brasileira da Copa do Mundo daquele ano, realizada na Espanha. Sarriá era o nome do estádio em que ocorreu o fatídico jogo. Mais que uma derrota comum, o episódio entrou para a história do futebol brasileiro como “Tragédia de Sarriá” ou “Desastre de Sarriá” porque naquele ano o time formado pelo técnico Telê Santana era grande favorito a conquistar o torneio, graças à qualidade de importantes jogadores como Zico, Sócrates, Junior, Cerezo e Falcão. Até hoje o elenco da seleção brasileira que disputou a Copa do Mundo de 1982 é vista como um dos maiores times de futebol já formados.

¹⁴² Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/copa-das-confederacoes/fonte-nova-se-veste-de-verde-amarelo-8783131>. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹⁴³ Disponível em:

<http://freemeteo.com/default.asp?pid=20&gid=3469058&sid=828981&la=18&lc=1&nDate=19/6/2013>. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹⁴⁴ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/italia/apos-pior-clima-da-vida-calor-vira-preocupacao-italiana-no-brasil,bbb55ecb5655f310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>. Acesso em: 5 nov. 2013.

tínhamos jogado duzentos”. Em matéria do globoesporte.com¹⁴⁵, o jogador também aparece queixando-se: “Nunca imaginei um clima desse, com esse horário, esse tipo de temperatura. Era uma coisa incrível. Sofremos bastante”.

Entretanto, no jogo contra o Brasil o foco sobre os assuntos climáticos foi desviado pelo ritmo da partida, pela ausência de De Rossi, suspenso, e pela atuação da arbitragem. No primeiro gol marcado pela seleção brasileira, o zagueiro Dante, autor da finalização, estava impedido. O lance de bola parada que originou o segundo tento brasileiro partiu de uma falta que, para o comentarista Mauro Cezar Pereira, não foi cometida. Na jogada do segundo gol da seleção italiana a confusão maior: Escanteio cobrado, tumulto na área, o atacante italiano Mario Balotelli sofre pênalti feito pelo volante brasileiro Luiz Gustavo. O árbitro Rashvan Irmatov apita a falta, mas permite que a jogada na área siga. Na sequência o zagueiro italiano Chiellini domina a bola livre – pois a defesa brasileira havia parado por causa da marcação de Irmatov – e chuta para o gol. O árbitro, ao invés de honrar a própria escolha pela marcação do pênalti, opta por validar o gol. A decisão gerou polêmica por parte do time brasileiro e repercutiu na análise de *Linha de Passe*.

Acho até que o Brasil mereceu vencer, esta é outra questão, mas quanto à arbitragem, foi muito ruim. O glorioso uzbeque é um árbitro já rodado, apitou vários jogos internacionais, não é um árbitro novato, que caiu do céu, mas foi muito mal. E nesse lance do pênalti foi bizarro. [...] A Itália fez o gol, mas se ele fizesse o certo, que era marcar o pênalti e não validar o gol do Chielinni, o Balottelli, que nunca perdeu pênalti na vida, teria uma grande chance de fazer o gol da Itália. Diferente da situação dos gols do Brasil, um gol em impedimento e uma falta que, pra mim, não aconteceu. (PEREIRA, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 22 jun. 2013)

O comentário a respeito da marcação de infração que originou o segundo gol brasileiro acentuou as críticas a respeito do estilo de jogo de Neymar. Além de um erro de arbitragem, Mauro Cezar Pereira considerou que o atacante “cavou” a falta – jargão utilizado no futebol para indicar que o jogador forçou a paralisação do jogo, quando, na realidade, o lance que justificaria a pausa não existiu ou não teve intensidade suficiente para desestabilizar o atleta. “Ele tomou oito faltas, cometeu seis. Foi o jogador mais faltoso do jogo e foi o que mais faltas sofreu. Não fossem as cavadas, talvez desse um empate” (PEREIRA, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 22 jun. 2013).

¹⁴⁵ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/italia/noticia/2013/06/cansados-apos-vitoria-sobre-o-japao-italianos-reclamam-do-calor-no-recife.html>. Acesso em: 5 nov. 2013.

Desde o início de sua carreira Neymar é rotulado como um jogador que simula faltas com frequência, o famoso “cai-cai”. Em sua defesa o atleta chegou a dizer que as simulações eram, em vários momentos, um mecanismo de defesa, pois seu porte físico poderia levá-lo a sofrer uma contusão verdadeira em jogadas mais ríspidas¹⁴⁶. Após a transferência para o futebol europeu, ao encerramento da Copa das Confederações, o atacante continuou a ser criticado pela atitude. Jogando o campeonato espanhol e a Liga dos Campeões pelo Barcelona, Neymar foi apontado como simulador de faltas por treinadores de times adversários como Valladolid, da Espanha, Chelsea, da Inglaterra¹⁴⁷ e Celtic, da Escócia¹⁴⁸. Na Europa, onde a visibilidade sobre os fatos que cercam o futebol é maior, o vice-presidente da Fifa Jim Boyce condenou em outubro de 2012 o jogador uruguaio Luis Suárez, do Liverpool, da Inglaterra, por tentar simular um pênalti em uma partida do campeonato inglês. Para Boyce, as simulações são tentativas de trapaça que têm se tornado um câncer no futebol¹⁴⁹.

Assim como foi ao fim da Copa das Confederações 2013 (média de seis por jogo)¹⁵⁰, na temporada 2013/2014 do campeonato espanhol Neymar tem sido o jogador que mais sofre faltas (média de 4,4 por jogo)¹⁵¹. Na competição entre seleções o camisa dez brasileiro também foi o segundo que mais faltas cometeu (média de 3,6 por jogo). No jogo contra a Itália se envolveu em um lance com o lateral-direito Abate em que o adversário saiu contundido após chocar-se contra o gramado. Era a terceira falta de Neymar aos 29 minutos do primeiro tempo. Ele recebeu cartão amarelo. Para Mauro Cezar Pereira o afobamento do jovem atacante nas jogadas pode ser uma explicação para o perfil faltoso.

¹⁴⁶ Disponível em: <http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/07/18/com-fama-de-cai-cai-ney-mar-confessa-que-se-joga-contra-rivais-maldosos-nao-sou-nenhum-fortao.htm>. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹⁴⁷ Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/360817_jornais-espanhois-repercutem-criticas-de-mourinho-ao-estilo-cai-cai-de-ney-mar. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹⁴⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/liga-dos-campeoes/noticia/2013/10/tecnico-do-celtic-reclama-de-ney-mar-exagera-em-coisas-que-sao-pequenas.html>. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹⁴⁹ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/Fifa-simulacao-tornando-cancer-futebol_0_789521097.html. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹⁵⁰ Disponível em: <http://www.footstats.net/campeonatos/copa-das-confederacoes-de-2013/estatisticas/>. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹⁵¹ Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/espanha/chamado-de-cai-cai-ney-mar-e-quem-mais-recebe-faltas-na-espanha>. Acesso em: 5 nov. 2013.

[...] Neymar [é] um jogador que até pela necessidade de participar mais do jogo, de marcar, às vezes passa um pouco do ponto, faz algumas faltas mais duras. [...] Quem saiu do jogo foi o Abate numa falta do Neymar. Se acontece o contrário, é um Deus nos acuda. Mas eu acho que tem um ponto positivo aí, que é o Neymar tentar participar mais do jogo, como um jogador que tem que brigar pela recuperação da posse de bola. Ainda tem gente que compara às vezes Neymar com Robinho, o que eu acho um absurdo. Mas o Robinho, entre virtudes e defeitos, sempre teve uma virtude: é um bom ladrão de bola. Sempre foi um jogador que quando recompõe o meio campo, vai lá e toma a bola, participa do jogo. O Neymar, aprendendo a fazer bem isso, o que ainda não sabe – ficou claro hoje – vai ficar ainda melhor, porque o talento sobra pra ele. (PEREIRA, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 22 jun. 2013)

Outro destaque da partida, o artilheiro Fred, autor de dois dos quatro gols, transitava pelo hotel de onde era realizada a transmissão a partir da cidade de Salvador e foi convidado a participar de *Linha de Passe* ao lado de Juca Kfoury e Paulo Vinícius Coelho. Fred respondeu a perguntas e, na maioria das respostas, chamou a atenção o fato de o jogador mencionar o trabalho tático, técnico e motivacional realizado pelo treinador Luiz Felipe Scolari junto à seleção. Embora os questionamentos não indicassem um modelo de resposta pré-definido, Fred deixou transparecer em seu discurso a vontade de fazer referências positivas a Felipão.

Sobre os hábitos dos jogadores na concentração, por exemplo, o atacante ressaltou um detalhe que, segundo ele, normalmente não faria diferença, mas que favorece o clima amistoso entre os profissionais. “Todo mundo só começa a comer quando todos estiverem na mesa e o capitão falar que está liberado. O Felipão elogiou isso, o Felipão gosta disso. O Felipão dá moral pro grupo inteiro, trata todo mundo da mesma forma” (FRED, 2013). A frase proferida por um comandado de Scolari auxilia a compreender o estilo de liderança do treinador, que parece prezar valores tradicionais. Em maio de 2013, matéria da *Revista Veja*¹⁵² se referiu ao comandante da seleção como teimoso, inflexível, sargentão e autoritário. Normalmente restrito e protocolar – às vezes rude¹⁵³ – na relação com os jornalistas esportivos, o treinador, mesmo como pessoa pública, deixa muito da interpretação de seu trabalho e escolhas à especulação. Neste sentido a entrevista casual de Fred após a vitória contra a Itália é importante para compreender o perfil do treinador, que afirmou desejar um jornalismo esportivo que jogue a favor da seleção por ele dirigida.

¹⁵² Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/felipao-um-conservador-que-gosta-de-viver-perigosamente>. Acesso em: 5 nov. 2013.

¹⁵³ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/felipao-se-irrita-com-pergunta-sobre-diego-costa-em-coletiva-10615231>. Acesso em 6. Nov. 2013.

A partir do próximo subtópico, que aborda as considerações pós-jogo entre as seleções brasileira e uruguaia, as divergências entre as opiniões do jornalista Mauro Cezar Pereira e os métodos de trabalho do treinador Luiz Felipe Scolari passam a ficar mais evidentes. Em parte isto acontece por motivação da entrevista coletiva de Felipão após a partida, na qual o técnico questiona a utilização de estatísticas para a divulgação da informação sobre o número de faltas cometidas por Neymar. Entretanto, além dos trechos mencionados até o presente momento desta análise, no programa do dia 22 de junho, pós-jogo entre as seleções brasileira e italiana, também é possível perceber ironia no comentário de Mauro Cezar Pereira sobre a capacidade do trabalho do treinador.

Não foi um jogo perfeito, nem perto disso, evidente. Nem acho que pode haver este tipo de expectativa. Acho que não estamos aqui à espera do jogo perfeito. Acho que vai uma distância muito grande entre o que esta equipe sob o comando do Felipão pode apresentar e a perfeição ou algo próximo disso, evidentemente. Mas acho que foi um bom jogo. (PEREIRA, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 22 jun. 2013)

O jornalista intensificou as críticas e o uso de estatísticas e retrospectos para a defesa de seu ponto de vista a partir da edição de *Linha de Passe* de 23 de junho. Um dia após a vitória da seleção brasileira por 4 a 2, Mauro Cezar Pereira mostrou-se impressionado com a quantidade de torcedores e jornalistas eufóricos pelo resultado da partida. Apoiado em resultados anteriores alcançados pela seleção brasileira em competições oficiais porém não principais (o objetivo principal seria a Copa do Mundo), o comentarista tentou alertar os espectadores quanto a uma possível festa antecipada. Em seu discurso Pereira ironizou novamente o trabalho de um treinador de seleção, desta vez Carlos Alberto Parreira, atual coordenador-técnico da delegação brasileira.

Eu quero lembrar que a Copa das Confederações é uma competição muito traiçoeira, porque ela prega algumas peças. Vou lembrar o que aconteceu em 2005, naquela vitória do Brasil, 4 a 1 sobre a Argentina, que deixou uma sensação de que o Brasil era imbatível. Não só aqui no país, no exterior também, acreditaram que o time do Parreira – como se fosse possível um time com o Parreira se tornar imbatível, mas enfim – as pessoas acreditaram nisso. A Argentina jogou com 4 jogadores que foram titulares um ano depois quando a seleção estreou na Copa do Mundo. Também não foi longe, caiu diante da Alemanha, mas era um time da Argentina bem diferente daquele que viria a disputar o Mundial, com alguns jogadores que passaram e não renderam. Ou seja, não era uma Argentina tão titular assim, pelo contrário, longe disso. Mas a vitória foi uma vitória marcante, histórica, maiúscula, por ser uma decisão e pelo placar de 4 a 1. E na Copa

passada, das Confederações, quando o Brasil venceu a poderosa seleção dos Estados Unidos, que ganhou um rótulo de time perigoso porque havia eliminado a Espanha – zebras acontecem. [...] Um ano depois a Espanha foi campeã e o Brasil ficou pelo caminho, eliminado pela Holanda, como tinha sido eliminado pela França na outra Copa do Mundo. Então acho que a gente não pode esquecer essas histórias recentes. É importante lembrar. O que acontecer nessa Copa das Confederações, de positivo para o Brasil, ganhando a competição, ou não, sinceramente, acho que não tem quase nenhuma relação com aquilo que vai acontecer daqui a um ano, quando teremos a competição que realmente importa, que é o Mundial 2014. (PEREIRA, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 23 jun. 2013)

No programa do dia 24 de junho, Mauro Cezar Pereira repercutiu um trecho da entrevista do goleiro da seleção brasileira Júlio César concedida na tarde daquele mesmo dia. Ao responder uma pergunta da repórter Marluci Martins, do Jornal Extra, a respeito da relação entre número de faltas cometidas pelo time na Copa das Confederações (até o momento eram sessenta e sete, dado que colocava a seleção brasileira como a mais faltosa da competição) e o sistema de jogo de marcação sob pressão, o arqueiro informou que as infrações eram feitas por orientação do treinador.

Em relação às faltas, vejo isso como uma coisa positiva. Porque desde a entrada do Felipão na seleção brasileira, nos jogos anteriores, nos amistosos, acabamos sofrendo gols em contra-ataque. E uma coisa que ele pedia pra gente era pra parar a jogada. Não em uma jogada violenta, enfim, mas aquelas jogadas para o time se armar de novo, se posicionar taticamente, e eu acho que a gente vem obtendo sucesso em relação a isso. (CÉSAR, 2013)¹⁵⁴

Para Mauro Cezar Pereira, as faltas cometidas com intuito de parar jogadas constituem uma estratégia antiga e manjada no futebol. De acordo com o comentarista, não são poucos os técnicos que utilizam a tática – a maioria deles, inclusive, dirigem equipes limitadas tecnicamente. O que chama a atenção, segundo a análise de Pereira, é o contexto específico de o expediente ser empregado por um treinador de seleção brasileira, que tem a prerrogativa de escolher para o seu time os melhores jogadores do país. Fato que teoricamente lhe daria um elenco com possibilidades de desenvolver um estilo de jogo que não necessitasse do uso de infrações contra o adversário. Para fortalecer sua tese, o jornalista comparou a média de faltas da seleção brasileira (22,3 por jogo) e da seleção espanhola, atual campeã do mundo (10,6).

¹⁵⁴ Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/338406_julio-cesar-diz-que-felipao-e-quem-pede-para-time-fazer-faltas. Acesso em: 5 nov. 2103.

Com o intuito de estabelecer uma conexão entre esta principal característica observada pela imprensa no time brasileiro até então e o estilo de jogo empregado por Felipão em seus trabalhos, Mauro Cezar Pereira preparou um apanhado de informações baseadas, sobretudo, na experiência profissional imediatamente anterior à seleção vivida pelo técnico, à frente da equipe do Palmeiras, entre 2010 e 2012.

Eu fui buscar alguns números dos times recentes do Luiz Felipe Scolari e é interessante: o time dele só anda quando faz muitas faltas. Por exemplo, no campeonato brasileiro de 2011, o Palmeiras ficou em 11º, no meio da tabela, foi o terceiro mais faltoso. Pro time que tinha, não dava pra arrumar coisa melhor. No ano seguinte, o Palmeiras ficou em 11º no ranking das faltas, quando ele saiu era essa a posição, e foi rebaixado à segunda divisão – já estava na zona de rebaixamento quando ele saiu. Meses antes, na Copa do Brasil, o Palmeiras foi disparado o time mais faltoso da competição, e foi campeão. Ou seja, a falta para parar o jogo faz parte do repertório do Luiz Felipe Scolari, isso não é nenhuma novidade, os times dele são assim há muito tempo. Talvez, fazendo uma profunda pesquisa, alguém vá encontrar um time aqui ou outro ali que fazia menos faltas. É possível, mas a marca registrada dele é essa. É por essas e outras que eu sou alguém que tem uma resistência muito grande com relação ao trabalho do Felipão. Eu acho que são métodos antigos, é um repertório que não se alterou com o passar do tempo – isso não tem nenhuma relação com idade, porque o técnico Jupp Heynckes é três anos mais velho que ele e montou um time muito moderno que ganhou tudo esse ano, que foi o Bayern de Munique. (PEREIRA, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 24 jun. 2013)

Paulo Vinícius Coelho é defensor da paciência como instrumento de análise da seleção brasileira, por confiar que a mesma está em processo de evolução e não irá apresentar o estilo de jogo observado na Copa das Confederações no futuro. Ele concordou que as faltas táticas, não-violentas, feitas para interromper contra-ataques, são atributo do trabalho de Felipão, mas demonstrou acreditar que à frente da seleção esta seria uma situação momentânea. PVC citou o exemplo espanhol, assim como Mauro Cezar Pereira, e lembrou características da seleção dirigida por Scolari em 2002 para justificar seu ponto de vista.

A questão das faltas hoje tem um agravante, que é o fato de o time não estar inteiramente ajustado. A Espanha marca no ataque e faz menos faltas [...] À medida em que o time aprender a ocupar mais o espaço, a tomar bola cercando, vai diminuir a quantidade de faltas. [...] De 2001 para 2002, avançou aquele time de uma equipe que fazia mais faltas no começo, que fazia menos faltas e tomava mais bolas no ataque no final, e que fez o gol que abriu o caminho do título numa bola roubada no campo de ataque. (PVC, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 24 jun. 2013)

8.3.4 – Brasil x Uruguai

A partida aconteceu em 26 de junho de 2013, às 16 horas, no Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), em Belo Horizonte, Minas Gerais. Formaram a mesa de debates em São Paulo o apresentador Paulo Andrade e os comentaristas José Trajano, Mauro Cezar Pereira e Leonardo Bertozzi. De Minas, Paulo Cobos e Paulo Vinícius Coelho participaram ao vivo da transmissão. Juca Kfoury estava internado no Hospital Mater Dei, em Belo Horizonte, devido a um “pequeno acidente vascular”, como ele mesmo definiu em seu blog¹⁵⁵. Voltaria no pós-jogo da final contra a Espanha.

Quadro 6 – Notas para Brasil contra Uruguai

NOTAS ATUAÇÃO BRASIL	
JORNALISTA	NOTA
José Trajano	6
Leonardo Bertozzi	5,5
Mauro Cezar Pereira	5,75
Paulo Andrade	6,5
Paulo Vinícius Coelho	6
Paulo Cobos	6
Média	5,96

Fonte: Programa Linha de Passe – Mesa Redonda, ESPN Brasil.

Quantas emoções poderiam reservar um jogo entre as seleções de Brasil e Uruguai, em solo brasileiro, na fase eliminatória de uma competição prévia para a Copa do Mundo, sessenta e três anos depois de o time uruguaio ter provocado um dos episódios mais melindrosos do futebol brasileiro? Dizer que cada jogo na trajetória da seleção brasileira na Copa das Confederações teve um significado remetente a um momento histórico especial não seria exagero. O Japão pela própria estreia, sem desconsiderar entretanto a importância que grandes jogadores brasileiros, sobretudo Zico, tiveram no desenvolvimento do futebol naquele país¹⁵⁶. O México pela escrita a ser quebrada no século. A Itália pela rivalidade histórica. O Uruguai pela referida relação com um passado marcante do esporte no Brasil. A Espanha pela ansiedade do encontro entre a seleção dona do melhor futebol na atualidade e a maior campeã de todos os tempos, adiado desde 2009.

¹⁵⁵ Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2013/06/desfalque/>. Acesso em: 5 nov. 2013

¹⁵⁶ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/zico-o-pioneiro-o-futebol-ja-e-parte-da-cultura-japonesa>. Acesso em: 6 nov. 2013.

Mesmo com todos estes ingredientes, a vitória por 2 a 1 da seleção brasileira, sofrida e para alguns até heroica¹⁵⁷, que credenciou a equipe a disputar a final da competição no novo e sempre emblemático Maracanã não foi destacada pelos comentaristas de *Linha de Passe*. Visivelmente surpresos com a declaração de Luiz Felipe Scolari na coletiva de imprensa que sucedeu o jogo contra os uruguaios, e possivelmente preocupados com a saúde do companheiro Juca Kfourir, os jornalistas não conseguiram situar o desempenho da seleção em outro plano que não fosse um secundário.

As notas atribuídas foram protocolares e as avaliações sobre o desempenho de jogo da seleção foram mínimas. A média alcançada pela seleção brasileira, segundo os comentaristas, foi a menor entre os quatro jogos da competição. O peso do caráter eliminatório e da responsabilidade de se ganhar diante da torcida, com todo o contexto social de manifestações populares vigente e diante de um adversário emblemático como o Uruguai não foram considerados como atenuantes. Para José Trajano, a seleção retrocedeu, assim como em sua avaliação sobre a segunda partida, contra ao México. Em termos de nota, porém, foi como se a seleção voltasse a um estágio inferior ao inicial. Após o jogo contra a equipe japonesa Trajano atribuiu a mesma pontuação, seis. Contra o Uruguai, entretanto, considerou que o fator classificação à próxima fase concedeu um bônus ao time. Ou seja, nota por nota, a da partida semifinal terminaria sendo a menor de todas.

Paulo Cobos acompanhou Trajano na nota e avaliou que no tocante às atuações individuais apenas o lateral-esquerdo Marcelo, o goleiro Júlio Cesar, que defendeu um pênalti aos 14 minutos do primeiro tempo, e o volante Paulinho, autor do gol decisivo aos 40 minutos do segundo tempo, passariam de seis. O restante do time nem chegaria a isso. Paulo Vinícius Coelho, até então condescendente com oscilações apontadas pelos colegas em outras atuações da seleção também considerou que o time jogou mal e não ultrapassou a pontuação seis. Sua análise do jogo, porém, foi mais profunda em relação às exposições anteriores. Não quanto ao

¹⁵⁷ “Vitória heroica no fim do jogo” – Disponível em: <http://ceara2014.com/noticias/brasil-vence-uruguai-e-esta-na-final-da-copa-das-confederacoes/>. Acesso em: 5 nov. 2013.

“Momento heroico de Júlio César” – Disponível em:

<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/copa-das-confederacoes/conteudo.phtml?id=1385700>. Acesso em: 5 nov. 2013.

aspecto tático ou técnico, mas quanto à representatividade do resultado para a formação psicológica do time.

Acho que esse jogo tem um valor para a montagem deste time para o futuro. É um jogo que vai ser marco. Aliás, esta semana vai ser marcante. Se o time se estruturar – mesmo que não – essa semana é marcante. Ganhar da Itália de 4 a 2, ganhar do Uruguai um jogo que você jogou mal e no qual o Uruguai teve méritos, marcou muito forte. O Uruguai é um time muito bom. E depois pegar a Espanha, esta semana é muito importante para a estruturação da equipe. (PVC, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 26 jun. 2013)

A partir de então o programa foi dedicado a explicações sobre o fato que envolveu o protesto público de Luiz Felipe Scolari à prática jornalística da cobertura da seleção feita pelo canal ESPN Brasil. O primeiro esclarecimento que se buscou fazer foi a respeito da própria declaração, sobre o que exatamente tinha sido dito. Mauro Cezar Pereira afirmou àquela altura não saber exatamente o teor das críticas, a não ser pela matéria do portal Terra, cujo título informava “Irritado por faltas, Felipão ironiza e diz que TV torce contra a seleção”¹⁵⁸, que o jornalista citou no ar.

A publicação de Terra foi de fato uma das primeiras a relatarem o episódio ocorrido durante a entrevista coletiva do técnico após o jogo contra a seleção uruguaia. A notícia foi colocada online às 20h03, Scolari manifestou-se contra a ESPN Brasil às 18h52. No corpo da matéria, constam além das palavras utilizadas por Felipão em seu discurso, a apuração da equipe do portal para afirmar que o treinador se referia ao canal de TV por assinatura, uma vez que o técnico não fez referência nominal à emissora.

Munido de um pedaço de papel com estatísticas, Felipão interrompeu um jornalista que se preparava para fazer perguntas e reclamou. “Posse de bola: 65% para o Brasil e 35% para o Uruguai. Passes: 425 para o Brasil e 250 para o Uruguai. Finalizações: 19 a 10. Faltas. Faltas! [Vou falar mais uma vez, inclusive para aquele canal que diz que eu jogo só assim. Aqueles artistas.] 14 do Brasil e 24 – viu? – do adversário”, declarou o treinador, antes da crítica. “[Eu quero que vocês saibam que] Tem uma televisão que joga contra o Brasil. Que só induz o árbitro, que o Neymar faz isso. Que nosso time bate, isso e aquilo. É hora de canalizar esforços para o Brasil. E não contra o Brasil”, disse com um sorriso. Antes de pedir a palavra outra vez: “Não estou voltando a ser ignorante não, viu?”. Segundo a reportagem apurou, as críticas foram aos canais ESPN. (TERRA, 2013)

¹⁵⁸ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-das-confederacoes/irritado-por-faltas-felipao-ironiza-e-diz-que-tv-torce-contraselecao,8214688f3b28f310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>. Acesso em: 5 nov. 2013.

O texto de Terra terminava informando que, embora nesta oportunidade o adversário tivesse cometido, de fato, dez faltas a mais que a seleção brasileira, a equipe de Felipão era líder na competição em média de infrações por jogo (20,2), segundo o site especializado em *Scouts Footstats.com*. O Uruguai estava em segundo, com 18,2 faltas por jogo. Ou seja, houve uma indicação de que o técnico brasileiro foi oportunista ao tentar combater a imagem de equipe faltosa sustentada por seu time.

Paulo Vinícius Coelho esteve presente na entrevista coletiva do treinador em Minas Gerais e considerou que Felipão “foi infeliz demais” em sua declaração. PVC afirmou entender a intenção de Felipão, que teria se expressado de maneira equivocada ao tentar dizer que mostrar ao público os índices de faltas equivale a fortalecer o adversário e a arbitragem. “Evidentemente, ele está completamente errado. Embora eu ache que ele tenha o direito de se manifestar contra as críticas que recebe” (PVC, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 26 jun. 2013).

O comentarista Leonardo Bertozzi demonstrava ser o mais indignado com as declarações de Luiz Felipe Scolari entre os colegas de programa. Ele avaliou a atitude de Felipão como um retrocesso no pensamento sobre futebol e seleção nacional no Brasil. Comparou o discurso do técnico ao de personagens controversos que o antecederam no comando técnico recente da seleção, como Mário Jorge Lobo Zagallo (1998) e a dupla Dunga/Jorginho (2010). Estes últimos no episódio da convocação dos jogadores para a Copa do Mundo de 2010, quando Jorginho alterou seu tom de voz ao ser questionado pela imprensa sobre as ausências de Neymar e Paulo Henrique Ganso na lista de escolhidos ¹⁵⁹. Zagallo, em inúmeras oportunidades criticou o trabalho de jornalistas, especialmente em coletiva de imprensa após a derrota na final da Copa do Mundo de 1998 para a seleção francesa, quando se irritou com um jornalista que questionou a escalação do atacante Ronaldo na partida decisiva e vociferou contra todos: “Vocês devem muito a mim”¹⁶⁰.

Nada é jogar tão contra quanto dizer agora que está tudo ótimo, está tudo lindo porque o Brasil tem quatro vitórias em quatro jogos na Copa das

¹⁵⁹ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-do-mundo/2010/jorginho-da-quotchiliquequot-e-defende-ausencias-de-ganso-e-neymar,574a1f60090fd310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em 5 nov. 2013.

¹⁶⁰ Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI150373-17820,00.html>. Acesso em: 5 nov. 2013. Vídeo relacionado – Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=_rtM0F_5Z7c. Acesso em: 5 nov. 2013.

Confederações e que estaria pronto para ganhar a Copa do Mundo se ela fosse amanhã. Ninguém aqui tem que ter a intenção de jogar a favor ou contra, tem que ter a intenção de analisar e opinar, a gente tem que apontar falhas, tem que apontar o que pode melhorar. [...] O Felipão, ao defender a história do ‘tamo junto’, do ‘tamo todo mundo no mesmo barco, temos que remar a favor’, volta três anos no tempo. [...] Talvez ele mesmo tenha perdido a confiança em fazer a seleção brasileira ganhar jogando bem. Talvez ele prefira usar outras armas. As armas do ‘nós contra eles’, as armas do ‘estão contra nós, vamos mostrar uma coisa a eles’.

(BERTOZZI, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 26 jun. 2013)

José Trajano fez uso de uma definição atribuída ao jornalista, chargista e frasista brasileiro Millôr Fernandes: “Jornalismo é oposição, o resto é armazém de secos e molhados”, para enunciar, assim como Bertozzi, que o papel do jornalismo não era jogar a favor de nenhuma parte envolvida nas apurações. Para Trajano, há um problema no fato dos treinadores brasileiros em geral “confundirem seleção com pátria”. Baseado em texto escrito pelo médico, colunista da *Folha de São Paulo* e ex-jogador Tostão, o jornalista defendeu a liberdade de criticar que a atividade profissional pressupõe. Segundo Tostão, o olhar de um comentarista de futebol não deve ser o mesmo dos treinadores, buscando privilegiar o espetáculo e o jogo limpo¹⁶¹. Mas, de acordo com Trajano, se a relação se der com um destes treinadores que valorizam a ideia do “partido único”, não se pode chamar atenção para nada que não seja a favor do trabalho daquela comissão técnica.

O comentarista se mostrou incomodado pelo fato de as críticas dirigidas à abordagem do canal (fala-se em canal porque as estatísticas exibidas em *Linha de Passe* foram, eventualmente, reproduzidas em outros programas da emissora) serem contra a divulgação legítima de dados tidos como concretos e irrefutáveis.

O que mais aflige é que, se a gente aqui criticasse baseado no nada, poderia ser uma série de achismos. Daí falem mesmo: ‘Esses caras são contra mesmo, não são a favor, querem perturbar o trabalho’. Mas tudo o que foi dito aqui são informações que você encontra em qualquer site que analisa e que faz estatística de futebol. Essa que nós temos aqui é da Footstats, mas tem da própria Fifa também, tem da Conmebol. Então, ninguém inventou que o Neymar é o mais faltoso da Copa das Confederações, ninguém inventou que o Brasil faz mais de vinte faltas, em média, por partida, ninguém inventou que o Brasil tem 81 faltas em toda a Copa das Confederações. Ninguém inventou. E você, ao revelar estes números, não está fazendo o trabalho do inimigo, está prestando um favor ao seu assinante, ao seu leitor, a quem te paga, a quem te assiste. Ele toma isso como uma agressão. Como se você tivesse que esconder os

¹⁶¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2013/06/1301389-classico-sul-americano.shtml>. Acesso em: 6 nov. 2013.

números para estar servindo à pátria [...] Esse é o tipo de pensamento que me irrita, que eu não concordo. Então, nós vamos durante o programa mostrar várias estatísticas, só para deleite do Felipão, para ele ficar mais chateado ainda. Mas para o nosso fã do esporte tomar conhecimento das estatísticas da Copa das Confederações. (TRAJANO, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 26 jun. 2013)

Estas foram as mais relevantes considerações expostas pelos jornalistas de *Linha de Passe* acerca dos primeiros desdobramentos provocados pela reação do técnico Luiz Felipe Scolari aos métodos de cobertura da seleção brasileira pelo canal ESPN Brasil, ainda no dia 26 de junho. A análise detalhada do episódio e sua relação com os conteúdos detalhados ao longo desta monografia será desenvolvida no decorrer do capítulo 9 - *Jornalismo Esportivo*. Antes disso, o que se segue é a descrição do último programa especial *Linha de Passe* para a Copa das Confederações 2013, transmitido após a final entre as seleções brasileira e espanhola, na qual o time representante do país-sede sagrou-se campeão.

8.3.5 – Brasil x Espanha

A partida aconteceu em 30 de junho de 2013, às 19 horas, no Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã), na capital do Rio de Janeiro. Formaram a mesa de debates em São Paulo o apresentador Paulo Andrade e os comentaristas José Trajano, Mauro Cezar Pereira e Leonardo Bertozzi. Participaram ao vivo da transmissão, tendo como plano de fundo a fachada do reformado Maracanã, Juca Kfourir, recuperado de problema de saúde, e Paulo Vinícius Coelho. Do estúdio da ESPN no Rio de Janeiro, integrou o programa Eduardo Tironi, também comentarista.

Quadro 7 – Notas para Brasil contra Espanha

NOTAS ATUAÇÃO BRASIL	
JORNALISTA	NOTA
José Trajano	9
Leonardo Bertozzi	9
Mauro Cezar Pereira	8,5
Paulo Andrade	9,23
Paulo Vinícius Coelho	9
Juca Kfourir	9
Eduardo Tironi	9
Média	8,96

Fonte: Programa Linha de Passe – Mesa Redonda, ESPN Brasil.

Desde que começou a se formar a atual geração de jogadores da Espanha, um confronto decisivo entre as seleções brasileira e espanhola era esperado por grande parte dos aficionados por futebol e da imprensa esportiva. A expectativa era por um duelo que colocasse à prova a qualidade do elenco espanhol e comprovasse a capacidade de renovação de talentos da seleção brasileira, em decadência técnica desde a conquista da Copa do Mundo de 2002.

Historicamente o time brasileiro carrega consigo a tradição de formar boas equipes¹⁶². A Espanha possui desde 2008, ano em que conquistou a Eurocopa, um

¹⁶² As seleções campeãs de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002 possuíam times que entraram para a História não apenas pelas conquistas de Mundiais, também pelas qualidades individuais em suas equipes. Neste sentido, a seleção de 1982 também está inclusa no livro do jornalista Milton Leite, intitulado “As melhores seleções brasileiras de todos os tempos” (2010), mesmo não tendo vencido a Copa do Mundo daquele ano. Com alguma frequência, personagens relacionados ao futebol destacam uma destas equipes como a melhor seleção nacional já formada. Bobby Charlton e Beckenbauer, jogadores europeus das décadas de 1960 e 1970, referem-se ao time do tri como o melhor de todos os tempos (Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/poliesportiva/conteudo.phtml?id=1352351>. Acesso em: 6 nov. 2013). Já o treinador Carlos Alberto Parreira, escolheu a equipe de 1958 (Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/videos/parreira-cita-qual-foi-a-melhor-selecao-de-todos-os-tempos,459273.html> Acesso em: 6 nov. 2013).

time consistente, entrosado e que vem apresentando bom futebol. Nos últimos anos, a equipe espanhola foi considerada pela imprensa mundial como vacilante. Antes da Euro 2008 não havia conseguido engrenar um time que conquistasse títulos. Até 1990, o maior artilheiro da história da seleção espanhola era um atleta argentino, Alfredo di Stéfano¹⁶³, que marcou 23 gols em 31 jogos pela *Fúria* (alcunha da seleção espanhola). Além disso, apesar de contar com bons jogadores na atualidade, como Xavi, Iniesta, Casillas e Puyol, a seleção espanhola fracassou na Copa do Mundo de 2006, na Alemanha, quando era tida como uma das favoritas.

A derrota para a França na fase oitavas de final parece ter provocado mudanças no ânimo da equipe, que conquistou duas das três competições oficiais subsequentes que disputou (Eurocopa 2008, Copa das Confederações 2009 e Copa do Mundo 2010). Segundo matéria do portal UOL, após o primeiro título mundial da história da seleção espanhola, a *Fúria* superou o trauma de “amarelar” nas decisões¹⁶⁴. De acordo com texto do portal Terra¹⁶⁵, o título “foi a premiação para uma equipe de toques rápidos e envolventes, com um belo entrosamento e que tem jogadores de muito talento”. Desde a conquista que colocou a equipe espanhola no centro das atenções do futebol internacional, foi assim que a seleção passou a ser conhecida. Em entrevista ao site da Fifa¹⁶⁶, o ex-jogador da seleção inglesa Gary Lineker, que atuou nas décadas de 1980 e 1990, afirmou nunca ter visto uma seleção jogar como a *Fúria*.

Os espanhóis jogam aquele tipo de futebol em que todos sabemos que terão 70% da posse de bola em praticamente todas as partidas que disputarem. Eles criaram este estilo de jogo, que fez o futebol avançar. [...] Alguns estão tentando copiar isso, o que é excelente. Se conseguirmos fazer este estilo de futebol aflorar – o que poderia ser descrito como uma volta ao “jogo bonito” – será maravilhoso. (LINEKER, 2012)

¹⁶³ Di Stéfano defendeu três seleções nacionais em sua carreira, entre 1945 e 1966: da Argentina, da Colômbia e da Espanha. Nesta última, obteve mais sucesso. O jogador era famoso naquele país por ser ídolo do Real Madrid. Desde 2000, ocupa o cargo simbólico de presidente de honra do clube espanhol. (Disponível em: <http://pt.fifa.com/classicfootball/players/player=174499/index.html>. Acesso em: 6 nov. 2013).

¹⁶⁴ Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/07/11/campea-da-europa-e-do-mundo-espanha-fecha-ciclo-com-87-de-aproveitamento.jhtm> Acesso em: 6 nov. 2013.

¹⁶⁵ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-do-mundo/2010/espanha-vence-holanda-na-prorrogação-e-e-campea-pela-1-vez,fe7e9329da49a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 6 nov. 2013.

¹⁶⁶ Disponível em: <http://pt.fifa.com/worldfootball/news/newsid=1625004.html>. Acesso em: 6 nov. 2013.

Era esta Espanha aclamada pela crítica que a seleção brasileira enfrentaria na final da Copa das Confederações, em cumprimento ao favoritismo previsto no início da competição. Dentro de campo, entretanto, o jogo não representou o embate de duas grandes forças. A crônica de globoesporte.com¹⁶⁷ narrou que a seleção brasileira impôs seu futebol e não permitiu que a rival, até então invicta há 29 partidas, apresentasse sua renomada qualidade técnica. O placar final indicou 3 a 0 para os brasileiros, a partir de então detentores de quatro títulos da Copa das Confederações – o primeiro conquistado no Brasil. O fato de “jogar em casa” proporcionou ao time brasileiro vantagens significativas em relação aos rivais. Entre as principais podem ser apontadas a melhor adaptação às condições climáticas da região e o apoio massivo da torcida, dentro e fora do estádio, reiterado pelos comentaristas de *Linha de Passe*.

No programa do dia 21 de junho, após comentar polêmica declaração do coordenador-técnico da seleção Carlos Alberto Parreira sobre a relação entre futebol e política¹⁶⁸, Paulo Vinícius Coelho disse observar nos estádios o apoio do público à seleção, a despeito das manifestações sociais em curso no país durante o período da competição.

O público está separando o que é pedido contra a corrupção, o que é pedido pela educação, pedido contra os gastos excessivos para a Copa do Mundo, da seleção brasileira. [...] Tinha uma faixa, em Fortaleza, dizendo ‘Somos contra a corrupção, não contra a seleção’. Isso, de fato, está acontecendo. Tomara que dure até o final da Copa das Confederações. (PVC, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 30 jun. 2013)

De acordo com o relato do jornalista Eduardo Tironi após a partida decisiva entre as seleções brasileira e espanhola, em 30 de junho, o apoio popular não apenas foi mantido como se intensificou no fim do torneio.

Estava um clima [na cidade do Rio de Janeiro] que nesta Copa das Confederações não tinha acontecido ainda. Embora viesse crescendo – no primeiro jogo tinha gente com camisa, no amistoso contra a Inglaterra já teve – mas hoje era um clima diferente, especial. [...] Em que pese todas essas questões fora de campo, CBF, Fifa, os gastos da Copa, parece que a

¹⁶⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/30-06-2013/brasil-espanha.html>. Acesso em: 7 nov. 2013.

¹⁶⁸ De acordo com Parreira, futebol e política “não se misturam”. A afirmação é controvertida pela própria história do esporte no Brasil e no mundo, como relatado ao longo desta monografia. (Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-das-confederacoes/ficou-comprovado-que-futebol-e-politica-nao-se-misturam-diz-parreira,c7cb843c2726f310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 7 nov. 2013).

torcida deixou isso de fora e falou: ‘Essa seleção, esses caras aqui que estão jogando e essa camisa amarela a gente gosta’. E parece que houve uma retomada desse amor. (TIRONI, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 30 jun. 2013)

Juca Kfourri, presente ao estádio na final – mesmo sendo aconselhado por familiares a não comparecer, por conta de seu recente incidente clínico – demonstrou encantamento diante da exibição brasileira como um todo, tanto por parte dos atletas da seleção quanto dos torcedores. O jornalista ressaltou os gritos da torcida aclamando o time campeão e o fato de a seleção brasileira ter sido protagonista no “espetáculo de futebol em um Maracanã de encher os olhos”. O óbvio e esperado, segundo Kfourri, era de que tal papel fosse desempenhado pela seleção espanhola.

O Quadro de Notas no início deste capítulo não deixa dúvidas de que a apresentação da equipe brasileira foi bem avaliada. José Trajano, mesmo considerando-se alguém “muito crítico” durante a competição, afirmou que após o resultado restava-lhe apenas cumprimentar todos os jogadores e o técnico da seleção. A menor pontuação atribuída pelos comentaristas foi um 8,5, por Mauro Cezar Pereira. O jornalista considerou a exibição positiva, mas ponderou a excentricidade do jogo em questão, ressaltando que tal característica não desabonava as considerações feitas pelos jornalistas em *Linha de Passe* relativas às apresentações anteriores. Pereira também questionou a verdadeira importância que o título possui e afirmou que a vitória ajudará na construção do time para a Copa do Mundo de 2014 se a seleção brasileira não se acomodar com a conquista.

É preciso entender que tudo o que foi dito dos outros jogos não tem nada a ver com o que vai ser falado a partir de agora neste programa, amanhã ou durante a semana sobre este jogo. Porque o Brasil, de fato, desta vez jogou muito bem. Isto é óbvio, é até chover no molhado. Antes o Brasil não vinha jogando bem. Hoje aconteceu igualzinho na Copa América 2007: atuações ruins, aos trancos e barrancos, uma semifinal contra o Uruguai nos pênaltis, o Brasil quase foi eliminado, mas, quanto à Argentina, na final, estratégia perfeita. O time [...] venceu aquele título de maneira inquestionável, avassaladora. Hoje foi parecido, neste aspecto. [...] Uma grande atuação, mas sempre com uma ressalva que não pode ser colocada de lado: Isso é Copa das Confederações. O Brasil ganha a quarta, a terceira seguida. Que importância tem isso em relação à Copa do Mundo? Muito pouco. (PEREIRA, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 30 jun. 2013)

Em entrevista coletiva concedida na véspera do jogo decisivo, o lateral-direito da seleção brasileira Daniel Alves, jogador do Barcelona, aguçou a discussão em torno

da prática de um jornalismo-torcedor¹⁶⁹. O atleta sugeriu que a imprensa esportiva brasileira seguisse o exemplo da espanhola, que segundo ele, “torce pela seleção”. Segundo apuração do site de notícias *Lancenet*, a declaração gerou manifestações contrárias por parte dos jornalistas brasileiros nas redes sociais¹⁷⁰. Curiosamente, no dia seguinte à entrevista de Daniel Alves, jornalistas espanhóis que cobriam a Copa das Confederações no Brasil foram fotografados trabalhando no centro de imprensa localizado no Rio de Janeiro e no estádio Maracanã vestidos com a camiseta da *Fúria*. A conduta foi criticada por comentaristas da ESPN Brasil¹⁷¹.

Diante do exposto neste capítulo a respeito do discurso adotado em *Linha de Passe* para a cobertura da Copa das Confederações 2013, observa-se:

- 1) A manutenção de pontos de vista por parte dos comentaristas mais assíduos nas transmissões pós-jogos da seleção brasileira, desde a primeira até a última exibição do time. José Trajano (presente em quatro de cinco transmissões) deteve-se à análise jogo a jogo, oscilando entre boas e más avaliações, de acordo com os desempenhos pontuais da seleção brasileira. Juca Kfoury (presente em quatro de cinco transmissões) procurou ressaltar os aspectos positivos da seleção em cada exibição, independentemente da qualidade dos duelos; Mauro Cezar Pereira (presente em cinco de cinco transmissões) considerou pequenos os avanços alcançados pela equipe e utilizou estatísticas e retrospectos como instrumentos para validar sua opinião discordante com as escolhas táticas feitas pelo técnico da seleção brasileira Luiz Felipe Scolari; PVC (presente em cinco de cinco transmissões) manteve a expectativa pela evolução da equipe e buscou defender esta ideia como possível atenuante às atuações do time brasileiro consideradas ruins.
- 2) A incidência de críticas públicas, diretas ou indiretas, por parte de personalidades influentes no futebol à forma de se fazer jornalismo expressa pelo canal ESPN Brasil, legitimamente baseada na utilização de *Scouts*.

¹⁶⁹ Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/29/daniel-alves-critica-imprensa-do-brasil-e-pede-cobertura-a-la-espanhola.htm>. Acesso em: 7 nov. 2013.

¹⁷⁰ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/selecao/Selecao_Brasileira-Copa_das_Confederacoes-Espanha_0_947305304.html. Acesso: 7 nov. 2013.

¹⁷¹ Disponível em: http://www.espn.com.br/video/339556_bertozzi-detona-imprensa-espanhola-nao-tem-exemplo-pior-no-mundo-e-a-que-mais-torce-e-distorce. Acesso em: 7 nov. 2013.

- 3) Resistência às reclamações e defesa da postura editorial escolhida para abordar a cobertura da seleção brasileira no evento esportivo.

Posto estes elementos, o que se segue no próximo tópico é o detalhamento dos acontecimentos procedidos após a entrevista coletiva do técnico Luiz Felipe Scolari, no dia 26 de julho, depois da vitória da seleção brasileira de futebol sobre a equipe uruguaia, pela fase semifinal da Copa das Confederações 2013.

9 – Jornalismo-torcedor

Até o presente capítulo este trabalho abordou características do chamado “jornalismo-torcedor”, com destaque para a seção 5.5 (p. 43), cujo conteúdo enfatizou as relações dessa prática aos valores éticos do jornalismo. Definições acerca do “nacionalismo de ocasião”, conceito fundamental à compreensão dos ingredientes desta análise, foram mencionadas no item *Apresentação* (p. 5). Finalmente, após exposição no tópico anterior sobre a sucessão de fatores que originaram a importante declaração do técnico da seleção Luiz Felipe Scolari durante a Copa das Confederações sediada no Brasil, o trabalho apresenta adiante uma discussão prática acerca das relações entre os temas centrais deste estudo: Jornalismo esportivo e nacionalismo de ocasião.

No dia 29 de outubro de 2013, o técnico Luiz Felipe Scolari e a Confederação Brasileira de Futebol, CBF, deram nova demonstração de nacionalismo relacionado à seleção brasileira. Após a escolha do atacante brasileiro Diego Costa¹⁷² por defender a seleção da Espanha a partir daquela data, o treinador realizou um pronunciamento por meio da CBFTV, canal exclusivo da entidade brasileira, anulando a convocação prévia feita àquele jogador para atuar na seleção do Brasil. Felipão ainda procurou inflamar o ânimo dos torcedores, ao afirmar que o atleta estava “dando as costas para o sonho de milhões de brasileiros”¹⁷³.

Segundo reportagem de *O Globo*, em atitude mais agressiva, o presidente da CBF José Maria Marin teria solicitado ao departamento jurídico da entidade que iniciasse um processo judicial pedindo a cassação da nacionalidade brasileira de Diego

¹⁷² Diego Costa, 25, é um futebolista brasileiro, atacante do clube Atlético de Madrid, da Espanha. O jogador nasceu na cidade de Lagarto, em Sergipe, mas vive na Europa desde os 17 anos, quando foi atuar no Sporting de Braga, de Portugal. Passou por vários times até se destacar pelo Valladolid, da Espanha, em 2009. Foi contratado pelo Atlético de Madrid em 2010, mas se tornou titular apenas no final da temporada de 2012, depois de passar um ano emprestado a outra equipe espanhola. Diego possui dupla cidadania, a exemplo de outros nomes que passaram pela seleção brasileira, como o ex-lateral Roberto Carlos e os meias Kaká e Ronaldinho Gaúcho. No entanto, escolheu atuar pela Espanha por sentir-se valorizado no país onde conquistou seu crescimento pessoal, profissional e financeiro, conforme alegou em vídeo divulgado oficialmente por seu clube. (Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/copa-2014/noticia/2013/10/em-video-diego-costa-explica-por-que-escolheu-espanha-aqui-me-sinto-valorizado-4317655.html>. Acesso em: 9 nov. 2013)

¹⁷³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/10/felipao-sobre-diego-costa-dando-costas-para-o-sonho-de-milhoes.html>. Acesso em: 9 nov. 2013

Costa¹⁷⁴. Possibilidade prontamente negada por representantes da Secretaria Nacional de Justiça, tendo em vista que a nacionalidade é prevista legalmente como um direito fundamental, e cidadãos comuns e entidades privadas não possuem a prerrogativa de requisitar a perda da nacionalidade de terceiros¹⁷⁵.

Dois dias depois do comunicado, em 31 de outubro, o técnico Luiz Felipe Scolari concedeu entrevista coletiva para falar sobre os próximos amistosos a serem disputados pela seleção brasileira. Após responder a perguntas de diversos jornalistas, Scolari alterou sua expressão facial ao avistar o próximo profissional a lhe questionar: era o repórter Cícero Mello, da ESPN. Ao autor deste trabalho, como telespectador, pareceu ter permanecido um sentimento de restrição ao relacionamento com a emissora por parte de Felipão, hipótese que pode ser objeto de estudos e análises posteriores. Os jornalistas do canal, entretanto, não podem prescindir da abordagem ao treinador da seleção, tendo em vista que o mesmo representa importante figura na cobertura de notícias sobre a equipe nacional. A permanência de um ambiente hostil é uma consequência indesejada do atrito ocorrido em junho de 2013.

Episódios como os citados acima demonstram que as recorrentes apropriações da representação nacional do futebol em sentido bélico não apontam para um final a curto prazo. Uma partida de futebol não é, senão figurativamente, uma batalha. Uma Copa do Mundo não se trata de uma guerra mundial. A cobertura da imprensa não é espionagem inimiga. E, por fim, os atletas não são soldados para que se justifique esta visão do jogador que não quer defender a seleção como um desertor digno de punição. O futebol envolve paixão, mas no mundo moderno também abrange a seara dos negócios. A CBF entende, por meio de seu diretor jurídico Carlos Eugênio Lopes que a escolha de Diego Costa foi motivada por dinheiro¹⁷⁶. E se for verdade? Futebol é sua profissão.

É importante ressaltar que Diego é uma exceção entre tantos outros que “sonham”, como sugeriu Felipão, defender a seleção do país em que nasceram. A atenção a se

¹⁷⁴ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/cbf-acusa-diego-costa-de-escolher-espanha-por-dinheiro-10599545>. Acesso em: 9 nov. 2013.

¹⁷⁵ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/cbf-nao-pode-pedir-perda-de-nacionalidade-de-diego-costa-diz-secretario-10606875>. Acesso em: 9 nov. 2013.

¹⁷⁶ Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/10/30/diretor-da-cbf-diz-que-diego-costa-escolheu-a-espanha-por-dinheiro.htm>. Acesso em: 9 nov. 2013.

ter no caso deve ser no sentido de que haja uma regulamentação da Fifa para que não se torne comum e arbitrário o trânsito de jogadores estrangeiros em seleções nacionais. Até lá a exceção não dita a regra. O que fica de impressão para grande parte do público que assiste a estes desdobramentos não é nada além da reiteração de uma conduta inapropriada por parte da Confederação e de seus personagens, que confundem seleção nacional com Nação em um momento esportivo essencialmente globalizado.

O jornalismo esportivo está envolvido nestes assuntos não somente quando reporta os acontecimentos. Vez ou outra encontra-se no próprio cerne da questão, sendo o responsável direto por elevar ou não este sentimento nacionalista exacerbado. Ainda que a equipe envolvida não seja a seleção brasileira nem mesmo sejam os atletas personagens centrais, há uma cultura equivocada existente no meio futebolístico de que a imprensa tem de tomar partido nas pautas que aborda. Não tem. Sua atuação é a própria ação de abordar, tornar público, fazer saber, transmitir. O caso a seguir ilustra esta relação entre profissionais do futebol e da imprensa.

Em 5 setembro de 2013, o então técnico do clube Vasco da Gama Dorival Junior, criticou o calendário brasileiro de futebol durante entrevista coletiva após a partida entre seu time e o Náutico, válido pela 18ª rodada do Campeonato Brasileiro. Dorival afirmou que a alta frequência de partidas e pequeno intervalo para descanso dos jogadores era um desrespeito aos atletas. Propondo uma solução, o treinador sugeriu que técnicos, jogadores, diretores de clubes, profissionais de esporte e *imprensa* se unissem em prol da reformulação do calendário¹⁷⁷.

Três dias depois, em 8 de setembro de 2013, após novo jogo de seu time, desta vez contra o Atlético Paranaense, pela 19ª rodada do Campeonato Brasileiro, Dorival Junior utilizou os microfones da *Rádio Tupi*¹⁷⁸ para fazer um novo desabafo no mesmo sentido:

Está na hora de nós tomarmos uma posição, da **imprensa** se juntar em uma só voz e a gente mudar isso aí. [...] Não vejo ninguém agora levantar voz, dar mão à palmatória, quem elaborou essa tabela, quem permitiu essa

¹⁷⁷ Disponível em:

http://www.lancenet.com.br/vasco/Dorival-criticar-calendario-CBF-respeitar_0_987501495.html

Acesso em: 9 nov. 2013.

¹⁷⁸ Disponível em: <http://www.supervasco.com/noticias/dorival-pede-mobilizacao-dos-clubes-para-mudancas-no-calendario-do-futebol-1548.html>. Acesso em: 9 nov. 2013.

situação? O futebol está caminhando para um momento muito difícil, muito complicado. Está na hora de nos ajudarmos um pouco, alguém tem que tomar uma iniciativa, não sei quem. (JUNIOR, 2013, grifo nosso)

A sugestão de Dorival Junior, expressa e reiterada, de que a imprensa integrasse um suposto grupo para reivindicar progressos no futebol demonstra que o técnico realmente “não sabe” quem deve tomar a iniciativa. O papel da imprensa é noticiar os acontecimentos. No momento em que houvesse um movimento atuante neste sentido, os jornalistas de diversos veículos estariam na cobertura. Foi o que aconteceu dias depois quando um grupo inicial de setenta e cinco futebolistas profissionais publicou um manifesto solicitando uma reunião com a CBF para discutir melhorias no esporte¹⁷⁹. Foi gerado o fato, a imprensa cobriu e repercutiu o acontecimento. Um mês depois, em outubro de 2013, o grupo de atletas intitulado Bom Senso FC contava com 870 adesões de jogadores profissionais, além do apoio de treinadores e dirigentes ligados ao esporte. Segundo matéria da Revista Fórum¹⁸⁰, o grupo

[...] construiu um dossiê comparando os calendários dos jogos entre o Brasil e outros países, levantando os prejuízos físicos que o excesso de jogos trazia para os atletas e lembrando a legislação que protege os trabalhadores. Baseados nesses argumentos, os atletas apresentaram cinco reivindicações: três referentes ao calendário – 30 dias corridos e irrevogáveis de férias, um período de quatro a seis semanas para pré-temporada, e um limite máximo de sete jogos por mês; e duas mais políticas, exigindo a transparência e o controle das finanças dos clubes e a inclusão de atletas, treinadores e executivos de futebol no conselho técnico das competições e entidades. (FORUM, 2013)

Esta é a antiga e eficiente fórmula para evitar o desgaste da imagem da imprensa esportiva na relação com episódios que exigem de seu trabalho obrigações que não lhe cabem: o foco na informação e consequente firmeza nas atitudes de rejeição aos apelos pela prática de um jornalismo-torcedor.

¹⁷⁹ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/atletas-divulgam-manifesto-cobrando-reuniao-com-cbf-sobre-calendario-de-2014,7d73e9c8bb941410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 9 nov. 2013.

¹⁸⁰ Disponível em: <http://revistaforum.com.br/blog/2013/10/coisa-de-profissional/>. Acesso em: 9 nov. 2011.

9.1 – A crítica de Felipão

Em setembro de 2012, a pesquisadora mineira Christiane Paschoalino, publicou estudo de caso abordando uma possível desconstrução de identidade da seleção brasileira diante de seus torcedores. Partindo da hipótese de que as atenções do público brasileiro contemporâneo diante da midiatização do futebol estariam mais voltadas às experiências de clubes que à seleção nacional, a autora comprovou por meio da aplicação de questionários que grande maioria (80%) dos torcedores preferia acompanhar pela televisão jogos do campeonato nacional em vez dos amistosos da seleção brasileira (2012, p. 14). Paschoalino concluiu por sua pesquisa que o gradual distanciamento da torcida em relação à seleção foi motivado por uma “perda do encanto” provocada, entre outras justificativas, pelo êxodo de jogadores brasileiros ao exterior, pela adoção de um estilo de jogo europeu – essencialmente diverso da maneira praticada no futebol brasileiro ao longo dos anos – e pela falta de comprometimento dos atletas convocados (2012, pp. 8, 9).

O estudo realizado por Paschoalino corroborou por métodos científicos uma sensação preexistente em boa parcela dos brasileiros. Em setembro de 2012, o jornalista e blogueiro Vitor Birner avaliou que “o longo namoro” da população brasileira com a seleção passava por séria crise. “É fácil achar alguém que foi apaixonado pela camisa verde e amarela e hoje não mostra o menor interesse. A destruição do amor provocou outros estragos. Quem gosta do Brasil, o faz de maneira fria”, publicou em seu blog¹⁸¹. Em entrevista promovida pelo Ministério do Esporte e pela Empresa Brasil de Comunicação, EBC, em janeiro de 2013, o treinador Luiz Felipe Scolari e o ministro Aldo Rebelo admitiram que o torcedor brasileiro estava distante da seleção de futebol¹⁸².

Em 14 de junho de 2013, um dia antes da estreia do time na Copa das Confederações 2013, diante da equipe do Japão, Scolari reforçou os apelos ao povo brasileiro para que houvesse apoio à equipe por ele dirigida. Felipão reconheceu, entretanto, que a torcida a favor deveria ser conquistada por meio das boas

¹⁸¹ Disponível em: <http://blogdobirner.virgula.uol.com.br/2012/09/10/so-a-cbf-pode-melhorar-o-pessimo-relacionamento-da-selecao-com-os-torcedores-brasileiros-marin-nao-parece-disposto-a-fazer-o-necessario/>. Acesso em: 8 nov. 2013.

¹⁸² Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-01-24/scolari-e-ministro-do-esporte-reconhecem-que-torcedor-brasileiro-esta-distante-da-selecao>. Acesso em: 8 nov. 2013.

atuações do time¹⁸³. Mesma condição identificada pela pesquisadora Christiane Paschoalino (2012) em seu trabalho sobre torcida e seleção.

[...] nem tudo está perdido. São imensas as chances que a Seleção possui para reconstruir sua identidade e, talvez, nem seja uma missão tão complicada. Basta que os jogadores retomem aquele futebol romântico, coloquem novamente em campo o futebol-arte, que já encantou milhões de torcedores, e demonstrem que sentem orgulho em vestir a camisa verde e amarela para representar uma nação apaixonada por este esporte. (PASCHOALINO, 2012, pp. 14, 15)

No *Linha de Passe* de 21 de junho, Paulo Vinícius Coelho concordou com o pedido de Luiz Felipe Scolari e considerou que o convite ao incentivo do público não era uma atitude “patrioteira”, nem mesmo uma exigência de apoio incondicional. “A seleção brasileira precisa ter uma torcida que grite por ela, que entenda o jogo, que incentive quando tem que incentivar, que critique quando tem que criticar, que seja uma torcida de futebol” (PVC, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 21 jun. 2013).

Porém, em dado momento da competição, Felipão irritou-se precisamente com as análises feitas pelo programa do qual participava Paulo Vinícius Coelho. De modo específico, com críticas ao estilo de jogo empregado na seleção brasileira. Desta irritação surgiu o desabafo que demonstra um claro desconhecimento do técnico sobre o papel do jornalismo na sociedade. O discurso proferido por Scolari está reproduzido a seguir com exatidão (naquele momento da coletiva, um jornalista se preparava para formular uma pergunta. Felipão selecionou um papel em sua bancada e começou a falar):

“Olha! Espere só um pouquinho, antes que tu fale (sic). Não é para ti, não é para ti! Deixa só eu dizer. Posse de bola, gente, sessenta e cinco para o Brasil, trinta e cinco para o Uruguai. Número de passes, quatrocentos e vinte e cinco para o Brasil, duzentos e cinquenta para o Uruguai. Finalizações, dezenove para o Brasil, dez para o Uruguai. Faltas. Faltas! [aqui o treinador aproxima o microfone de sua boca] Tá? Vou falar aqui bem, mais uma vez. Faltas! Inclusive para aquele canal que faz o *Scout* que eu jogo só assim. Aqueles artistas! 14 do Brasil e 24 [aqui o treinador aproxima o microfone de sua boca], viu? Do adversário. Porque eles estão... Eu quero que vocês saibam que tem alguns, alguns... Uma televisão que joga contra o Brasil. E que só induz o árbitro que o Neymar faz isso. Ah, que o nosso time bate. Ah, que isso, que aquilo. Tá na hora de canalizar esforços para o Brasil, não contra o Brasil. Ah, e desculpe, desculpe Sílvio [jornalista que faria a pergunta]. Eu não tô voltando a ser ignorante não, viu?” (SCOLARI, 2013).

¹⁸³ Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/noticia/2013/06/videos-genet/video-felipao-pede-apoio-de-torcida-na-copa-das-confederacoes.html>. Acesso em: 7 nov. 2013.

De fato, Felipão não foi indelicado em seu tom de voz, diferentemente de outras oportunidades em que, conforme sua confissão, “foi ignorante” no trato com a imprensa. Demonstrava tranquilidade. Esta característica aliada às anotações que consultou durante a explanação indicam a premeditação de sua manifestação. Apesar disto, em nenhum momento o treinador que dirigiu dezenove times de futebol, entre clubes e seleções, e também foi atleta profissional por quinze anos – por isto lidando há tempos com a cobertura esportiva – parece ter ponderado sobre os pressupostos fundamentais que regem a prática jornalística, como a divulgação da informação precisa e correta como exercício de responsabilidade social e a liberdade de imprensa¹⁸⁴.

A atitude de Scolari reverberou não apenas no meio jornalístico ou entre o público espectador da ESPN Brasil, mas também na própria delegação da seleção brasileira. Três dias depois da declaração do técnico, um de seus comandados voltou a se queixar dos métodos de cobertura adotados pela imprensa esportiva brasileira, desta vez de forma genérica¹⁸⁵. O jogador Daniel Alves utilizou em sua entrevista o termo “torcer”, enquanto Felipão adotou a expressão “jogar”. Ambos, entretanto, reivindicavam uma mudança de postura por parte dos jornalistas brasileiros, com objetivo de que os mesmos se tornassem “otimistas” e favoráveis à seleção nacional em suas abordagens.

¹⁸⁴ Incisos I e III do Artigo 2º, Capítulo I, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. (Disponível em: http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf. Acesso em: 7 nov. 2013).

¹⁸⁵ Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/29/daniel-alves-critica-imprensa-do-brasil-e-pede-cobertura-a-la-espanhola.htm>. Acesso em: 7 nov. 2013.

9.2 – A resposta dos jornalistas

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, em seu Capítulo II, Artigo 6º, Inciso VII, declara como dever profissional o combate ao controle da informação. Em defesa desta obrigação, jornalistas da ESPN Brasil e de outros veículos, manifestaram suas opiniões contra a declaração de Luiz Felipe Scolari. Sobre o episódio, o jornalista João Paz, via texto publicado em Observatório da Imprensa¹⁸⁶, questionou se informar números exatos é sinônimo de torcer ou jogar contra, e se, pela ótica de Felipão, seria melhor distorcer os fatos. Segundo Paz, o jornalismo esportivo é naturalmente rodeado pelo dilema de torcer, mas o pensamento equivocado e extremista transmitido ao público é prejudicial. Além disso, o autor considera que “números são números e apresentá-los não classifica quem os faz como contrário ou a favor”.

O trecho específico do discurso de Luiz Felipe Scolari que se referencia incisivamente a um jornalismo-torcedor, na acepção da palavra de apoiar, incentivar, impulsionar, é a parte final, na qual Felipão diz que “é hora de canalizar esforços para o Brasil”. É recorrente no meio futebolístico, entretanto, o uso da metáfora de que “torcida joga junto”. Uma pesquisa simples por estes termos em sites de buscas retorna diversos resultados contendo frases de atletas, treinadores e torcedores exaltando a participação deste grupo junto aos personagens do jogo de futebol. Em termos práticos, a multidão que se reúne nos estádios, em seus arredores ou diante de transmissões via rádio, TV ou Internet não entra em campo, mas o apoio prestado é importante a ponto de legitimar a comparação. Afinal, são os fãs de futebol que mantêm o mercado do esporte aquecido por meio de suas várias formas de consumo, como abordado no tópico 5.3 – *Futebol como negócio no Brasil* (p. 24). Assim, propõe-se a compreensão, para esta análise, do termo “jogar” como sinônimo de “torcer”.

Em junho de 2010, três anos antes de serem oficialmente iniciadas as competições Fifa sediadas no Brasil sessenta e quatro anos após o Mundial de 1950, o jornalista Paulo Vinícius Coelho publicara em sua coluna na *Folha de São Paulo* um texto cujo título era objetivo: *Imprensa não torce*. Naquele período, às vésperas do início da

¹⁸⁶ Disponível em:

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed753_por_uma_midia_que_torce_ou_distorce. Acesso em: 8 nov. 2013.

Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, a imprensa brasileira também se deparou com a mesma discussão reaberta pela declaração de Felipão na Copa das Confederações 2013. PVC citou o caso da repórter da TV Record Mylena Ciribelli, que teria dito em uma das perguntas direcionadas à comissão técnica da seleção brasileira que, antes de jornalistas, os profissionais ali presentes eram torcedores do Brasil. Para Coelho, Ciribelli “errou na medida”.

Os jogadores e o técnico acham mesmo que uma das missões da imprensa é ajudar a seleção. Não é. [...] Jornalista nenhum deve ir à Copa para torcer, nem contra nem a favor de seleção nenhuma. Não quer dizer que se esteja proibido de socar o ar na hora do gol. Quer dizer que os jogadores e a comissão técnica deveriam entender que uma notícia não deixará de ser publicada, nenhuma crítica deixará de ser feita, mesmo que provoque um terremoto na concentração brasileira. O tempo dirá se a avaliação foi correta ou equivocada. No exercício de sua profissão, jornalista não tem time, não tem amigo nem inimigo. Seu gol é a notícia. Gol contra é informação errada. (COELHO, 2010)

Naquele episódio os jornalistas brasileiros estavam distantes do país, em outro continente. Com o Mundial de 2014 sendo realizado no Brasil e a população disponível a incentivar a seleção brasileira, questões acerca de jornalismo esportivo e torcida tendem a se multiplicar e receber repercussão maior. O posicionamento de PVC, funcionário da ESPN, expresso em 2010, representa a atitude adotada pelos jornalistas da emissora em 2013. Leonardo Bertozzi ressaltou no programa *Linha de Passe* de 26 de junho que nenhum dos comentaristas do programa tinha ou deveria ter intenção de jogar a favor ou contra a seleção, mas sim de analisar e opinar. Mauro Cezar Pereira, durante a mesma edição de *Linha de Passe*, dirigiu uma mensagem ao técnico Felipão, evidenciando, além de uma referência ao teor pessoal de suas recorrentes críticas, um espírito de cumplicidade entre os comentaristas, apesar de suas opiniões ocasionalmente divergentes.

Não conheço pessoalmente Luiz Felipe Scolari, não tenho a menor intenção de me tornar amigo de Luiz Felipe Scolari, respeito Luiz Felipe Scolari porque me parece um profissional sério, que trabalha, tem os seus métodos – que eu posso concordar ou discordar, como qualquer um de nós – mas posso assegurar o seguinte: Da minha parte, acho que dos nossos companheiros todos aqui, não vai encontrar bajulação, ninguém puxando o saco, ninguém fazendo média, tampouco enchendo a bola para, no dia em que eventualmente levar um tombo, apontar defeitos, apontar erros, como a gente já viu por aí. (PEREIRA, *Linha de Passe*, ESPN Brasil, 26 jun. 2013)

José Trajano procurou considerar a reclamação do treinador subjetivamente, atribuindo a Scolari o mesmo perfil de outros técnicos que dirigiram a seleção em

outras épocas e a enxergavam em um patamar imune a críticas. Porém, do ponto de vista da apuração e transmissão da informação, Trajano avaliou a queixa como incompreensível, tendo em vista que os dados repercutidos pela emissora eram baseados em estatísticas e não em invenções. Em relação às faltas cometidas pela seleção brasileira, elemento de avaliação sublinhado no discurso de Felipão, o jornalista João Paz apurou que a ESPN Brasil não havia sido o único, nem sequer o primeiro veículo a abordar a temática com uso de *Scouts*.

[...] diversos veículos repercutiram os números faltosos do time brasileiro. O ponto inicial dessa discussão foi uma matéria do site globoesporte.com que apresentou detalhadamente o dado, levantado pela organizadora do evento (Fifa). Na segunda-feira (24/6), o tema foi debatido na mesa-redonda da ESPN Brasil (programa *Linha de Passe*). No dia seguinte, o jornal *Folha de S. Paulo* falou sobre essa questão na matéria com o seguinte título: “Brasil é o time que mais bate na Copa das Confederações; Neymar é o mais faltoso”. Na mesma data, o programa *Redação*, do canal esportivo SporTV, também discutiu o assunto. Se a ESPN Brasil foi mais enfática nessa discussão, não pode ser tida como o único veículo que falou sobre; muito menos de que “joga contra”. O que a emissora fez está dentro do esperado – levar a informação ao telespectador de um fato que não é tão comum para a seleção. Tanto que a repercussão não se restringiu à ESPN Brasil. Os exemplos aqui citados são apenas alguns entre tantas outras matérias sobre o alto número de faltas que o time brasileiro cometeu na primeira fase da competição. (PAZ, 2013)

A despeito destes fatos, a ESPN Brasil foi a única apontada publicamente por Luiz Felipe Scolari como a “televisão que joga contra o Brasil”. Uma demonstração de visão polarizada, de ataque gratuito e até inconsequente, na medida em que a crítica pode comprometer a visão do público a respeito do canal. O alcance atingido por uma entrevista coletiva de Felipão, reproduzida em diversos veículos de comunicação, é superior à abrangência do trabalho diário produzido pela emissora de TV por assinatura.

Entre os possíveis desdobramentos do ataque direto de Scolari à ESPN¹⁸⁷ estão a migração definitiva de espectadores ocasionais identificados com a seleção, o atrito entre profissionais desta emissora e representantes de outros veículos de imprensa e o estabelecimento de um clima hostil por parte do treinador ante as abordagens feitas por profissionais desta empresa, citado anteriormente.

¹⁸⁷ Luiz Felipe Scolari não se referenciou nominalmente à ESPN, mas a descrição do método de apresentação de dados, característico da emissora, deixou claro o direcionamento. Além da apuração do portal Terra que indicou a emissora como o alvo das críticas, segundo o jornalista João Paz, “todos os presentes na sala de imprensa e os que acompanhavam atentamente o noticiário esportivo, assimilaram prontamente quem o treinador atacava: a ESPN Brasil”.

Nas páginas seguintes está o capítulo final desta monografia, contendo conclusões a respeito dos temas e episódios abrangidos pelo trabalho, bem como perspectivas do autor acerca do potencial de aproveitamento do jornalismo esportivo como objeto de estudo e pesquisa nas universidades ainda em um futuro breve.

10 – Conclusões

O futebol é instigante. Ter a oportunidade de opinar publicamente também. Contudo, se o meio que possibilita ao indivíduo a propagação de seu pensamento é o jornalismo, há que se respeitar as regras por ele estabelecidas. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros não é sequer extenso (possui quatro páginas e dezenove artigos) e os princípios constantes no documento não exigem esforços hercúleos para serem respeitados. O caminho para tal é não sucumbir ao exagero e manter a fidelidade à informação.

Independentemente do enfoque dado pela imprensa, o futebol já figura no auge dos interesses do público brasileiro. Como defendido por diversos personagens ao longo desta monografia, o sentimento, a paixão e a emoção são ingredientes inerentes ao esporte. Caso o jornalismo esportivo pautasse suas ações apenas em repercussão de resultados, sem apelo à faceta torcedora do público (o que não significa que a imprensa em si deva torcer), é bem provável que a relação estabelecida entre o brasileiro e o futebol pudesse ser diferente da que hoje se verifica.

Existe uma valoração especial do discurso, da linguagem e do sensacional no jornalismo esportivo que o trabalho em questão não pretende combater. Entretanto, é necessário tocar no tema da moralização da cobertura esportiva na imprensa nacional. Moralização que não consiste, na visão deste autor, em nada mais do que preservar o campo profissional livre de ofensas públicas e cerceamentos de opinião, independentemente do sentido em que se produzam, como exemplificaram situações expostas neste trabalho. E, claro, a manutenção soberana do comprometimento com a informação apurada. As batalhas por audiências no jornalismo esportivo devem se balizar pela criatividade, não na picardia contra o concorrente, o público ou a fonte. Nos últimos anos, a ESPN Brasil tem se destacado por um modelo de jornalismo e de coberturas esportivas que prezam estes valores. Ainda assim, não escapou da crítica comprovadamente equivocada de Felipão contra seus métodos de abordagem.

A exemplificação tão díspar entre a habitual cobertura da seleção nacional pela imprensa esportiva portuguesa e a relação da imprensa esportiva brasileira com a seleção representante de seu país é provocadora. O apelo de Felipão não seria

necessário em Portugal, pois um jornalismo que é antes de tudo torcedor, que “veste a camisola” e joga junto sem disfarces já se opera ali. No Brasil é diferente, e por mais que este perfil crítico pareça mau aos olhos de técnicos, jogadores ou torcedores inflamados, ao jornalismo esportivo cai muito bem. Se os fatos mostram algo que mereça louvor, deve ser louvado. Por ser o fato, não por uma emoção do jornalista. Se revelam algo a ser criticado (para os jornalistas de *Linha de Passe* o número de faltas era digno de crítica), deve ser criticado. Não por uma animosidade prévia, mas por aquilo que o fato representa. Por meio da declaração de Felipão – e depois de Daniel Alves – a imprensa esportiva brasileira foi incentivada a adotar uma abordagem mais branda. Tanto melhor se não o fizer.

Sugere-se como assunto a ser abordado em trabalhos posteriores estudos de recepção que avaliem o modo como o público interpreta as diferentes abordagens de jornalismo esportivo praticadas no país. Espectadores, leitores e ouvintes preferem ser instigados a torcer ou ter acesso à informação dos acontecimentos? Ou ambas as opções? Por ora, a hipótese vigente é: o futebol é amplamente visto, a televisão é paga (mesmo a “gratuita” não é inteiramente gratuita), os ingressos não são baratos. Logo, os artistas do espetáculo podem ser exigidos, sendo função do jornalismo esportivo estabelecer este contato entre o público e as esferas de interesse onde ele não pode chegar.

Especialistas citados ao longo desta monografia são unânimes em definir a Copa do Mundo como evento catártico de identidade nacional por meio da representação exercida pela seleção brasileira. Entretanto, ainda na Copa das Confederações este sentimento começou a ser evocado a partir do discurso de Scolari. O nível de exposição dos acontecimentos referentes ao evento prévio ao Mundial foi imenso. A transmissão da final entre Brasil e Espanha quebrou o recorde de audiência para uma decisão deste torneio¹⁸⁸. Isto pode ser considerado um indício de como a Copa do Mundo 2014, confirmando projeções, proporcionará uma das maiores visibilidades entre as recentes competições deste modelo.

Tal atributo pode ser bem ou mal explorado pela imprensa esportiva brasileira, a depender da imagem que a mesma mostrará ao mundo. Na Copa se unirão com

¹⁸⁸ Disponível em: <http://placar.abril.com.br/materia/brasil-x-espanha-quebra-recorde-televisivo-da-copa-das-confederacoes>. Acesso em: 9 nov. 2013.

maior intensidade os efeitos da paixão popular, do campeonato jogado em casa, do evento em proporção internacional, dos investimentos polêmicos do Estado e das pretensões da seleção brasileira. O jornalismo como portador do apoio ao time tende a ser outra vez requisitado. Será oportunidade de reafirmar outra vez o compromisso com a informação correta, com os acontecimentos e, sobretudo, com o público.

Por esta perspectiva, espera-se que os temas jornalismo-torcedor e nacionalismo de ocasião ainda se desdobrem por muitos anos no Brasil. O raso aproveitamento dado ao tema nas escolas de Comunicação, verificado durante as pesquisas para esta monografia, soa paradoxal, já que o futebol está presente em manifestações de todas as classes sociais no Brasil. Parece justo e correto que os pensadores do jornalismo na atualidade não encarem o esporte apenas como entretenimento e dedicando-se somente a outros estudos no âmbito da Comunicação, tendo em vista que o jornalismo esportivo se integra tão bem ao principal alvo da atividade profissional: o público.

Recomenda-se, por isso – se necessário, tendo esta monografia como estímulo – maior abertura aos debates sobre o jornalismo esportivo dentro das universidades no país, tanto por meio do incentivo à produção de materiais acadêmicos quanto pela implantação de disciplinas curriculares relacionadas ao assunto. No tocante a produções acadêmicas, esta análise de cobertura da Copa das Confederações pode ainda contribuir com seu exemplo de integração de disciplinas de diferentes áreas para a elaboração de um método de pesquisa agregador.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho foram empregados conceitos relacionados à Semiótica na aplicação da análise do discurso como metodologia para a compreensão das ideias expostas por jornalistas e fontes nos episódios abordados. Por meio desta correlação buscou-se ambientar uma ferramenta do campo da Linguística à área da Comunicação, utilizando-se um tema presente nos estudos do Jornalismo. Parte da Semiótica debruça-se sobre os processos de construção de sentidos das palavras e ideias. Parte da análise de discurso também, pois privilegia quesitos ideológicos e culturais na constituição de mensagens. Observa-se que as considerações presentes na Semiótica e na análise do discurso são em boa parcela passíveis de conexão entre si. Experiência que demonstra o caráter multidisciplinar do futebol, do jornalismo esportivo e de seus temas.

11 – Referências bibliográficas

- AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BASTIDAS, Claudio. **Driblando a perversão**: psicanálise, futebol e subjetividade brasileira. São Paulo: Escuta, 2002.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BITTENCOURT, Fabiano. **Por que o Brasil é o país do futebol?**. Revista Super Interessante. Editora Abril. Maio 2006. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/esporte/brasil-pais-futebol-446418.shtml>>. Acesso em: 8 out. 2013.
- BORELLI, Viviane. **O esporte como construção específica no campo jornalístico**. Intercom, 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/ea984db34c55cfc94d2f75bb662887f6.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2013.
- BRANCO, Alberto Manuel Vara. **O Nacionalismo nos séculos XVIII, XIX e XX**: o princípio construtivo da modernidade numa perspectiva histórico - filosófica e ideológica. Revista Millenium do Instituto Politécnico de Viseu, ed. 36, Maio 2009. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium36/7.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2013.
- CALÇADO, Daniel; BERTUOL, Mayara Karoline. **A profissionalização do Futebol**. Revista Intertemas, 2010. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/2374/1801>>. Acesso em: 9 out. 2013.
- CALLIGARIS, Contardo. **Hello Brasil** – notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil. 4ª ed. São Paulo: Escuta, 1996.
- CATROGA, Fernando. **Pátria e Nação**. Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses, CEDOPE. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/P%C3%A1tria-e-Na%C3%A7%C3%A3o-Fernando-Catroga.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2013.
- COELHO, João Nuno. **“Vestir a camisola”** – jornalismo desportivo e a selecção nacional de futebol. Revista Media & Jornalismo. Vol. 4, nº. 4, Lisboa: 2004. pp. 27 - 39. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/mediajornalismo/article/viewArticle/6130>>. Acesso em: 16 ago. 2013.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DACOSTA, Lamartine (ORG.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/161.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2013.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. Disponível em: <<http://www.submit.10envolve.com.br/uploads/eee522045a4423e5905401f9121e50c5.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

DANIEL, Carlos. **Entre a paixão e o rigor**. In: LOPES, Felisbela; PEREIRA, Sara (Coord.). A TV do Futebol. Porto: Campo das Letras e Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da universidade do Minho, 2006, pp. 37 - 44.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. **Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória**. Alea: Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Faculdade de Letras – UFRJ. Vol. 7, nº. 2, julho – dezembro 2005, pp. 305 - 322. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2005000200010>. Acesso em: 16 out. 2013.

ERNST & YOUNG; FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. **Brasil sustentável – impactos socioeconômicos da Copa do Mundo 2014**. Departamento de Comunicação e Gestão da Marca, 2010. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/setor/textil-e-confeccoes/o-setor/mercado/Brasil_Sustentavel_Copa_do_Mundo_2014.pdf>. Acesso em 1 nov. 2013.

FERNANDES, Manuel. **O espetáculo desportivo em televisão: “treinar” as emoções no “jogo” da informação**. In: LOPES, Felisbela; PEREIRA, Sara (Coord.). A TV do Futebol. Porto: Campo das Letras e Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da universidade do Minho, 2006, pp. 53 - 59.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FREEMAN, Michael. **ESPN: The Uncensored History**. EUA: Taylor Trade Publishing, 2000. Resenha. Disponível em: <<http://www.barnesandnoble.com/w/espn-michael-freeman/1102884202?ean=9780878332397>>. Acesso em: 25 set. 2013.

GASTALDO, Édison Luis. **Copa do Mundo no Brasil: a dimensão histórica de um produto midiático**. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp. Nº. 41, 2004, pp. 115 - 133.

_____. **O futebol como um drama da vida social no Brasil**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Ed. 334. 2010, pp. 8 - 10.

GONDIM, Sônia Maria Guedes; FISCHER, Tânia. **O Discurso, a Análise de Discurso e a Metodologia do Discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural**. Universidade Federal da Bahia. Revista do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social – CIAGS. Cadernos Gestão Social. Vol. 2, Nº. 1, 2009.

GROSS, Luis Fernando Moretti. **“O Brasil não é tão poderoso quanto o futebol nacional”**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Ed. 334. 2010, pp. 13 - 14.

GRUPO de Mídia São Paulo. **Mídia Dados Brasil 2012**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.gm.org.br/page/midia-dados>>. Acesso em: 2 nov. 2013.

GUEDES, Simoni Lahud. **Copa do mundo: ritual quadrienal de nacionalidade**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Ed. 334. 2010, pp. 22 - 24.

GUERRA, Josenildo Luiz. **A objetividade jornalística**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia. UFBA. Salvador, 1998. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/infotec/teses97-99/guerra-ufba98.htm>>. Acesso em: 3 out. 2013.

LOBO, Felipe. **Copa das Confederações é um teste que vale pouco para Copa**. Revista Trivela, UOL, 2013. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/brasil/copa-das-confederacoes-um-teste-que-vale-pouco-para-a-copa>>. Acesso em: 10 out. 2013.

LOPES, Felisbela; PEREIRA, Sara (Coord.). **A TV do Futebol**. Porto: Campo das Letras e Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da universidade do Minho, 2006.

MEDEIROS, Nádia Xavier. **Como os diários esportivos Lance! e Olé narraram o clássico do futebol sul-americano pelas eliminatórias da Copa de 2010**. Monografia (Bacharelado em Jornalismo). Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. UnB. Brasília, 2009.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Do texto à História ou da História ao texto: a procura de uma passagem**. Revista Comunicação & Política, n.s., v.VII, n.3. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos: Cebela, 2000, pp. 233 - 236. Disponível em: <<http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/2000-3%20233-236%20Luiz%20Gonzaga%20Motta.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2013.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos; ASSAF, Roberto. **Seleção Brasileira 1914-2006**. 2ª. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=e7Jrej-ddv8C&pg=PA11&lpg=PA11&dq=:+Sele%C3%A7%C3%A3o+Brasileiras+90+anos+-+Antonio+Carlos+Napole%C3%A3o+e+Roberto+Assaf&source=bl&ots=ABQzykiwgu&sig=JG3T1wj m66_UpFv6XLRqJfiQMk4&hl=en&sa=X&ei=kvsPUaHOCY2v0AHhioH oDw&redir_esc=y#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 4 out. 2013.

OLIVEIRA, Adler Berbert; MELO, Tatianne Santos. **A comédia em destaque no Telejornalismo Esportivo da Rede Globo: Por Tadeu Schmidt e Tiago Leifert**. Intercom, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0263-1.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.

PASCHOALINO, Christiane Bara. **A Construção e (Des)construção da Identidade da Seleção Brasileira**. Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www2.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=50462>>. Acesso em: 19 set. 2013.

PASSOS, Carolina Teles Moreira. **O mito no jornalismo esportivo: 70 anos de Pelé no Globo Esporte**. Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-0253-1.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2013.

RAMOS, Roberto. **Futebol: Ideologia do poder**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1984.

RANGEL, Patrícia. **Globo Esporte São Paulo: Ousadia e Experimentalismo no Telejornal Esportivo**. Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0543-1.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2013.

REVISTA PLACAR. **Edições anteriores da Copa das Confederações**. 2013. Disponível em: <<http://placar.abril.com.br/copa-das-confederacoes>>. Acesso em: 10 out. 2013.

RIBEIRO, Alex. **Caso Escola Base – Os abusos da imprensa**. São Paulo: Ática, 1995.

ROCCO JR, Ary José. **Quando o resultado menos importa: a Cultura das Celebridades na Espetacularização da Cobertura do Esporte nos Meios de Comunicação de Massa**. Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0522-1.pdf>>. Acesso em 15 set. 2013.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. Disponível em: <http://www.faroldoconhecimento.com.br/livros/Educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica/Metodologia%20do%20futebol%20e%20do%20futsal/%C3%80_Sombra_das_Chuteiras_Imortais_-_Cr%C3%B4nicas_de_Futebol_-_Nelson_Rodrigues.pdf>. Acesso em: 23 out. 2013.

_____. **A Pátria em Chuteiras – Novas Crônicas de Futebol**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **O fim do passe e modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. Tese (Doutorado Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11434/000611188.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 set. 2013.

ROSE JR, Dante. GASPAS, Alexandre. SINISCALCHI, Marcello. **Análise estatística do desempenho técnico coletivo no basquetebol**. Educación Física y Deportes, Revista Digital. Ano 8, nº. 49, Buenos Aires: 2002. Disponível em: <<http://arearestritiva.files.wordpress.com/2013/05/13-05-2013-de-rose-jr-gaspar-siniscalchi-anc3a1lise-estatc3adstica-do-desempenho-tc3a9cnico-coletivo-no-basquetebol.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. Coleção Primeiros Passos. 26ª impr. da 1ª ed. de 1983. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTOS, Mariângela Ribeiro. **O Futebol na Agenda do Governo Lula: Um salto de modernização (conservadora) rumo a Copa do Mundo FIFA 2014.** Dissertação (Mestrado Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UnB. Universidade de Brasília. Brasília, 2011. Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9726/1/2011_MariangelaRibeiroSantos.pdf>. Acesso em: 13 set. 2013.

SAPERAS, Enric. **Os efeitos cognitivos da comunicação de massas:** as recentes investigações em torno da comunicação de massas: 1970-1986. Petrópolis: Asa, 1993.

SILVA, Maria Alice Siqueira Mendes. **Sobre a Análise do Discurso.** Revista de Psicologia da UNESP, 4(1). São Paulo, 2005, pp. 16 - 40. Disponível em:

<<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/30/55>>.

Acesso em: 16 out. 2013.

SOUZA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Cobertura esportiva na televisão:** critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal de Pernambuco. UFPE. Recife, 2005. Disponível em:

<http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/ind_li_chang_sousa.pdf>.

Acesso em: 26 set. 2013.

SOUZA, Flávio Vinícius Soares; SANTOS, Geimison Maia. **A Objetividade no Jornalismo:** Utopia ou Realidade?. Intercom, 2009. Disponível em:

<www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0079-1.pdf>. Acesso em 10 set. 2013.

TUCHMAN, Gaye. **A objetividade como ritual estratégico:** uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e "estórias". 1ª ed. Lisboa: Vega, 1993.

UNZELTE, Celso. **O jornalismo precisa resolver contradições.** São Paulo, Portal Imprensa, 14 maio 2012. Entrevista a Mariana Rennhard. Disponível em:

<<http://portalimprensa.uol.com.br/noticias/entrevista+da+semana/49706/o+jornalismo+precisa+resolver+contradicoes+diz+celso+unzelte>>. Acesso em: 27 set. 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 2002.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.